

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

José Carlos da Silva

CONFLITO E COOPERAÇÃO:
ESCUTAS E
APRENDÊNCIAS NO ASSENTAMENTO SINO.

Porto Alegre

2004

José Carlos da Silva

**Conflito e cooperação:
escutas e aprendizagens no Assentamento Sino**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientador:
Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer**

Porto Alegre

2004

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

S586c Silva, José Carlos

Conflito e cooperação : escutas e aprendizagens no Assentamento Sino / José Carlos Silva. Porto Alegre : UFRGS, 2004.

f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2004. Carvalho, Marie Jane Soares, orient.

1. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra - Relações pedagógicas - Rio Grande do Sul. 2. Movimentos sociais - Ação coletiva. 3. Educação - Assentamentos. I. Fischer, Nilton Bueno, orient.

CDU -

301.153(816.51)

Bibliotecária : Neliana Schirmer Antunes Menezes - CRB-10/939

Para Terezinha de Jesus Martins da Silva, minha mãe, que sempre me incentivou e supriu minhas necessidades para cursar o Mestrado, e para Alvício (*in memoriam*), meu pai, por ter, junto com minha mãe, garantido a vida e os cuidados e ensinando alguns mistério de ser gente, neste mundo – cuidados que possibilitaram este momento.

Ao término deste trabalho, quero agradecer...

... à amorosidade paciente e ao crédito sincero e encorajador de Nilton Bueno Fischer, meu orientador, que sempre entendeu meus processos de angústias como movimentos necessários para a criação deste trabalho acadêmico.

... aos colegas de percurso e de grupo de orientação, pelas vezes que trocamos experiências e por todas as vezes que deram seu apoio na medida certa. Pela amizade construída nestes dois anos e meio em que estivemos juntos.

...aos professores dos quais cursei disciplinas e aos professores que participaram da banca de defesa do projeto, por sua colaboração profícua para o enriquecimento do processo de pesquisa.

... aos familiares e colegas de trabalho, pelo apoio necessário em momentos de profunda inquietação e descoberta.

... aos participantes do Instituto de Humanização (IDH) pela escuta e pela força que transmitiram em alguns momentos difíceis na travessia do processo de pesquisa.

*Não cobiço nem disputo os teus olhos
não estou sequer à espera que me deixes ver através dos teus
olhos
nem sei tampouco se quero ver o que vêem e do modo como vêem
os teus olhos
Nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo
se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar
comigo
Não me digas como se caminha e por onde é o caminho
deixa-me simplesmente acompanhar-te quando eu quiser
Se o caminho dos teus passos estiver iluminado
pela mais cintilante das estrelas que espreitam as noites e os dias
mesmo que eu te perca e tu me perca
algures na caminhada certamente nos reencontraremos
Não me expliques como deverei ser
quando um dia as circunstâncias quiserem que eu me encontre
no espaço e no tempo de condições que tu entendes e dominas
Semeia-te como és e oferece-te simplesmente à colheita de todas
as horas
Não me prendas as mãos
não faças delas instrumento dócil de inspirações que ainda não vivi
Deixa-me arriscar o molde talvez incerto
deixa-me arriscar a barro talvez impróprio
na oficina onde ganham forma e paixão todos os sonhos que
antecipam o futuro
E não me obrigues a ler os livros que ainda não adivinhei
nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar
Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da
descoberta
e com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus
gestos
ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida.
(Ademar Ferreira dos Santos, 2001)*

RESUMO

Esta dissertação aborda as relações de conflito interculturais no Assentamento Sino, conflitos que impedem uma relação de cooperação entre os assentados. Para o estudo desse tema dos conflitos foram analisadas diversas situações de conflito que emergiram da observação e das entrevistas realizadas no grupo em estudo. A escuta de cada trajetória de vida é fundamental para reconhecer as singularidades e as diferenças culturais, nas quais o conflito se torna um potencializador das relações entre o grupo e o mediador social que o integra. Essas relações de tensão são, na realidade, o lado positivo das tensões, que se tornam visíveis, viabilizando relações de cooperação. Destaco que o processo pedagógico presente neste estudo se pauta na não-intervenção, ou intervenção sob suspeita, aprendizagens que, tanto podem ser de interesse individual ou coletivo, primando pelas singularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito e cooperação; escuta e aprendizagem; resignificação; educação e cultura.

EL RESUMEN

Esa disertación se acerca las relaciones interculturales del conflicto en el Assentamento Sino, los conflictos que obstaculizan una relación de la cooperación entre asentados. Para el estudio de ese tema de los conflictos si analizaba las situaciones diversas del conflicto que surgieron de la observación y de las entrevistas logradas en el grupo en estudio. Considerando que el escuchar de cada trayectoria de la vida es básico reconocer los singularidades y las diferencias culturales, en los cuales el conflicto si se convierte un potencializador de las relaciones entre el grupo y el mediador social que lo integra . Estos las relaciones de tensión están en la realidad lo lado positivo de las tensiones que brotan la visibilidad, haciendo relaciones posibles de la cooperación. Yo destaco que el atual proceso pedagógico en este estudio se gobierna en no – la intervención, o la intervención bajo suspicacia, los aprendizagens que, quizás, hacen situaciones apropiadas posibles de aprender, que tanto puede estar de interacción individual o colectivo, primando para los singularidades.

Palabra-llave: conflicto y cooperación; el escuchar y aprendizaje; el resignificación; educación y cultura .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – TECENDO APROXIMAÇÕES COM O TEMA.....	10
1 ASSENTAMENTO SINO: ESCUTAR, APRENDER, EDUCAR E DEFENDER A VIDA	15
1.1 Encontros de reconhecimento dos conflitos.....	15
1.2 A dimensão do conflito como estado de aprendizagem.....	20
1.3 Pesquisas em educação e sem terra.....	27
1.4 Conflito: do econômico ao afetivo.....	36
1.5 Processos de cooperação.....	46
2 CENÁRIO DA PESQUISA	51
2.1 Assentamento Sino: uma possibilidade em Porto da Figueira.....	51
2.2 Contexto de procedência e inscrição dos integrantes do Assentamento Sino.....	58
2.3 As famílias: sujeitos da pesquisa.....	60
2.3.1 Família A	60
2.3.2 Família B	62
2.3.3 Família C	63
2.3.4 Família D	65
2.4 Pressupostos teóricos que fundamentam a análise da pesquisa.....	67
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: AO CAMINHAR SE ABREM CAMINHOS.....	87
3.1 Trajetórias.....	87
3.1.1 Primeiro procedimento: aproximação com o cenário e sujeitos da pesquisa.....	89
3.1.2 Segundo procedimento: interação com os sujeitos.....	95
3.2 Entrevista: cultivo da escuta.....	96

3.3 Terceiro procedimento: desdobramento dos achados.....	99
4 PROCESSOS DE CONFLITO E APRENDÊNCIAS DOS ASSENTADOS PESQUISADOS	102
4.1 Acampamento: processo de iniciação, rito e conflito.....	102
4.1.1 A organização articuladora se repete no assentamento.....	108
4.2 O amanhecer na terra: o sonho, a possibilidade e o conflito.....	116
4.2.1 Individual ou coletivo: proximidade e distância.....	127
4.2.2 Conflito nos processos de intermediação.....	137
4.3 Conflito nas relações de vizinhança.....	152
4.3.1 A fofoca.....	159
4.3.2 Brincadeiras.....	162
4.3.3 Formas de resistência.....	166
4.3.4 Relações de poder.....	169
4.4 Conflito masculino/feminino.....	174
4.5 Outras considerações pertinentes ao Assentamento Sino.....	176
4.5.1 Os jovens no assentamento.....	176
4.5.2 As crianças no assentamento.....	178
4.5.3 O externo e o aleatório entram em cena.....	180
 CONSIDERAÇÕES FINAIS – RESSIGNIFICANDO A PROXIMIDADE EDUCATIVA.....	 183
 APÊNDICE.....	 193
 REFERÊNCIAS.....	 194

INTRODUÇÃO

TECENDO APROXIMAÇÕES COM O TEMA

***Quem detém a propriedade sobre a terra? De que forma?
Como pode vendê-la? Como há de comprá-la? Se ela nos
pertence, sim. Nós somos da terra. Seus filhos somos.
Sempre, sempre. Terra viva. Da mesma forma que cria as
larvas, assim nos cria também. Tem ossos e sangue. Tem
leite, e dá-nos de mamar. Tem pêlos, pastos, palha, árvores.
Sabe produzir comida. Faz nascer casas. Faz nascer gente.
Ela cuida de nós e nós cuidamos dela. Somos seus filhos.
Como pode ser vendida? Como pode ser comprada?***

(Arguedas e Isquierdo, 1970 apud Galeano, 1982, p. 256)

O tema deste estudo é as relações interculturais em que baseiam o conflito e a cooperação no seio de uma população rural, especificamente em um assentamento em Nova Santa Rita chamado de Assentamento do Sino, ao qual, porém, ao longo do trabalho, chamo de Assentamento Sino, por gestarem neste lugar uma identidade própria. É uma população que caracteriza uma comunidade por suas diferenças enquanto assentados e por suas dificuldades, que enfrentaram e ainda enfrentam, para conquistarem uma melhor qualidade de vida. São pessoas que ingressaram no Movimento dos Sem Terra por diversos motivos, sendo que o principal, reconhecido por eles, se relaciona com as dificuldades econômicas que enfrentavam na vida pregressa. São famílias humildes que possuem sonhos comuns de trabalho em conjunto, mas devido às inúmeras dificuldades vivenciadas ao longo de sua existência, vieram a estabelecer relações de conflitos que impediram o

desenvolvimento de um processo cooperativo institucionalizado no assentamento. Nesta tensão não conseguem articular um modo de vida que garanta uma melhor qualidade de vida – entendendo qualidade de vida no sentido da satisfação das necessidades básicas fundamentais que estes assentados reclamam necessárias. O processo de formação no acampamento não lhes garantiu uma autonomia no gerenciamento enquanto grupo de cooperados no assentamento, justamente por não saberem viver sem patrão, além de não terem um acompanhamento de um mediador que articulasse um processo pedagógico junto a eles no assentamento. Esclarecido esses primeiros pontos, acredito que todo o processo que estas pessoas experienciaram, e ainda experienciam, permeia os conflitos que hoje vivem. Esses momentos de aprendizagens podem ser o caminho mais seguro para levá-los a gerarem novas condições de vida no seio desta comunidade, como atores de seu próprio desenvolvimento.

Acredito que a pesquisa realizada pode “abrir os olhos” para a condição de conflito que vivenciam, reconhecendo o porquê desse conflito e, talvez, a descoberta dos caminhos a seguir, através da devolução dos resultados da pesquisa para o grupo em questão, já que esta pesquisa tem como finalidade não apenas obter dados desta comunidade para realizar este estudo, mas lhes proporcionar uma oportunidade de entendimento de seus próprios mundos.

Penso que a pesquisa em si pode trazer situações singulares do modo de vida deste grupo, servindo como inspiração para outros estudos de grupos que apresentam a mesma problemática. O entendimento de como funciona um grupo humano se faz necessário, para não nos equivocarmos quando estamos inseridos,

ou trabalhando com grupos de populações marginais singulares, isto é, ter a devida aproximação com o grupo e conhecimento antes de praticar qualquer intervenção, e estar consciente de que a intervenção pode ser uma forma de impedir a autonomia. Porém, o fato de quisermos trabalhar com estes grupos já possui uma intencionalidade, seja ela a promoção da autonomia, então não podemos fugir dessa intervenção; o que reforço é que esta intervenção seja o menos prejudicial possível ao grupo, no sentido de não impedir a autoria, tendo presente que o grupo responde às expectativas de uma população maior e – por que não dizer? – da sociedade enquanto construto humano.

No desenvolvimento desse trabalho apresento algumas fotografias para ilustrar as condições em que se encontram no seu habitat essas pessoas, assim como apresento um consentimento informado, no qual as pessoas autorizam o uso das entrevistas e das fotos para a pesquisa, as entrevistas com as fitas originais e as transcrições para ficarem no banco de dados da Universidade, para outros interessados nesta pesquisa. Esse consentimento só foi feito para atender a uma demanda burocrática do Programa, visto que a cumplicidade que se estabeleceu entre as pessoas do assentamento e eu como pesquisador, dispensa qualquer formalidade nesse sentido. Acredito que um vínculo relacional estabelecido, valida um novo modo de relações interculturais que vivenciei no seio deste lugar que chamo de Assentamento Sino.

Os sujeitos da pesquisa vão ser identificados por codinomes para preservar a identidade, sendo que as falas no decorrer do texto vão se referir apenas a(o)

assentada(o) e raras vezes vou atribuir uma fala a um codinome, justamente para garantir o anonimato (proteção da identidade dos informantes), em prol de que não se faça nenhum juízo de valor em relação ao que foi dito ou referido das pessoas diretamente envolvidas na pesquisa. O uso de algumas falas longas tem por objetivo proporcionar um melhor entendimento no que se refere a algumas situações do convívio dos assentados em seu meio.

O primeiro capítulo introduz o tema de estudo, focado na dimensão do conflito, e a relevância desse tema no processo educacional, bem como a construção da temática pautada na cooperação a partir de interesses particulares em consonância com os próprios interesses dos envolvidos.

O segundo capítulo apresenta um breve cenário da pesquisa, os sujeitos envolvidos e expõe o referencial teórico utilizado para fundamentar os estudos e a pesquisa em si, e que busca dar um suporte para os temas levantados durante o trabalho.

O terceiro capítulo situa os procedimentos metodológicos, mostra como a pesquisa se desenvolveu, qual o caminho percorrido para dar conta do processo de trabalho (enfocando o método utilizado) de inspiração etnográfica (no qual o pesquisador se coloca muitas vezes como um sujeito reflexivo, mas que conserva uma certa distância do objeto para garantir a legitimidade, já que sou um pesquisador com uma intencionalidade no ato da pesquisa), bem como os instrumentos utilizados para a coleta dos dados e as possíveis análises.

O quarto, e último capítulo, aborda a questão do conflito em suas múltiplas dimensões, num primeiro momento analisando o conflito que perpassa o acampamento descrito como um processo de iniciação. O conflito na posse da terra e suas diversas etapas, como vivenciam a questão do trabalho coletivo e individual; a relação dos assentados com os mediadores, a relação dos assentados entre si, com suas famílias e com os vizinhos, demarcando relações de poder como fofoca e resistências de várias formas. Como o conflito assegura uma certa positividade, analisa-se as brincadeiras que emergem na vida cotidiana destes assentados como uma forma de cooperação ou um modo de relativizar as intrigas. Assim como as relações de gênero que se evidenciaram no assentamento, se caracteriza a vida dos jovens e das crianças, evidenciando as principais dificuldades que mais enfrentam no cotidiano. Abordo a interferência do externo e do aleatório na vida do assentamento.

As considerações finais emitem uma proposição acerca das descobertas na pesquisa. Não pretendendo um direcionamento, apenas destacar o relevante na pesquisa que evidencia o valor da vida humana como o princípio ético propulsor de qualquer inferência no campo educacional.

1 ASSENTAMENTO SINO: ESCUTAR, APRENDER, EDUCAR E DEFENDER A VIDA

1.1 ENCONTROS DE RECONHECIMENTO DOS CONFLITOS

Ao desenvolver um estudo de pesquisa nas Ciências Humanas, penso que a busca já garante que estamos numa caminhada de inserção, seja nos setores populares ou em algum segmento social. No meu caso, desde jovem venho buscando compreender o outro, o sentido da vida e a mim mesmo. Nessa caminhada, tive o privilégio de participar de um grupo de estudo, uma Organização Não-Governamental (ONG), o “Instituto de Humanização”, dedicada aos estudos das práticas sociais, orientada por um paradigma diferenciado. O objetivo dessa ONG é aproximar-se dos setores populares para compreender os seus processos, respeitando a cultura ali presente, apostando que “um outro olhar” e uma interação com essas pessoas possibilita que se aprenda algo, tal como se supõe que possa acontecer nos processos educativos. A partir dessa interação percebi que este desejo de querer compreender o outro era o desejo de me compreender e encontrar o meu lugar no mundo. Assim, cada vez mais questionador da questão social, sempre tentei entender o porquê de tantos problemas sociais, econômicos e de relacionamento. Nessa tentativa de entendimento e de aproximação das pessoas, como educador, comecei a entender como funciona o processo educativo, pelo qual eu passei e no qual eu não queria agir como tal, no papel de educador. Foi no grupo de estudo, referido anteriormente, que comecei a me entender no processo educativo, do qual já fazia parte, sem saber, por isso a resistência em aderir a uma pedagogia educativa que fazia do educando um depositário de informações, na qual

ele teria que devolver ao educador, através de uma prova, os conteúdos aprendidos, para mostrar que estava apto para a etapa seguinte, estabelecendo assim, uma relação de dominação/dependência, na qual existe alguém que sabe e alguém que não sabe, um ensina e o outro aprende. Esses questionamentos me levaram a buscar outros estudos para aprofundar o meu entendimento de um processo educativo diferenciado, foi o que me levou a buscar a Universidade como viabilizadora desse processo. Ao ingressar no Mestrado de Educação, minha intenção era desenvolver um processo de pesquisa que trouxesse junto a educação da escuta, do respeito pelo outro, pela diferença e, acima de tudo, possibilitar a autonomia dos sujeitos. Nessa tessitura foi se processando em mim o que gostaria de pesquisar.

Entre uns e outros desejos investigativos marcados na minha existência, inscreveu-se com maior vigor a singularidade de um assentamento rural. Esta inscrição não se deu por acaso. Ao ministrar um curso de Horticultura Agroecológica para um grupo de trabalhadores rurais, em janeiro de 2001, momento em que ainda não tinha nenhuma pretensão de realizar esta pesquisa, reconheci naqueles trabalhadores rurais uma grande vontade de melhorar suas condições de vida e de trabalharem cooperativamente num processo agroecológico. Esse reconhecimento resultou numa cumplicidade, pois após o término do curso, os trabalhadores resolveram que iriam organizar um grupo para trabalhar cooperativamente e me pediram algumas orientações. Assim, os acompanhei por algum tempo, mas os trabalhadores nem chegaram a ter uma produção em conjunto, se desentenderam e o grupo acabou se dissolvendo.

Minha inscrição junto a esse grupo não é gratuita, pois está marcada por um desejo e uma cumplicidade com aqueles que estão, ao meu olhar, em situações desumanizantes e buscam ajuda. Considerando que muitas comunidades vivem à margem da sociedade e que o desenvolvimento e a satisfação das necessidades humanas são a equação irredutível para enfrentar a magnitude dos problemas, é importante que se objetivem ações transdisciplinares, na perspectiva de acolher aspirações e orientar a construção dos projetos futuros, seja no âmbito micro, como é o caso da pesquisa, seja no âmbito macro, contexto no qual se inscrevem. Em qualquer caso, busca-se atingir o nível de qualidade nas relações e modos de vida, pois cada ação humana está preta de significados e atinge dimensões imperceptíveis. Nessa interação, também me reconheço enquanto ser humano; reconheço minhas descobertas e meu modo de problematizar o mundo, do qual decorre um “novo olhar” sobre a realidade, um olhar que se inscreve no respeito profundo pelo outro e pela sua cultura. Por isso o horizonte perseguido na pesquisa procura caminhar nesta direção. Esclareço que ainda continuo, muitas vezes, contaminado por aquilo que por muito tempo regulou meu modo de perceber a realidade.¹ Imagino que, em algum momento no processo de investigação, possa me equivocar e ser contraditório, pois este caminho passa por isso, de desejar agir diferente, mas estando muito enraizado nesta cultura de dominação/dependência que aprisiona nosso agir, conforme o aprendido. Isso tudo requer uma vigilância

¹Esse modo de entender o mundo provém de uma educação bancária (Freire) e uma cultura da dominação, nas quais esse modo se inscreve em nosso ser, e que, para deslocar, há que se fazer um esforço permanente de reflexividade, mas, mesmo assim, corre-se o risco de sermos contraditórios, pois ainda não podemos eliminar por

permanente para processar a pesquisa de acordo com “esse olhar diferenciado” sobre a realidade.

Acredito que por essa reflexão perpassam modos de como se estabelecem as relações grupais e de convivência coletiva que não deixam de ser um “problema ecológico”.² Talvez durante esta trajetória de buscar apreender e definir o problema da pesquisa, a vida tenha conspirado³ e me levado justamente ao que eu queria pesquisar. Hoje, após ter realizado a pesquisa, reafirmo que ela traduz o meu desejo, o dinamismo com que a vida nos presenteia quando estamos abertos para captar suas mensagens é surpreendente. Neste contexto que habitam os assentados, recheado de situações que nos levam à perplexidade, procuro realizar o estudo de um jeito diferente, dando ênfase à prática desse grupo que contém em si, implícita, diversas teorias.

Por ocasião do Fórum Social Mundial, ocorrido no mês de janeiro de 2003, na cidade de Porto Alegre, encontrei-me com Ricardo Cetrulo,⁴ que me sugeriu contemplar a questão das relações interpessoais no estudo, justificando que não

completo nossa condição mecânica de pensar o mundo.

²As relações que os seres humanos vivem também podem ser consideradas como um problema ecológico, pois obter relações que dignifiquem a vida, ao invés de danificar, requer uma ecologia da mente, do social (Bateson, 1972).

³Conspirado – termo que designa um outro jeito de se pensar a vida e o conhecimento. Conspirar é respirar juntos, estar imbuídos do mesmo sopro que faz a vida acontecer (Esse jeito de pensar a vida surge nos diálogos do grupo do Instituto de Humanização (IDH), no ano de 2002, em Porto Alegre).

⁴Educador popular, criador do “Instituto del Hombre”, no Uruguai, e coordenador do IDH em Porto Alegre.

teria muito sentido pesquisar a relação que estas pessoas têm com a terra ou com o plantio agroecológico (esse era o meu primeiro problema possível de pesquisa, a relação dos assentados com a terra, o meio físico), sem que essa discussão trouxesse à tona questões mais profundas que pudessem impedir uma relação de “sincronicidade” ou de cooperação. A reflexão sobre essa sugestão e sua relação com o que já havia percebido no anterior contato com o grupo de assentados foi determinante para que definisse o objeto de estudo deste trabalho de investigação, que se constitui na análise de como funcionam as relações interculturais entre os assentados do Assentamento Sino. Nessas relações investigo a questão do conflito que impede que se construam projetos de cooperação, contemplando os saberes ali presentes e a relação do mediador social com o grupo de assentados.

Partindo do pressuposto de que esse assentamento se originou de vários grupos que pertenciam ao Movimento Sem Terra, não deixo de lembrar que cada grupo desse movimento social tem uma especificidade, isto é, cada grupo no acampamento discute assuntos pertinentes a um campo de ação diferente do outro. Esses grupos chegam ao assentamento com idéias diferentes e não conseguem interagir para se organizarem. Isso se origina, em parte, pelo processo que viveram no acampamento e pelas diferenças culturais. Constato a fragmentação cultural de um sistema mecanizado que trata o todo em partes descontextualizadas com as demais áreas da vida humana. Acredito que isso contribuiu para que, quando estas pessoas viessem a constituir um novo grupo, surgissem conflitos e estes, não assumidos, possivelmente impossibilitariam uma ação conjunta eficaz e, ainda, desarticulariam o grupo estimulando uma não-aceitação “do outro” como legítimo

“outro” na convivência.

Assim, foram se processando diversos interesses de pesquisa, até chegar no Assentamento Sino e continuei a indagar o que realmente gostaria de pesquisar junto àquele grupo, após a elaboração do projeto com questões referentes às relações interculturais, entre mediadores e mediados, os saberes presentes naquele grupo e a cooperação que parecia ser um desejo, mas não acontecia, além da possibilidade de aprender com o grupo. Ao ter participado em uma disciplina de Antropologia do mundo, sob orientação do Professor José Carlos dos Anjos, e na defesa do projeto, devido a essas interações o problema de pesquisa se centrou nas relações de conflito no Assentamento Sino que abarcam essas dimensões interculturais, o porquê da existência de um conflito que impedia a organização de um grupo de cooperação, contemplando diversos tipos de conflitos que emergem no ato da pesquisa.

1.2 A DIMENSÃO DO CONFLITO COMO ESTADO DE APRENDÊNCIA

Penso que uma das grandes tarefas da educação, hoje, é se aproximar do ser humano, na escuta sensível, na amorosidade e na sensibilidade respeitosa. Esse mesmo ser que vem, ao longo da história, marcado por uma educação homogeneizadora, na qual se passou a reproduzir e repetir o aprendido, tolhendo qualquer forma de criação do novo. Não pretendo me fixar neste tipo de educação de dominação/dependência, pois já conhecemos e vivemos esse modelo, cujos

fundamentos se apóiam no mecanicismo dualista e fragmentário que estruturou o pensamento moderno, no qual a aplicação de uma teoria pronta nos impede de ver o inesperado. Da cultura, emanam pontos de vista, outras possibilidades de pensar, ou seja, ver o outro como possibilidade, que nós não conseguimos do lugar onde estamos. Nesta pesquisa estou junto com o grupo de assentados trilhando um caminho incerto, pois a cada momento somos surpreendidos pela realidade que emerge. Assim acontece o desmoronamento da idéia em si, pois do objeto, no caso o assentamento com todo seu conteúdo, emanam pontos de vista, assim não há nunca a natureza em si mesma, toda a natureza se dá a partir de um ponto de vista. Por isso a necessidade de um mergulho desprovido para ouvir o outro que constitui essa realidade emergente que se encontra rizomatizada por situações de conflito que é revelador de algo. Na medida em que há incerteza, e antagonismo, há possibilidade de ação, decisão, mudança e resignificação transformadora. Partindo dessa premissa, situo a problemática do conflito como relevante no processo educacional, pois ao se colocar a questão do conflito como “normal” de qualquer grupo humano, retira-se a sua real importância para o conhecimento dos grupos humanos, pois é no seio do conflito que a realidade emerge em sua totalidade, ali está presente o humano inteiro expressando sua dimensão mais “refinada” e sua dimensão mais “caótica”, ambas inerentes e fundamentais na vida, pois o humano constitui-se desta forma. Como refere Morin (1984, p. 63), “os antagonismos latentes irrompem quando há crise, e provocam a crise quando estão em erupção”.

Os conflitos nos permitem trabalhar temas diversos quando eles aparecem e são assumidos numa relação, seja ela escolar ou social, pois aí está uma prática

humana preche de significados para serem reconhecidos e compreendidos pelo grupo envolvido. Ao analisar e compreender esses antagonismos como geradores de vida, tendo presente o que cada sujeito traz consigo é fundamental, pois somos marcados por devir.⁵ A maioria dos assentados busca se igualar a um padrão de sujeito, tendo como referência a maioria – o agricultor que produz para o mercado – baseado na idéia de progresso que aparece na referência), abordam “de que forma o homem constituía a maioria ou, antes, o padrão que o condicionava: branco, macho, adulto, ‘razoável’, etc., em suma o europeu médio qualquer, o sujeito de enunciação” (Deleuze e Guattari 1996, p.89). No caso do Assentamento Sino, há um devir-agricultor de mercado que constitui uma entidade molar que baseia a estrutura do assentamento, portanto, o que apresento é que esse padrão entorpece a expansividade do devir, que é movimento, e pode aparecer em vários matizes, ou rizomatizado no seio do convívio desse grupo. Esse enfoque serve tanto para a compreensão dos conflitos como para a resignificação por parte do sujeito de sua subjetividade, pois a interação gera mudança e confrontação consigo mesmo, é o que Freire (1978) chama de avaliação. Avalio o processo que estou fazendo, e por que estou fazendo, olhando para o que trago comigo. Isso, segundo Cetrulo (2001), nos coloca numa dimensão de questionar o que queremos ser em sociedade, significando que a elaboração de um projeto passa pela tomada de consciência

⁵Devir: Devir: Termo utilizado por Heráclito (filósofo pré-socrático), para designar aquilo que ainda não se é, mas está por vir a ser, isto é, o não-ser. Mas que coexiste em cada indivíduo, como referiu Deleuze e Guattari. No caso da pesquisa, faço uso deste termo nesta conotação, para dizer que somos seres de devir, que a cada momento somos afetados por devir que movimentam a subjetividade do indivíduo.

crítica do que somos hoje como produto social.

A dimensão do conflito agrega uma importância circunstancial no momento em que vivemos, especialmente no campo da educação, que foi tolhido do seu meio, por um desconhecimento de que a existência humana vai possibilitando nuances na vida cotidiana, na qual não somos um ser que vai se moldando num crescente em direção ao ideal do humano, teorizado pelo essencialismo, mas somos um ser de devir, como sugere Deleuze e Guattari (1996), que ora ocupa um lugar de sujeito de acordo com o meio em que está inserido e as situações que está vivenciando, levando em consideração o devir que coexiste com este sujeito que o coloca em um situação ou outra. Construir um processo de educação que considere o referido acima, e todo o contexto no qual foi realizada a pesquisa e o seu estudo, como um espaço de aprendizagem,⁶ nos quais os sujeitos vão interagindo com o pesquisador e com a comunidade, buscando compreender o conflito instituído por eles, a partir da tomada de consciência crítica de sua ação no assentamento. Isso se revela no “jeito” que o pesquisador vai interagindo com o grupo, na coleta dos dados, nas entrevistas e na convivência cotidiana, e como vão se estabelecendo os vínculos com o pesquisador, no caso, como eu fui estabelecendo os vínculos com o grupo. Sem

⁶Aprendência (trata-se de um neologismo): Processo e experiência de aprendizagem. O termo pretende frisar o caráter de processo e personalização que está semanticamente embutido na terminologia disponível em outros idiomas, por exemplo: no italiano, *apprendimento*; no inglês, *learning, learning processes*; no alemão, *lerner*. Em português, temos *aprendizado* (foneticamente duro) e *aprendizado* (lavado com todas as águas behavioristas). Locuções com várias palavras são sempre possíveis, mas por vezes dão a impressão de circunlóquios pouco expressivos. Na língua francesa há quem se empenhe pelo mesmo tipo de neologismo: O termo “aprendizagem” (“*apprentissage*”) deve ceder o lugar ao termo “aprendência” (“*apprenance*”), que traduz melhor, pela sua própria forma, este estado de estar-em-processo-de-aprender, esta função do ato de aprender que constrói e se constrói, e seu estatuto de ato existencial que caracteriza efetivamente o ato de aprender, indissociável da dinâmica do vivo (Assmann, 1998).

dúvida, existe uma acolhida forte na nossa relação, pois a cada visita, seja para conversas ou para entrevistas, o chimarrão se fez presente, sempre num clima profundamente familiar e aconchegante, os convites para almoçar e jantar são freqüentes, fazem questão que eu receba os seus produtos, as hortaliças sem agrotóxicos, isso os deixa muito realizados, podendo oferecer do que produzem e denota a preocupação com a produção ecológica, preocupados com o que estão produzindo e como estão produzindo. Toda essa relação vai deixando marcas que, de alguma forma, vão se internalizando em nossas práticas cotidianas. Vão aqui algumas fotos que sinalizam a produção:



Foto da horta da família A.



Foto do cultivo de aipim da família B.



Foto de uma criação de suínos da família B.



Foto do cultivo de morangos da família A.

Penso que toda a pesquisa vai mostrando a relevância da dimensão do conflito no processo de uma educação diferenciada, que privilegie e acolha a história vivida por cada sujeito. Cada fala proferida ou mantida no silêncio, as possíveis considerações que trago, bem como a dos autores que privilegio neste estudo, vão traduzindo a relevância do problema do conflito no campo educacional. O conflito, visto em sua positividade, pode promover ou não uma mudança na vida do indivíduo, ou de seu grupo. Já que para os assentados o conflito era motivo para a não cooperação entre eles, entendendo cooperação ou não cooperação como parte integrante do conflito, pois esses antagonismos latentes que aparecem no assentamento são, na realidade, a expressão da outra face da solidariedade (Morin, 1984) que se manifesta no seio do sistema que caracteriza as relações entre os membros do assentamento e destes com o seu entorno.

1.3 PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E SEM TERRA

No processo de revisão de estudos sobre assentamentos rurais, pude verificar que poucos se aproximam da problemática que me impus investigar. Dentre aqueles que examinaram o tema, se observa um certo consenso de que os assentados devem ser compreendidos como identidades em construção a partir da realidade de convivência nos próprios assentamentos, local onde redes de interação se formam, surgem novas relações de vizinhança, de manifestações culturais e religiosas. Considera-se que um assentamento rural se constitui como um espaço de relações sociais educativas e que os assentados devem ser analisados como sujeitos que possuem saberes oriundos de suas práticas/experiências anteriores. No que se refere às formas de cooperação, se aponta que os assentados revelam ausência de participação real nesse tipo de organização. Definem um assentamento rural como um espaço de relações sociais influenciadas pela trajetória social dos assentados e, também, por sua relação com mediadores, o que a faz concluir que um assentamento pode ser percebido como um espaço de reconstrução de saberes, onde a heterogeneidade cultural emerge e o direito à diferença se torna explícito. Nesse sentido, é concebido o assentamento rural como um lugar que admite a criação e recriação de alternativas para a sobrevivência na terra, através das interações e diálogos mantidos nas reuniões formais e não-formais. Também é um espaço de aprendizado político constante, no qual o assentado não se caracteriza como sujeito que deva ser transformado, mas sim, como um sujeito que participa do processo de construção de sua realidade, de sua história. Essa forma de entender o assentamento se evidenciou na relação que objetivei manter com os assentados,

justamente para garantir trocas não direcionadas, em que eles pudessem realizar a experiência do contato comigo sem que eu lhes impusesse qualquer condição ou determinação de suas ações no grupo.

Entre esses estudos, o realizado por D'Incao e Roy (1995) se refere à cooperação, eficácia e liberdade nos assentamentos de reforma agrária, externando a relação dos pesquisadores no contexto dos assentamentos e suas possíveis intervenções no processo de vida destes espaços, sempre trazendo uma reflexão sobre esse processo e intervenção, mas especificamente tentando promover a autonomia de cada sujeito presente na interação entre os envolvidos. Estes autores, sem abrir mão da distância que assegura o rigor científico, levam às últimas conseqüências suas possibilidades de intervenção, enquanto pesquisadores. Mas não apontaram qualquer proposta de solução para os problemas individuais ou coletivos, acreditando apenas nas possibilidades de renovadas relações democráticas, direito à liberdade de expressão de cada um e, com isso, os trabalhadores vão substituindo, em seu cotidiano, as relações de dominação por verdadeiros processos de negociação. Neste tema destaco um estudo realizado por Comerford (1999) junto a assentamentos rurais, no qual frisa que o que está em jogo são as ligações, aparentemente banais, mas, as mais profundas, entre movimentos ou mobilizações e a organização social. O problema em foco não é a eficácia política desse ou daquele movimento, mas a própria socialização. Isto é, são os vínculos que levam à criação de movimentos de vários tipos, como os que servem de suporte ou cuja alteração pode levar a mudanças de rumo e até ao seu desaparecimento; são aqueles que produzem movimento e mobilizações, fazendo o grupo existir

socialmente, para os outros e para si mesmo, é um trabalho criativo que subverte a importância temática por buscar na brincadeira e na transversalidade as informações, tem um viés antropológico, mas nos direciona para o campo da educação, justamente por tratar do imbricamento das relações que permitem ampliar o conhecimento do sujeito na sua existência, o que garante uma tradução ao próprio sujeito do tipo de relação que ele estabelece no seu entorno, possibilitando uma tomada de consciência de sua condição.

Considerando as contribuições desses pesquisadores, é possível reconhecer a pertinência deste estudo cujos esforços estão dirigidos à compreensão de como funciona o assentamento, quais os saberes que ali existem, como se instituem as redes de relações que se estabelecem entre os co-habitantes desse espaço rural e, as que se estabelecem com os mediadores com quem interagem e nessas interações emergem os conflitos que constituem o foco deste estudo.

Parti do pressuposto de que os assentados possuem saberes adquiridos na história, na experiência; construíram suas verdades sobre ecologia, relação com a terra, o ambiente. Enfim, construíram um saber que parte da experiência, da organização, que, muitas vezes, não goza de “legitimidade”, por ser um saber local, produzido por uma comunidade “não autorizada a formulá-lo nem tampouco proferi-lo”, ou melhor, um saber que não corresponde aos cânones ditos científicos de valor universal. Nesses termos, cabe uma reflexão sobre as possibilidades de negociação entre esses saberes locais e aqueles “ditos” como “universais”. Cabe, também, questionar sobre quem está “autorizado” a falar sobre o quê, pois reconheço que no

espaço do Assentamento Sino existe alguém que reserva o conhecimento para si, e que abordarei mais adiante. Assim, a pesquisa que realizei tem por objetivo maior “olhar”, investigar sobre as relações de conflito que se estabelecem tanto entre os assentados, como entre estes e os mediadores com quem, circunstancialmente, ou ainda, regularmente, interagem, conflitos que, segundo eles, impedem que aconteça a organização cooperativa, na perspectiva de localizar, reconhecer os efeitos desses conflitos nas relações, nos modos de ser sujeito e de viver no Assentamento Sino. Destaco como possibilidade na realização desta pesquisa as aprendizagens com a comunidade, aprender o seu jeito de viver, aprender como construir este conhecimento, aprender com eles. Aprende-se pelas emoções e sensações, pelas trocas, por aquilo que atrai e afeta, e não pela transmissão e repetição, que é fruto da sociedade da dominação/dependência que estamos acostumados a exercer, tal como enfatiza Cetrulo (2001, p. 24):

Un proyecto no se elabora primero para luego transmitirse convocando a su realización, sino que se elabora en el propio proceso por el cual los actores descubrimos desde lo que somos, lo que podemos ser. Un proyecto no se puede concebir sino al interior de procesos pedagógicos que involucren a todos los actores en su propia transformación. No puede haber nueva sociedad con más de lo ya existente en la actual.

Assim trouxe neste estudo o meu desejo de investigar como se produz esse conhecimento e como é importante estarmos sensíveis a isto, entre essas premissas emerge a caracterização do conflito e seus desdobramentos nas relações de cooperação. Se realmente queremos vislumbrar novas pessoas, novos sujeitos ou,

ainda, se queremos que se gestem novas pessoas, ou melhor dizendo, novos sujeitos, é preciso dedicação para “olhar” aquilo que nunca é olhado, isto é, “estranhar o familiar e familiarizar o estranho” (informação verbal);⁷ olhar para a existência de cada um, inclusive a nossa; de cada pessoa do grupo, porque ali reside um manancial de possibilidades. Quando falo que estarei fazendo “um recorte da sociedade”, analisando de modo particular o grupo de habitantes do Assentamento Sino, quero dizer que eles são compreendidos em relação aos inúmeros aspectos também presentes em outros contextos sociais e em outros seres humanos, tal como refere Morin (1973), quando aborda questões referentes à complexidade tanto da humanidade quanto da história e da natureza. E também dizer que eles são vistos enquanto realidade singular, dado o ganho que isso traz para a compreensão de um grupo humano como enfatiza Geertz (2001, p. 127) “a renúncia à autoridade, provenientes das visões que partem de lugar algum (‘vi a realidade e ela é real’) não constitui uma perda, mas um ganho”.

O fato é que sou um brasileiro, educador de classe média, no início do século XXI, do sexo masculino, fui até o Assentamento Sino, entrevistei os assentados, e tentei entender o que se passava com eles, e isso tem validade porque é um ato real e constitui uma verdade, eu os compreendi do meu lugar, eles falaram do lugar que ocupam. Isso não despersonaliza o saber ali construído, ou aprendido, porque a comparação é possível e necessária, assim se vêem coisas

⁷IDH: Instituto de Humanização. ONG dedicada à educação popular e à formação de mediadores sociais, da qual participo há quatro anos em encontros regulares, em Porto Alegre (expressão usada num dos encontros do ano de 2002).

singulares em relação a outras coisas particulares, são categorias genuínas porque vivenciadas por seres de devir real. Pois é sobre seres reais, capazes de produzir e construir conhecimento e com a possibilidade de regenerar-se que estou investigando e investindo, isso é o que busco, vivo e quero para a humanidade. Nas palavras de Shiva (2001, p. 89):

Sustentar a vida significa acima de tudo regenerar a vida mas de acordo com a visão patriarcal, regenerar não é criar é apenas repetir.(...) Regeneração não é mera repetição, ela envolve diversidade enquanto que construção produz uniformidade. A regeneração de fato é como a diversidade é produzida e renovada. Embora nenhum processo industrial aconteça do nada. O mito patriarcal da criatividade é particularmente infundado no caso da biotecnologia em que as formas de vida são a matéria prima da produção industrial.

Nesta perspectiva, busquei para o campo educacional a questão da regeneração. Acredito que homens e mulheres podem se regenerar a partir do que já existe, do que está aí, do que é posto e vivido. O conflito contém possibilidades, justamente por estar em movimento. Quando falo em regeneração, não estou me referindo a uma volta ao passado da essência humana, como muitas vezes o termo regeneração é utilizado. “Regerar” é, na perspectiva que adoto, gerar algo novo, criar-se a si mesmo. Assim analisa Turner (apud Geertz, 1997) ao desenvolver a concepção de “drama social” como um processo regenerativo, estes dramas surgem como resultado de relações conflitivas. Na medida em que esse conflito se transforma em crise, fluem emoções que levam a várias situações, nas quais podem

surgir processos regenerativos. Conforme analisa Shiva (2001, p. 151), “as pessoas já possuem tanto material como moralmente, aquilo de que precisam para libertar-se das estruturas opressivas”. Porém, para que esse processo se dê, é preciso que olhem para si mesmos, para sua cultura, para o ambiente, para a civilização e para o sistema imperante no mundo; olhem para tudo isso na tentativa de compreender, criticamente ou não, seu jeito de “ser e de estar” próprio para poder se regenerar. Sob esse enfoque, creio que estamos sempre regenerando, olhando mais para nossas práticas e vivências do que para nossas teorias, porque estas são insuficientes. Uma vez que da cultura emanam pontos de vista, outras possibilidades de pensar e ver o outro como possibilidade que, talvez, nós não possamos compreender do lugar onde estamos. Por a necessidade de entender o Assentamento Sino como um lugar em que múltiplos pontos de vista se entre cruzam, que se revelam no conflito que é uma prática humana.

No Assentamento se compreende como os agricultores são capazes de se relacionar com a terra, ter o respeito pelo ambiente, especialmente pelo cultivo de produtos livres de agrotóxicos, isso é reconhecido através das falas, quando criticam um vizinho que usa agrotóxico, ou quando falam da importância de consumir produtos saudáveis, a partir daí trocam com os outros formas de cultivar ecologicamente. Assim vão ampliando seu conhecimento e regenerando a situação em que se encontram. Esse é um dos aspectos do processo regenerativo observado no Assentamento, entre outros que abordo no transcórre do trabalho. Por isso quero ressaltar, mais uma vez, que desejo contribuir para que possamos vislumbrar outras possibilidades de compreender o conflito no assentamento e, assim, compreender o

mundo, já que o Assentamento Sino é uma célula dentro de um corpo social, um mundo que talvez seja possível se as singularidades e as relações também forem possíveis. Aqui cabe, também, lembrar Shiva (2001), quando analisa que a semente e a terra criam condições para a regeneração e renovação mútuas ou, ainda, Hilmam (2001), psicólogo e autor da teoria da semente de carvalho, segundo a qual cada ser contém em si seu “daimon” e, nesse sentido, a possibilidade dessa semente regenerar, frutificar e produzir perpassam o estudo realizado. A partir das afirmações de Shiva (2001, p. 152), afirmo que a semente também é pequena. Ela incorpora a diversidade e a liberdade de continuarmos vivos, assim no assentamento essa possibilidade também é real. A partir dessas considerações, especificamente sobre o modo como compreendo as relações interpessoais e interculturais constituinte dos conflitos, agrego a relevância deste estudo como possibilidade de um outro enfoque no processo educativo.

Este grupo do Assentamento Sino é corporificado por pessoas com histórias de vida e caminhadas diferentes; tempos internos e externos (Melucci), distintos, desejos e aspirações diversas; mas também, em alguma medida, comuns. Vidas que aparecem com beleza e encanto, rostos desfigurados com a marca da história, olhares que clamam por vida. Muitas vezes, ao observar as casas e as pessoas, questionei a paisagem que, a meus olhos, parecia suja, feia, e buscava encontrar explicações que justificassem aquelas formas. Porém, ao aproximar-me e “olhar com os olhos do coração”, descobri que aquelas paisagens humanas eram revestidas de uma beleza encantadora. Ao contemplar essa paisagem, sente-se um prazer orgástico que nos apaixona e, esse momento é mais importante que qualquer outro

tipo de análise, pois é quando a explicação se torna insuficiente, assim como bem lembra Hillman (2001, p. 47):

A vida se mostra como imagem antes mesmo de haver uma história de vida. Ela pede primeiramente para ser vista. Mesmo se cada imagem estiver de fato prenhe de significados e sujeita a uma análise minuciosa, se pularmos para o significado sem apreciar a imagem, teremos perdido um prazer que não pode ser recuperado nem pela melhor das interpretações. Teremos também tirado o prazer da vida que estamos contemplando. A exibição de sua beleza torna-se irrelevante para seu significado.

Assim, apreciar o que existe em cada ser, em cada imagem, algo que é próprio daquela pessoa e, ainda, reconhecer que sua história familiar e social diz algo a seu respeito, não é suficiente para enquadrarmos aquilo que percebemos em nossos esquemas de interpretação. Existe algo que se revela na beleza de uma imagem, seja ela humana ou não, pulsões de vida que se manifestam intensamente ao apreciá-la. Existe algo que vai além de nossa compreensão. Isso aconteceu comigo. Reconheci a importância dessa beleza ao apreciar cada pessoa do grupo do Assentamento Sino. Uma beleza que vem da alma, do lugar mais íntimo, mais sagrado, das entranhas e, por isso, transcende qualquer enquadramento. Uma beleza que se manifesta pelo jeito da fala, por detalhes, é quase indescritível, mas é real. Essa confirmação se deu ao entrevistar a família B, especialmente um jovem, já que o mais importante da entrevista não foi o que ele falou, mas a sua expressão quase indescritível, onde não se encontram palavras que possam abarcar a experiência vivida. É uma comunicação que se processa por outros canais do

conhecimento humano, mas real pois vivida por seres reais ocupantes de um lugar. Todas essas considerações revelam o existir, e com isso, contrastes entre a pulsação interna de luta pela vida e o conformismo herdado da cultura da submissão, mas é justamente nesta tensão que pode nascer o novo. Assim vejo muitas possibilidades no Assentamento Sino, pois várias situações de sonhos e olhares inquietos manifestam o desejo de criar outras possibilidades de vida.

1.4 CONFLITO: DO ECONÔMICO AO AFETIVO

Vivemos uma época de transição em que muitos paradigmas que regem a vida são questionados, por ainda existirem povos que vivem em condições de vida inumanas, nos quais as mudanças se tornam imprescindíveis. Neste contexto, produzem-se conhecimentos que evidenciam maior preocupação em compreender tanto processos instituintes dos sujeitos como seus processos de desenvolvimento. Esse desenvolvimento pressupõe articulações orgânicas, juntamente com os ecossistemas, a técnica, e apóia-se na busca de alternativas que possibilitem a construção de um projeto social, político e econômico que garanta melhor qualidade de vida, ou seja, que satisfaça as necessidades humanas fundamentais, favoreça a autodependência, privilegie a diferença e a autonomia e, ainda, contribua para lograr as pessoas a serem sujeitos, pois o ser humano e tudo o que o envolve são um fluir permanente.

Os conflitos sociais revelam novas contradições na vida humana, pois, como refere Melucci (1999), hoje nos encontramos em uma nova fase de bifurcação: o

embrião do novo está nascendo dentro do “velho galho”, ainda estamos vestidos com a couraça do mundo mecanicista e dominador, mas almejamos gestar outros modos de pensar e viver. Os sistemas altamente diferenciados produzem cada vez mais recursos e os distribuem para a individuação, para a auto-realização, para a construção autônoma das identidades pessoais e coletivas, e isso se dá por que os sistemas complexos de informação se canalizam ao indivíduo, para que ele possa, a partir dessa informação, construir sua vida. Mas esses sistemas necessitam cada vez mais de integração, se querem sobreviver, precisam de articulações coletivas para sustentar o processo que estão enfrentando. Além disso, os conflitos afetam as identidades das pessoas, o tempo e o espaço no cotidiano, revelando a chamada “crise” social que, segundo Samir Amin (apud Wallerstein, 1998), caracteriza-se como uma transição que hoje se dá mais por uma decadência ou desintegração do que por uma transformação controlada como poderiam ter sido a Revolução Francesa e a 1ª Revolução Industrial. Nessa transição desintegradora, os atores dos conflitos são cada vez mais temporais e sua função é revelar os problemas, anunciar para a sociedade que existe um problema fundamental em uma área específica. Lutam por projetos sociais que dignifiquem suas vidas, porque “a vontade daqueles que estão no poder não pode ser a justificativa final e válida de ações que afetam os interesses vitais dos indivíduos” (informação verbal).⁸ Assim, aparece o conflito da luta pela terra que caracteriza o Movimento dos Sem Terra, que reclama a Reforma Agrária

⁸IV seminário nacional do programa Universidade popular Porto Alegre/RS. 05, 06 e 07 de dezembro/2003 (casa da juventude marista) O alvorecer, a crise e o futuro da humanidade. Assessoria: José Alberto Curado (sociólogo, São Paulo). Destaco este princípio da Revolução Francesa de 1879, por ele chamar a atenção que, ainda hoje, se vivencia o desrespeito dos interesses vitais dos indivíduos, em troca de privilégios e ações que ferem tais interesses, assim como o da coletividade.

como o caminho para o desenvolvimento, mas talvez o que as pessoas queiram não seja o desenvolvimento, mas uma vida digna, a que todo o cidadão tem direito, segundo a Assembléia Geral de 1948, no seu artigo 23 diz o seguinte “que o simples fato de ser humano já basta por si só para autorizar a reivindicação de bens específicos que são fundamentais para uma vida digna e autônoma” (informação verbal).⁹ Nessa trama de luta por terra, ao mesmo tempo em que o mundo moderno nos joga para a individualidade, como revela esta fala de uma assentada que reclama um direito: *Porque os de lá, os do outro lado de lá não querem saber da gente. A gente... “é pobre, vai se virar...”, então eles costumam muito a acreditar na gente e dar o apoio que a gente precisa pra poder trabalhar e fazer...pra crescer no assentamento.* Por outro lado o movimento de luta, neste caso pela terra, obriga a viver em grupo, e viver em grupo por obrigatoriedade vai aumentar os conflitos internos e com outras comunidades, o que não acontece quando se vive em grupo por opção, que se caracteriza mais como um valor, onde o outro é o diferente, então conviver seria uma riqueza para os que ali convivem. No caso dos Sem Terra, percebi mais o convívio por obrigatoriedade, uma necessidade de sobrevivência, o que gera competição interna, desconfiança, aflorando um conflito social complexo.¹⁰

⁹IV seminário nacional do programa Universidade popular Porto Alegre/RS. 05, 06 e 07 de dezembro/2003 (casa da juventude marista) O alvorecer, a crise e o futuro da humanidade. Assessoria: José Alberto Curado (sociólogo, São Paulo).

¹⁰ Ao usar o termo complexo ou complexidade, estou potencializando uma ruptura epistemológica em relação à razão calculante do cientificismo moderno, a teoria da complexidade se refere sobretudo àquela característica básica de muitas situações, acontecimentos e processos que faz com que não se possam ser analisados pela somatória de todas as análises parceladas de todos os seus componentes ou ingredientes. (...) A teoria da complexidade se ocupa de sistemas - por exemplo, um sistema vivo - cujo comportamento se caracteriza por aspectos não previsíveis. (Assmann, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. 1998)

Isso caracteriza o conflito social, no qual se inscrevem os sujeitos da pesquisa, o que os levou a se inserirem no MST e ingressarem no acampamento. Ao analisar a situação em que se inseriam os sujeitos da pesquisa antes de ingressarem no MST, verificou-se inúmeras situações distintas de conflitos por que passavam, sendo a situação econômica o fundamental na maioria deles. Assim como para Martins (2003, p. 17):

a clientela da reforma agrária constitui uma massa residual de um conjunto grande de descartes sociais e de alternativas de vida não realizadas, de destinos não cumpridos, histórias pessoais trucadas por bloqueios de diferentes tipos oriundos de diferentes causas.

São destituídos dos modos de produção agrícola do país, que vai eliminando cada vez mais as pessoas da produção, e que, por sua vez, traz à tona uma situação global de indigência que perpassa o sistema econômico, atingindo a maioria da população brasileira. Como vivemos em uma sociedade que está fundamentada no capital, e que, segundo o modelo, quem não produz deve ser descartado e ceder lugar para quem produz, essa seja talvez a situação dos sem terra neste caso específico do Assentamento Sino, pois as pessoas que compõem este assentamento são oriundas de situações de miserabilidade e dificuldades de sobrevivência, seja no meio rural, seja no meio urbano, já que quase todas as famílias passaram pelo meio urbano na tentativa de melhorar sua qualidade de vida. Todos esses traços que marcaram a vida dessas pessoas trouxeram para suas histórias situações diversas que baseiam seu existir cotidiano, um conflito social, criado por um sistema econômico desagregador, porque atinge uma necessidade básica fundamental, a

subsistência, e esta, insatisfeita, possivelmente afeta outras dimensões da pessoa, pois ao mesmo tempo que existe abundância em alguma circunstância social, existe ausência em outra dimensão da mesma sociedade; talvez essa oposição social desencadeie, nas pessoas em situações degradantes, situações, sentimentos que desagreguem o processo de vida. Existe incerteza, angústia e sofrimento pela falta de condições mínimas a serem atendidas, necessidades básicas que todo ser humano têm direito. Essa angústia ao mesmo tempo pode sucumbir as pessoas, como pode promover uma reação e conseqüentemente, a inserção alguma forma de luta por direito, neste caso, o Movimento dos Sem Terra.

Esse conflito social gerado por uma situação econômica, a falta de condições de subsistência, de trabalho para garantir as necessidades básicas, isto é, como as pessoas organizam sua casa, a impossibilidade dessa organização, afeta a subjetividade das pessoas e suas condições de sujeitos. O que era um conflito externo se internaliza na pessoa afetando o seu cotidiano, inclusive suas capacidades, pois, de acordo com Max-Neef (1986), quando uma necessidade humana não é satisfeita acaba por afetar as outras. Por exemplo: se não se consegue satisfazer a necessidade da subsistência, proteção, ter uma moradia, pode afetar a criatividade, o entendimento, pois se fica privado de outras possibilidades que a vida oferece, inclusive no campo afetivo, que acredito ser a necessidade mais tolhida, talvez por estarmos em uma sociedade que não privilegia a afetividade. Descobri que no assentamento a maioria dos sujeitos de pesquisa não tiveram e ainda não têm uma situação econômica capaz de garantir o mínimo necessário que um ser humano tem direito. Essa situação acaba gerando um hiato entre o querer e a

necessidade que os obriga a manipular seus próprios desejos, como mostra a fala de um assentado: *E eu pensei assim, como é que o Governo pode dar terra pra uma gente dessa. O que esses tipo de gente quer ir acampar?* Essas falas revelam que antes de ir acampar esse assentado criticava o Movimento dos Sem Terra, mas após algum tempo, reconheceu que a única forma de se conseguir a terra é aderindo ao Movimento:

Pensei comigo, um dia eu vou ir me acampar. Assim como os outros ganham terras eu também vou... posso ganhar. Eu acho que ninguém tinha condições se não fosse uma organização, que aí pra outro conseguir um pedaço de terra pra sobreviver eu acho que nós, todos nesse acampamento, tirando acho, um ou dois aqui só, o mais, eu acho que não tinha condições de comprar, bem dizer, um hectare de terra para sobreviver em cima. Se não fosse uma organização que nem o Movimento Sem Terra, organizar o pessoal, trazer para o acampamento e lutar, enfrentar o que nós enfrentamos pra conseguir um pedaço de terra eu acho que de outra maneira não tem.

Essa situação de tensão subjetiva do que se é, e o que possivelmente poderá vir a ser, revela um conflito interno deste que condenava a ação das pessoas que foram em busca da terra, mesmo estando em condições de miserabilidade, criticava a forma de lutar pela terra. Mas, após ter visto que se conseguia a terra, e que ele também poderia ganhar, ele silencia a sua crítica e adere ao movimento de luta pela terra por uma necessidade econômica, e não por uma vontade sua, então nesta situação se reconhece que a adesão ao Movimento dos Sem Terra se torna

uma obrigação e não um ato voluntário. A maioria das falas dos assentados explicita que aderiram ao Movimento Sem Terra por causa da situação em que se encontravam economicamente, e não por um ato livre de querer viver em comunidade coletiva. Ter de aderir ao que antes se critica é uma mudança considerável, só muitas vezes inconsciente tanto de uma parte, como de outra, pois o que está em jogo é a sobrevivência, a luta pela vida. Essa fala também denota, como refere Oliveira (2001), que é a experiência empírica que vai mostrar a vantagem e desvantagem de tal ação. O específico desse tipo de intersubjetividade, é que a coordenação das ações dos sujeitos, não se faz através da possível satisfação argumentativa de pretensões de validade e sim através de recompensas ou desvantagens do tipo empírico. Aqui o responsável pela adesão foi a experiência empírica que este assentado viu na experiência de outros e depois na sua, que o colocou em um outro lugar de sujeito. Ele passa a ter um valor para si mesmo e para o mundo perante a posse da Terra. Esta passagem de um lugar de sujeito para uma outra situação de vida deixa hiatos nas relações afetivas do assentado quando ele não consegue ressignificar o seu lugar anterior.

Entre os muitos motivos que levam o destino dos assentados que investigo se tornarem despossuídos de bens materiais, destaca-se, com maior relevância, a procedência, o trabalho de peão, *sempre a gente trabalhou na colônia, de peão, nós trabalhava de peão, e não tinha como tirar da terra, plantava mas não dava*. As dificuldades enfatizadas pelos assentados são relacionadas à não condição de uma

vida digna¹¹ com essa função, isto nos leva a uma situação histórica da relação polarizada senhor/escravo e patrão/empregado que traz em si a justificativa do sistema capitalista que necessita dessa relação de exploração para sua perpetuação, e ainda hoje tem suas graves conseqüências. A próxima fala vem complementar as formas de exploração no qual foram submetidos estes assentados que investiguei: *o cara trabalhava, tinha que dá a parte, não sobrava nada do que o cara colhia, tinha que trabalhar para o patrão e foi, foi, que nós resolvemo de acampa para ter uma vida melhor.* Esse reconhecimento de que estavam sendo explorado acontece, pela necessidade que as pessoas vêm enfrentando, ou pela indignação frente a uma situação de injustiça comum no nosso país, pois quem faz trabalho braçal, geralmente é o mais desvalorizado. Essa desvalorização também aparece no que é considerado produtivo para o mercado, o tempo de vida útil, destacado nesta fala: *Daí depois como a minha idade se avançou mais, então estava sendo difícil conforme a minha idade eles não aceitavam.* Esse descarte pelo tempo útil vislumbra bem o conflito afetivo em que os seres humanos são acometidos. Há um lugar de não sujeito, onde é a produção que vai garantir esse lugar na sociedade.

Outros, ao tentar melhorar sua qualidade de vida, migraram para cidade, a fim de conseguir um trabalho, mas as condições não foram boas, como revela esta fala:

¹¹ Quando me refiro à vida digna, estou falando de uma vida em que as necessidades básicas fundamentais que um ser humano necessita para viver com dignidade são satisfeitas.

Daí eu comecei a trabalhar de ajudante de...servente de pedreiro. Daí peguei e depois saí daquela firma aí fui trabalhar de ajudante de electricista. Aí depois peguei na Merlin como ajudante também, e logo em seguida me passaram a (oficial mecânico...) de montadores, na Merlin. Ali na Merlin trabalhei quatro anos e meio. E daí depois eu peguei de pedreiro. Peguei para trabalhar de pedreiro. E depois de pedreiro passei a carpinteiro. Daí fui até 89, trabalhando só em obras de carpinteiro.

Percebe-se que a busca por trabalho na cidade é freqüente e tudo parece continuar igual, o mundo de incerteza aumenta, a insatisfação com a situação presente continua e o sentimento que perpassa a vida destas pessoas é de derrota e sofrimento, pois a cada entrevista em que se fala dessas situações tem-se um tom de ressentimento e mágoa, além de incorporarem uma desvalorização de si mesmos, que se reflete no cotidiano de suas vidas, através de falas como “*Uns boca-aberta como nós...; nós somos relaxados*”. O grau de desaprovação vai desde as falas, bem como a organização de seu ambiente doméstico, questões de higiene, preocupação com o entorno onde vivem, que se estrutura, ao meu ver, desordenado. A questão de organização e higienização pode ser uma questão cultural, onde se vive assim, mas no caso dessas famílias senti mais como condição das experiências sinalizando o estado desumanizante em que viveram e o desânimo existencial, denunciando assim, que as relações afetivas são profundamente tocadas pela condição econômica em que se vive, e denunciam mais profundamente que uma situação afetiva não se resolve, se a situação econômica também não for resolvida, pois muitas vezes se escamoteia o econômico, com paliativos morais e psicológicos para resolver os conflitos que têm origem econômica. Não estou fazendo

generalização, pois creio que neste lugar no qual estive inserido, os conflitos afetivos provêm, além da condição humana, muito da situação de miserabilidade pela qual passaram essas pessoas e das marcas sofríveis que experienciaram em suas trajetórias de vida.

Tentando compreender essas famílias, que nasceram e viveram em meio ao mundo da incerteza, como elas elaboram suas experiências de vida, como foram construindo suas aprendizagens, apesar de tanto sofrimento, ainda existe espaço para a fé, a esperança, o lúdico e para a solidariedade, é o que observei em meus contatos com esse grupo.

1.5 PROCESSOS DE COOPERAÇÃO

A formação dentro dos acampamentos e assentamentos segue o mesmo padrão, só que nos assentamentos esse processo praticamente inexistente, pelo menos no Assentamento Sino é totalmente inexistente, tudo que os assentados tinham de aprender sobre cooperação e transformação social se reduziu ao período de acampamento. Ao investigar este assentamento, pude verificar o abandono em que se encontram estes assentados no que se refere a processos pedagógicos que dêem conta das demandas dessa comunidade. Existe um hiato entre a experiência vivida no acampamento, que dava ênfase aos processos cooperativos, e no assentamento, que acaba por não garantir uma autonomia para que estas pessoas possam potencializar as condições necessárias para a subsistência na Terra. São

oferecidos muitos cursos de aperfeiçoamento técnico, mas que não são redimensionados no cotidiano dos assentados, falta trabalhar as relações interculturais que potencializam os conflitos, impedindo de acontecer processos de organização coletiva. Alguns trabalhadores contam que no coletivo há muitas reuniões, conversas, porém quando chega na hora de pôr em prática funciona diferente, tudo o que foi combinado não se cumpre no dia a dia.

Em conjunto com esses princípios se alicerça uma vertente pedagógica que respalda a forma através da qual o Movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra,¹² e no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. Dentre essas pedagogias destaco a pedagogia da organização coletiva¹³ que sinaliza uma compreensão desta dimensão dentro do espaço do MST, caracterizando o sem terra como um desenraizado que começa a criar raízes no tempo de acampamento, com a vivência da organização e a percepção da necessidade de viver sob esse regime. Raízes que os tornam membros de uma grande família, de se sentir irmão ou irmã, de se descobrir como sujeito coletivo, a

¹²Alguns esclarecimentos sobre a grafia do nome Sem Terra: A condição (individual) de sem (a) terra, ou seja, a de trabalhador ou trabalhadora do campo que não possui sua terra de trabalho, é tão antiga quanto a existência da apropriação privada deste bem natural. No Brasil, a luta pela terra e, mais recentemente, a atuação do MST, acabaram criando, na língua portuguesa, o vocábulo sem-terra, com hífen, e com o uso do s na flexão de número (os “sem-terras”), indicando uma designação social para esta condição de ausência de propriedade ou de posse da terra de trabalho, e projetando, então, uma identidade coletiva. O MST nunca utilizou em seu nome nem o hífen, nem o s, o que, historicamente, acabou produzindo um nome próprio, Sem Terra, que é também sinal de uma identidade construída com autonomia. O uso social do nome já alterou a norma referente à flexão de número, sendo hoje já consagrada a expressão os sem-terra. Quanto ao hífen, fica como distintivo da relação entre esta identidade coletiva de trabalhadores e trabalhadoras da terra e o Movimento que as transformou em nome próprio, e a projeta para além de si mesma.

¹³Está caracterizada no texto *Como fazemos a Escola de Educação Fundamental*, Caderno de Educação, n. 9 do MST.

convicção de dizer com orgulho: somos Sem Terra, somos do MST. Com a mesma conotação, esta pedagogia ganha a dimensão de uma pedagogia da cooperação, que brota das diferentes formas desenvolvidas no acampamento e no Assentamento Sino, a partir dos princípios e objetivos da luta pela Reforma Agrária e por um novo jeito de fazer o desenvolvimento do campo.

Todo o envolvimento que as pessoas vão cursando no acampamento vai potencializando aprendizados importantes em suas vidas, mesmo os aspectos considerados dissociativos, possibilitando aprendizagem, então há um processo que garante o aprender, principalmente no que se refere à articulação no MST que continua, mesmo depois de assentados, pois *“uma vez sem terra, sem terra para sempre”*, é o que diz um assentado. Há uma identidade de sem terra que permanece, mesmo já possuindo terra, essa característica é para dar força ao Movimento, dizem eles. Mas no que concerne à experiência de vida coletiva ou cooperativa deixa a desejar, pois mudar a mentalidade, como eles dizem, requer mais do que a passagem pelo acampamento, penso que é um processo a longo prazo e requer muita escuta sensível, reconhecendo as diferenças e os retrocessos como positivos na caminhada.

Quero dessa forma chamar a atenção para a tentativa de se agregarem pessoas para trabalhar cooperativamente numa organização institucionalizada, deveria partir de uma demanda do grupo, não como vontade de um mediador, ou do MST que tenta induzir o grupo a aderir, isso se revela nas resistências do grupo a qualquer forma de imposição de formação de grupos. Existe a explicitação verbal do

desejo para o trabalho cooperado, mas a prática do grupo não confirma o desejo, todo movimento que acontece no entorno do assentamento se configura no individualismo, cada um vive para ganhar o seu sustento individualmente, isso se confirma nas várias tentativas de trabalho cooperado que se desfez antes do resultado esperado por eles. Tudo isso com certeza trouxe outros conhecimentos que favorecem o enfrentamento das dificuldades no cotidiano e a própria reflexão sobre o porquê dos fracassos, segundo a visão que possuímos sobre fracasso e progresso, (uma visão positivista, marcada pelo capitalismo de mercado), nesse sentido a cooperação visa o progresso. Mas o que entendemos por fracasso é o sinalizador que nos coloca em movimento em busca de algo, dando lugar à contingência e à incerteza. Aí pode surgir um outro olhar sobre os processos da vida e especialmente no que consiste a cooperação.

Todas as tentativas de se organizarem como cooperativados fracassaram, segundo a visão que eles têm de fracasso, uma visão fundamentada nos parâmetros de progresso do mundo capitalista. Pude observar, na convivência e nas entrevistas, que existe uma certa desconfiança entre eles, competitividade, fofocas, inveja e desentendimento, porém, uma grande vontade de mudar, de transformar suas vidas individuais e coletivas. Também percebi que neste espaço existe uma rede que posso chamar de “cooperação” por não achar outra palavra melhor para expressar o que vi, existe um controle entre eles, no qual cada um sabe o que acontece na vida do outro, todos os movimentos das pessoas são públicos, a privacidade é pouco preservada, mas essa vigilância não se dá por um controle, talvez mais por uma preocupação com o outro, pois as visitas nas casas um do outro são freqüentes,

muitas vezes a ação de um tem a ver com o outro, existe uma cooperação anônima que é experienciada no cotidiano do assentamento. Um exemplo que presenciei foi quando a casa de um assentado queimou, houve uma ajuda muito grande entre eles, cada um se sentia no dever de ajudar como podia a construir a casa do companheiro, mesmo havendo algum conflito entre estes. Talvez o desejo do trabalho em conjunto provenha de uma rede invisível que não é percebida pelos assentados, creio ser interessante destacar a fala da trabalhadora: *O meu grande sonho é que eu possa crescer, mas que toda comunidade cresça junto.* Existe esse desejo, que talvez venha de um processo de mediação construído de ideais de vida, nas quais as pessoas deixam de reconhecer, no seu cotidiano, ações concretas de cooperação para projetarem num futuro a realização perfeita de uma sociedade idealizada sob o enfoque de uma organização tradicional com normas, regras estabelecidas que devem ser seguidas rigorosamente. Esse modelo de organização é comum nos assentamentos, pois D’Incao e Roy (1995) abordam três concepções de sociedade que orientavam as intervenções dos agentes externos em assentamentos, tratava-se de construir comunidades que consistem na transformação dos trabalhadores em homens iguais, fraternos e solidários, ou militantes e políticos de esquerda para construir o socialismo, ou capacitá-los para a inserção nas regras do mercado. Reconheci no Assentamento Sino um misto dessas concepções, no qual se tem presente uma forte vontade de criar uma organização cooperativa para atuar no mercado, tendo, como pressuposto, para a cooperação funcionar, deva existir a igualdade e a fraternidade, como se uma comunidade venha a se constituir necessariamente destes valores. É desconsiderado que estes homens e mulheres vivenciem necessidades específicas que gerem demandas específicas, mesmo neste

pequeno lugar que podemos chamar de comunidade, aqui não falo de comunidade como um ideal harmônico e ordeiro onde todos vivam bem, mas comunidade como um conjunto de pessoas diferentes que habitam um lugar e que partilham experiências comuns, constituída por conflitos, competição, existe uma microssociedade, que contém em si situações que emergem na sociedade como um todo.

Assim problematizo o que é o viver ou o trabalhar cooperado para estes assentados, que em suas vidas vão tecendo relações significativas de cooperação com a natureza, ao demonstrarem saberes ligados a terra e o cuidado no que se refere a produzir alimentos mais saudáveis e livres de agrotóxicos, estes são saberes que demonstram uma preocupação consigo, com o outro e com a natureza, pois ao cuidar da terra para que essa seja preservada, estão estabelecendo relações de cooperação entre os sistemas vivos dos quais fazem parte, contribuindo para que esse sistema se integre cada vez mais. Essas considerações se fazem necessárias para evidenciar que a cooperação se faz presente no Assentamento Sino.

Outra possibilidade de cooperação que foi instituída no assentamento foram as festas, que antes do início da pesquisa tinham desaparecido da vida do assentamento, começam a surgir novamente. Enquanto realizava a pesquisa aconteceram três festas. Tudo começou quando, por ocasião das entrevistas, trouxeram a questão da diversão que não acontecia no assentamento, aí sem nenhum indicativo por minha parte, começaram a se organizar para fazer uma festa na Capela da Igreja Católica, depois fizeram uma confraternização de fim de ano e

uma outra festa dos dez anos do assentamento, isso possibilitou que as famílias se encontrassem e trocassem experiências e afetos, que possivelmente favoreceu no processo relacional dos assentados. Em todas estas festas me convidaram para estar presente, parece que eu já fazia parte do grupo.

Compreendo que no Assentamento Sino a cooperação se dá por um processo de relações de vizinhança, no qual um ajuda o outro quando pode, e quando quer, essas relações para eles são cotidianas e não as reconhecem como relações de cooperação. Nesse sentido, o tempo que passei lá pode ter despertado neles o reconhecimento de que a vida que levam no assentamento se traduz nas relações cotidianas que formam redes cooperadas.

2 CENÁRIO DA PESQUISA

2.1 ASSENTAMENTO SINO: UMA POSSIBILIDADE EM PORTO DA FIGUEIRA

O Assentamento Sino se localiza nas proximidades do rio Caí, um lugar tranquilo, chamado de “Porto da Figueira”, que pertence ao município de Nova Santa Rita. Algumas propriedades do assentamento chegam até as margens do rio. O relevo é plano, levemente ondulado, existe bastante vegetação nativa, matas e brejos. As principais atividades econômicas da região são o cultivo de hortifrutigranjeiros e de arroz, bem diferente do que era produzido nas regiões de origem das pessoas do assentamento. Aos poucos estas famílias foram interagindo com a nova região e se integraram ali. Algumas famílias trabalham de empregados

de outros agricultores da região para poder sobreviver; poucas são as famílias que conseguem sobreviver com a própria produção. Outra fonte de renda é a exploração da madeira existente nos lotes, que já está escasseando. Este é o cenário, a paisagem que contém em si beleza e fertilidade, tornando prolífero e profícuo o espaço em que acontecem as mais complexas experiências.



Foto de uma Propriedade no Assentamento



Foto da entrada do Assentamento



Foto da capela Católica no Assentamento



Foto da estrada de acesso aos lotes



Foto do campo de uma propriedade no Assentamento

Cada trajetória de vida carrega consigo múltiplas significações dos processos vivenciados. Assim, cada família desse assentamento traz uma trajetória para ser vivida em consonância ou divergência com outras. Neste espaço sagrado, acontece uma tessitura, que se desdobra em situações peculiares e próprias destas famílias. Nesta tessitura se verificou que, além dos diferentes lugares e culturas que interferem no cotidiano destas famílias, há outras situações próprias do geoespaço

onde vivem. Essa região onde estão assentados é própria para o cultivo de arroz, por ser uma região às margens de um rio. A cultura do arroz se caracteriza hoje por uma cultura que exige tecnologias mais adequadas, pois o cultivo manual se torna inviável. No caso do Assentamento Sino, as famílias teriam que se unir para elaborar um projeto comum que garantisse a possibilidade de produzir arroz, o que se torna inviável pelo desinteresse desse cultivo em vista dos desacertos que ali acontecem. Uma outra possibilidade de produção seria de hortifrutigranjeiros, que se enquadra mais para pequenos produtores, como este caso, além da produção de leite. Essas atividades são exercidas por algumas famílias, mas são poucas as que tentam produzir. Existem algumas famílias que não produzem praticamente nada, elas arrendam o campo para outros produtores da região ou exploram as madeiras que ali existem. Ao acompanhar o assentamento, verifica-se que, além da aparência, existe uma realidade que emerge, se manifesta, e outra que é latente, que está invisível. Neste caso Melucci (2001) e Cetrulo (2001) nos ajudam a dar visibilidade ao que está latente, pois segundo esses autores, o mundo que aparece na superfície não traduz com validade a realidade que existe no subterrâneo, isto é, o que está latente no seio da comunidade e na vida de cada pessoa que ali vive é o que não está visível. Trata-se, de situações específicas deste espaço, como uma região desconectada das experiências pessoais dos envolvidos. Suas origens e aprendizados estão voltados para outras culturas, outro tipo de solo, outra caminhada mais individualizada. Estas famílias se caracterizam por ser, a maioria, de uma idade a partir de 40 anos, o que proporciona expectativas singulares desta idade que se manifesta no estilo de vida que as pessoas assumem no seu cotidiano.

A seguir, fotos que mostram os meios de transportes, a situação das estradas e outras peculiaridades.



Horta de uma família.



Foto de um veículo de transporte.



Foto da dificuldade de acesso, pelas más condições da estrada.



Foto de um veículo de trabalho na extração de lenha para o consumo e para o comércio.



Foto do campo de uma propriedade.

2.2 CONTEXTO DE PROCEDÊNCIA E INSCRIÇÃO DOS INTEGRANTES DO ASSENTAMENTO SINO

O contexto em que se inscrevem os sujeitos envolvidos na pesquisa sedimenta-se em diferentes histórias e percepções que experienciaram ao longo da caminhada de sua vida. São famílias que vieram de várias regiões do Estado do Rio Grande do Sul, onde cultivavam soja, milho, feijão, trigo: região do Alto Uruguai, região de Palmeiras das Missões; municípios de Três passos, Porto Lucena, Nonoai, Ijuí, Cerro Grande. Filhos de pequenos produtores que tinham famílias grandes, não podendo acolher todos em casa, pelas dificuldades de encontrar outras formas de trabalho, tiveram que migrar para a cidade a fim de sobreviver, mas como a situação na cidade também era difícil, restou a alternativa de ingressar no MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Cada um com características étnicas diferentes, costumes, crenças e conhecimentos adquiridos, enfim cada um com sua bagagem cultural. Ao ingressarem no Movimento dos Sem Terra em 1989 viveram as mais diversas experiências que, um ser humano pode enfrentar, como caminhadas de quilômetros, entre pântanos, águas e barrancos; com toda sua casa, filhos nas costas, sofreram tiroteios, pressão psicológica e física pela força bruta dos “homens da lei”. Na praça da Matriz, em Porto Alegre, sofreram violência de muitos tipos, como tiros, gás no rosto; em Júlio de Castilhos também foram agredidos com tiros. Contam que atiravam direto nas pessoas e que, nesta ocasião, um companheiro foi morto, outros ficaram feridos, destruíram todos os barracos e que levaram todas as ferramentas, deixando-os completamente arrasados. Conforme a fala, *eles tiraram todas as ferramentas. Tu não podia ter facão, não podia ter foice, não podia ter machado, perdi um machado, coisa mais querida. A polícia levou tudo.* Todo esse sentimento de perda vai deixando marcas profundas na vida destes seres humanos, não tanto a perda em si das ferramentas, mas a perda simbólica do que isso representa, no momento é a única posse, é mais uma relação afetiva com este material, tudo violentamente saqueado, dentro da “lei”. Depois vieram para Capela de Santana e Eldorado do Sul e, posteriormente, foram assentados no Assentamento Sino, como é chamado por eles, onde já estão desde 1994.

Assim, cada integrante do Assentamento Sino tem como estruturante de suas vidas situações singulares, como mudança de região, no entanto, tiveram que se adaptar às novas demandas culturais do local onde foram inseridos. Estes sujeitos carregam uma bagagem cultural instigante e reveladora de processos de

vida, sintonizam múltiplos devir. Mesmo a passagem pelo acampamento lhes reservou profundas mudanças subjetivas que possivelmente vieram interferir em processos futuros, por isso a necessidade de entender como funcionou o processo de acampamento vivido por estes sujeitos, para tentar compreendê-los no assentamento, especialmente a relação de conflito que surgiu, talvez por essa passagem, especialmente por haver assentados, neste assentamento, que não passaram pelo acampamento. Essas breves considerações são relevantes para situar os assentados no tempo e lugar em que vivem.

2.3 AS FAMÍLIAS: SUJEITOS DA PESQUISA

Para identificar as famílias, nomeei-as com as quatro primeiras letras do alfabeto em maiúsculas, A, B, C e D. Para identificar os sujeitos nomeio-os com um codinome, para preservar a identidade já referida na introdução.

2.3.1 Família A

Os integrantes dessa família são: Vânia, Alce e os dois filhos, que são os assentados. O casal, Nil e Ania, os pais da Vânia, moram junto com a filha e não são assentados, mas usufruem e vivem da mesma propriedade. Os sujeitos entrevistados desta família são: Nil (tem 50 anos e nunca frequentou escola), Ania (tem 50 anos e cursou até 3ª série primária), Vânia (tem 28 anos e cursou até a 4ª série primária), o filho Nego (tem 11 anos e está cursando a 6ª série) e Alce (tem 35

anos e cursou até a 4ª série primária) que se prontificou para ser entrevistado, já que ele não estava previsto.

Esta família sempre habitou o espaço rural antes de virem para o Assentamento Sino. Nessa família percebi que Nil e Ania têm um pensamento e que a filha e o genro tem outra forma de pensar, essa condição gera alguns conflitos como diz Ania, *cada um puxa para um lado, se todos seguissem meus conselhos tudo seria diferente*. Existe uma certa mágoa da filha por não ter estudado. Comentaram que na casa deles cada um faz uma tarefa, todos ajudam e não escolhem serviço, tanto os homens como as mulheres e as crianças. Essa condição se dá pelo domínio que Ania exerce sobre a família, ela é uma matriarca que assume este lugar e os outros obedecem, mesmo o genro, ela é que coloca as leis na casa. Sua fragilidade é a bronquite crônica que lhe coloca numa situação de desvantagem por não poder trabalhar, então exerce coordena. Esta dimensão do poder desta matriarca será mais detalhada no capítulo quatro, por ocasião do estudo das relações de poder. Nesta propriedade, o plantio se resume ao redor da casa, na fachada, sendo que no restante da propriedade praticamente inexistem plantações. Essa é uma característica peculiar desta família, pois eles utilizam para a venda apenas a parte da propriedade que fica em volta da moradia, sendo que o restante é improdutivo. Sobrevivem também da exploração da lenha do maricá.



Moradia da Família A

2.3.2 Família B

Os integrantes da família B são: o casal Lu (tem 42 anos e cursou até a 2ª série primária) e Noli (tem 36 anos e cursou até a 5ª série primária), sujeitos da pesquisa e os quatro filhos, entre os filhos são sujeitos da pesquisa Fai (tem 16 anos e está cursando o 2º ano do Ensino Médio) e Fê (tem 13 anos e está cursando a 6ª série do Ensino Fundamental).

Esta família morava no meio rural. Foram para a cidade e permaneceram até ingressarem no acampamento. É a família considerada geradora de conflito, não querem trabalhar em grupo. Esta é a visão da comunidade. Percebi um bom relacionamento entre as pessoas dessa família. É uma das propriedades do assentamento nas quais as terras estão bem aproveitadas com plantio.



Moradia da Família B

2.3.3 Família C

Integrantes da família C são 11 pessoas, sendo oito os que moram atualmente casa da família. O casal Primo (tem 55 anos e cursou até a 3ª série primária) e Vê (tem 50 anos e cursou até a 4ª série primária, fez cursos preparatório para atuar na educação de jovens e adultos do MOVA) são sujeitos da pesquisa; dos seis filhos, são sujeitos da pesquisa Rona (tem 16 anos e está cursando a 8ª série do Ensino Fundamental) e Niel (tem 9 anos e está cursando a 2ª série do Ensino Fundamental).

Esta família viveu no meio rural e depois vieram para cidade, onde residiram até ingressarem no acampamento. A família apresenta um relacionamento um pouco autoritário com os filhos, o Primo é alcoólatra, por isso toda família sofre e a esposa sustenta e media esta situação. Preocupada com o assentamento, exerce liderança

no assentamento e no MST. Os filhos parecem ter uma liberdade, que não condiz com a repressão que o pai exerce sobre eles, não colaboram muito na roça da família, pois trabalham fora. Há pouco plantio nesta propriedade. Esta família tinha uma neta doente, desde que nascera ficara sempre no hospital, por um problema digestivo, necessitando a permanência da mãe, esta era doente física com problema nos pés, isso fazia com que a avó tivesse que ir a Porto Alegre várias vezes por semana para dar auxílio para a criança e a mãe, levar dinheiro, sendo que o leite que a criança tomava era importado e caro. A família, sem muitas condições, pedia ajuda para deputados que ajudavam como podiam, essa luta durou mais de um ano e a menina acabou morrendo. Todo esse processo vivido por esta família trouxe para eles muita tristeza, pois de tanto esforço e sacrifício, se perdeu o bem mais precioso para eles que era a menina, mas ao mesmo tempo trouxe um certo alívio para a família. Além deste existe o problema de alcoolismo do pai, que gera uma série de dificuldades no convívio com a família e com os vizinhos, quando está sob efeito da cachaça. Essas dificuldades muitas vezes fizeram com que eles desanimassem de seguir em frente.



Moradia da Família C

2.3.4 Família D

Os integrantes da família D são seis pessoas, sendo quatro que residem na casa da família. O casal Jate (tem 45 anos e cursou o 2º Grau com magistério, faltou concluir o estágio) e Armi (tem 51 anos e cursou até a 4ª série primária), sujeitos da pesquisa, e o filho Adri (tem 11 anos e está cursando a 5ª série do Ensino Fundamental).

Esta família tem uma estrutura diferenciada, parecem mais politizados. São mais entusiasmados. Sua origem é do campo, mas viveram na cidade até ganharem a terra no assentamento de Canguçu, esta foi uma das famílias que trocaram de lote, por isso eles são recentes neste assentamento. Esta é uma das poucas famílias em

que a luta pela terra se deu mais pela volta às origens como revela a fala deste assentado: *Eu acho que a principal coisa é que quem veio da roça, quem veio da origem da terra não esquece, isso não esquece... O que levou foi a herança, que a gente veio da terra, vontade de ter um pedaço da gente. E o sonho era, sempre dizia pra mulher deixar os ossos em um pedaço de terra. Aí fui acampar e consegui, apesar de nesse trajeto ter uma troca, acontece que as vezes quando ganha uma terra as vezes tu ganha em um lugar que não é o teu e dentro dessa possibilidade tu tens uma oportunidade depois de uma troca ou acerto entre família, de onde é que eu vim para onde é que eu quero, onde é que eu estou hoje. Espero, Deus é que sabe, deixar os ossos por aqui.* Esta família, além da situação econômica que não lhes garantiu a possibilidade de comprar a terra, a vontade de voltar ao campo, voltar as origens onde se queria, pois no primeiro momento o lugar não era o dele, só com uma conspiração da vida o desejo foi possível de se realizar, onde pretendem permanecer. O lugar pode ou não contribuir para a melhoria da qualidade de vida, pois dizem que neste lugar se sentem melhor e mais em casa do que no anterior que era distante de suas raízes.



Moradia da Família D

2.4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE FUNDAMENTAM A ANÁLISE DA PESQUISA

Levando em consideração o próprio nome do assentamento “Sino”, pode significar sinal, anúncio, denúncia, comunicação, de pontos de vista que precisam ser ouvidos e compreendidos. Partindo dessas premissas vi que essas palavras dizem muito do assentamento, pois existem sinais que anunciam, denunciam e comunicam algo. Assim como o sino exige uma escuta para captar a tonalidade de badalo, creio que no assentamento essa escuta sensível se faz necessária para captar os sinais que emergem e os sinais que permanecem rizomatizados na rede relacional que envolve as pessoas que co-habitam o lugar da pesquisa.

Considerando estes fenômenos, busco um diálogo com autores que me ajudaram a captar com maior sensibilidade os sinais presentes na complexidade em que se inscreve o assentamento; facilitando a compreensão da descoberta e análise. Neste diálogo, os antigos dados podem ser integrados às novas teorias como salienta Morin (1984). O novo só é possível porque existiu o precedente. Não podemos rejeitar uma teoria por ser ultrapassada, ou contraditória ao novo, porque ela pode dar as bases sustentáveis para o novo. Por isso recorro à teoria da complexidade, do pensamento complexo por acolher diversos matizes de diálogo, no qual toda construção do pensamento humano é cíclica e por isso não se anula, onde se pode recorrer para entender determinadas dimensões da vida, que talvez hoje não se tenha tantos subsídios. Evidente que há aspetos que não condizem com a teoria da complexidade, quando se atua de forma isolada e determinista, eliminando do campo a possibilidade de conceber atores, sujeitos responsáveis e liberdade. Cada assentado é um ator social, seja ele adulto, jovem ou criança, eles têm uma liberdade própria de sua condição que ocupam no seu lugar de sujeito. E a escuta desta liberdade pode se dar com a ajuda de Freire (1996) quando diz que é preciso ir lendo cada vez melhor a leitura do mundo que os assentados que investigo fazem de seu contexto imediato e do contexto maior, no qual eles fazem parte, isto é, não posso de maneira alguma desconsiderar os saberes processados em experiências já feitas. Por isso é fundamental uma postura dialógica, aberta, curiosa, indagadora para apreender os nós que constituem a rede que compõe o campo de estudo.

No contexto do conflito em que se situa a pesquisa, busco referências teóricas que ajudam a desvelar o advento da descoberta, do acidente, do

contingente, pois a escuta que se faz desta realidade requer valorizar o mundo do Assentamento Sino, como um mundo de possibilidades. Reconhecer que tudo que emerge para a vida social é signo,¹⁴ e conceber que esses signos constituem testes sociais espontâneos, ricos de um significado enigmático e elucidante. A vida social se caracteriza, de acordo com Morin (1984, p. 61), como um sistema. Para este autor, sistema “é a combinação de elementos diferentes que estão em interdependência, ou mesmo em interação”, para que haja sistema é preciso que haja manutenção da diferença, a manutenção de forças que salvaguardam pelo menos algo de fundamental na originalidade dos elementos, ou objetos, ou inter-relações. Assim caracterizo o Assentamento Sino como um sistema por agregar essas características, um conjunto de fatores inter-relacionados, capaz de constituir um todo, se distingue e tem relações com outro(s) sistema(s). Como refere o mesmo autor, o antagonismo latente ou virtual entre as partes selecionadas e entre as partes e o todo é a outra face da solidariedade manifestada no seio do sistema. Os antagonismos latentes irrompem quando há crise, e promovem a crise quando estão em erupção. Na tentativa de compreender estes antagonismos presentes no Assentamento Sino que desencadeiam a situação de conflito, dialogo com diversos autores que me respaldam teoricamente. Olhando a realidade, as energias que emergem estruturando uma rede relacional singular, vou tendo um respaldo do fenômeno, isto é, estas duas polaridades, o dado singular concreto e a teoria que vão devolvendo à vida a teoria e ao concreto, possibilitando a visibilidade da vida no

¹⁴ Utilizo signo para designar símbolo; todo o simbólico é significativo no contexto do Assentamento, ou tem significado.

assentamento, pois o Assentamento Sino é uma unidade complexa, mas, ao mesmo tempo, uma célula de um grande corpo social.

Entre as pessoas do assentamento existem situações e estruturas apropriadas de criação, de legitimação interna e de circulação e reprodução de diferentes tipos de conhecimento, valores, símbolos e significados. Estes, muitas vezes, não são entendidos pela não compreensão do processo interno da vida cultural das classes populares como explicita Brandão (1983, p. 11), “são raros os momentos em que se fez uma avaliação criteriosa de como esses ‘graus de consciência’ existem na realidade concreta da vida das classes subalternas, em suas comunidades populares”. Enfim, compreendo esse processo das relações que perpassam essa comunidade tendo presente esses limites abordado por Brandão. O desvelamento de suas condições existenciais e históricas que as produziram neste contexto na qual então inseridas, é fundamental para surgirem pessoas autônomas, como alerta Brandão (1995, p. 41):

O próprio trabalho pedagógico conscientizador deve partir da idéia de que, individual e coletivamente, o verdadeiro conhecimento não é uma aquisição de um outro, mas uma construção com os outros, a partir do diálogo fundamentado sobre as matrizes e representações da experiência vivida por cada sujeito em cada cultura.

Cada vez mais este diálogo intercultural se faz necessário para nos abastecer de ferramentas que vão potencializar uma tomada de consciência por

parte das comunidades populares daquilo que há de peculiar, de interiormente próprio, de historicamente construído por cada cultura e especificamente, o construído por essa mescla cultural que compõe o Assentamento Sino. Pois, conforme Guattari (1990), em cada comunidade as pessoas estão em forma de rede¹⁵ – cada pessoa é um terminal da rede e só funciona ligada à rede. Assim somos afetados por devir subjetivo que nos desconstitui enquanto indivíduos, e um fluxo de subjetividades, de informações, nos rebate a consciência. Neste contexto o sujeito não existe como princípio, o que existe são lugares de sujeitos que se pode momentaneamente ocupar, onde há devir de subjetivação fluentes a todo o momento. Tal acontece com os assentados que, ao percorrerem certos territórios existenciais até chegarem ao assentamento, vêm constituindo uma identidade nômade, na qual não têm uma essência, pois as situações pelas quais passaram foram constituindo interações e nessas interações foi se constituindo a identidade,¹⁶ é o momento presente vivido que revela uma certa identidade em um dado momento. Dentro dessa possibilidade se evidencia o processo de iniciação,¹⁷ rituais de

¹⁵Rede: teia. Este termo tem uma série de usos no sentido comum (teia de aranha, rede de tecido, rede elétrica...). A metáfora da rede sinaliza, no caso da pesquisa, descentralização do dinamismo fundamental de um sistema. Aponta para uma complexidade de interconexões tal que nela já não existe propriamente um centro, nem uma simples multiplicidade de centros, mas uma espécie contínua de interpenetração e convocabilidade do todo. A teia da vida. O conceito transmite, até certo ponto, a idéia de ruptura epistemológica na própria concepção de conhecimento. Demonstra as interconexões entre os diversos atores sociais do Assentamento com seu entorno e com outros sistemas que formam uma rede cada vez mais complexa.

¹⁶Identidade: refiro-me à identidade que se constitui nesse jogo com outras identidades no entorno, a identidade é dada na relação com o outro. O processo pelo qual se constrói uma identidade, ou está se construindo, é na interação.

¹⁷Rito de iniciação: caracteriza um processo de aprendizagem e maturação que só encontrará o seu final, no caso do Assentamento Sino, no ganho da Terra, ali eles podem se desenvolver e progredir. Assim, iniciação envolve sempre uma mudança de regime e estatuto social. No assentamento, isso se identifica na posse da Terra, na qual se passa a ser reconhecido como um proprietário e um cidadão como eles se consideram. O processo de iniciação

passagem¹⁸ de Turner (1974), dos assentados no acampamento, como que eles ocuparam este lugar de sujeito no acampamento, cujos momentos são conflituos, a resistência ou adesão ao processo de iniciação pode garantir a terra ou não, como esse processo seletivo foi experimentado na vida deles. Nessa perspectiva, Deleuze e Guattari (1996) constroem categorias de desterritorialização,¹⁹ assumindo um nomadismo, passagem de processos de singularização, passagem por diversos afetos, situações desorganizadas, caos. Viagens por processos de não identificação, viagens por territórios existenciais, em que a subjetividade não reside na interioridade da pessoa. No Assentamento Sino, há identidades inseridas em culturas singulares, outro mundo ali possível, entender esse outro mundo, entender a lógica a partir de si, se fazer outro na alteridade²⁰ e, ao percorrer outras identidades, se armar

referido comporta ritos de passagem, que no caso dos acampados vão experimentando em diversas situações que envolvem o conjunto das funções que um acampado precisa passar.

¹⁸Rito de Passagem. Para autores como Van Gennep são algo em si mesmo, como um fenômeno dotado de mecanismos recorrentes (no tempo e no espaço) e também de certos conjuntos de significados, o principal deles sendo o de realizar uma espécie de costura entre posições e domínios sociais, pois a sociedade é concebida em Van Gennep como uma totalidade dividida internamente. Assim, reconheci na forma estruturante do acampamento uma forma de passagem de um estado para outro. Em um momento se é sem terra, mas o acampamento reserva o direito à terra, em que alguém que não tenha passado por isso fica institucionalmente sem esse direito reservado, embora haja assentados que não passaram pelo acampamento, mas a marca fica, como observo no Assentamento Sino, inclusive se coloca essa situação como promotora de conflito no assentamento, onde se exclui aquele que não foi acampado. Registro esse fato justamente para dizer que essa situação revela nesse assentamento a presença da lei acima do sujeito, ou a instituição acima do bem estar do sujeito. O que difere um assentado que passou pelo acampamento de um que não passou, é estritamente arbitrário, criando uma divisão no assentamento.

¹⁹Território é um estabelecimento de distância, um espaço de possibilidade. Possibilidade de ter acesso ao que significa para o grupo de assentados. Definir os limites do território, o lugar onde o grupo caminha para coletar os recursos para as suas necessidades. Não se tem uma linha definida sobre as funções sociais que o território tem para o grupo. Quando utilizo desterritorialização é o sentido de que as fronteiras são móveis e não fixas, há um borramento dessas fronteiras em todos aspectos da vida existencial e social, até no campo do saber, no qual não há um território do saber, mas uma hibridação. Também por estes assentados terem passado por diversos territórios existenciais, e, talvez, não constituírem um território de existência, por isso vivem desterritorializados.

²⁰Alteridade – termo que designa sentimento de pertença a uma espécie, por isso condiciona o sentido do amor

contra os processos hegemônicos que impedem o nomadismo, o que não era previsto. Essas identidades das pessoas do assentamento agregam elementos que se sedimentam na subjetividade e fornecem uma âncora para enfrentar a incerteza gerada pelo conflito através do jeito próprio de cada indivíduo.

Considerando que hoje em dia convivemos com um emaranhado de incerteza, devemos rever com Latour (apud Santos, 1999, p. 81):

o equívoco epistemológico, herdado da modernidade, de pretender trabalhar a partir de conceitos puros. (...) Essa separação entre “um poder científico representativo das coisas e um poder político, representativo dos sujeitos” é um dos pontos de partida do paradoxo moderno, com a separação total entre natureza e cultura.

Esta revisão de nossos conceitos passa por um olhar sobre as condições e o modo que o nosso conhecimento foi produzido, descobrir a origem desse paradoxo fundante de nosso agir é fundamental. Santos (1999) argumenta, já que a realização concreta da história não separa, devemos descobrir um outro modo de ver a realidade, oposto a esse trabalho secular de purificação, fundado em dois pólos distintos. Mas sendo nossa história construída nesta polaridade, a questão da “cultura popular” não foge à regra, como salienta Brandão (1995, p. 126):

sabemos que os jogos de opostos com que lidamos por muito tempo para diferenciar tipos populares de culturas nas sociedades complexas não tem funcionado mais: erudito versus popular, dinâmico versus estável, moderno versus tradicional, crítico (consciente de si mesmo) versus ingênuo (no passado recente, “alienado”).

Considerando essa problemática epistemológica fundamental para abordar questões referentes à cultura,²¹ entendendo cultura como um tecido de significações e uma ciência da interpretação dos significados, lembrando Cetrulo (2001), autor que apresenta a busca da transformação social através da ação cultural problematizadora de nossas práticas, carregada da cultura condicionada, ou mesmo, se considerarmos que investigação do Assentamento Sino possa se fundamentar numa concepção humanista ancorada no paradigma da complexidade, seja possível responder algumas das questões acerca da dimensão do conflito que se instaura na singularidade deste terreno. Para isso, devemos considerar os tipos de culturas nas sociedades complexas como as abordadas por Canclini (1997), visualizando a hibridação cultural, assim como os processos de mestiçagem²² de Alsina (1999), pois hoje existem novas modalidades de organização da cultura, de hibridação das

²¹Cultura é o nome que a Antropologia dá à variação relacional. Não são as relações que variam, são as variações que relacionam (Viveiros de Castro, 2002).

²²O termo mestiçagem que utilizo vem do autor Alsina (1999), designando que toda nação ou sociedade e até o Assentamento Sino é, em princípio, uma pluralidade, um mosaico de culturas, porém, nessa pluralidade, não há uma relação de igualdade. Então trago essa reflexão que se aproxima da concepção e hibridação de Canclini (1997), preferindo utilizar o termo mestiçagem por ser um termo conhecido na linha étnica, mas aprofundando seu sentido podemos reconhecer que a mestiçagem cultural seria uma arte de viver que provoca a reflexão e se baseia em uma tolerância flexível nas relações culturais, especialmente no que diz respeito ao Assentamento Sino, em que esta aproximação é muito pertinente.

tradições de classes, etnias e nações que requerem outros instrumentos conceituais, pois é nesses cenários que se desmoronam as categorias e os pares de oposição convencionais. Assim, também aborda Brandão (1995) que os jogos de opostos não servem mais, eles não servem mais para compreendermos a sociedade atual, mas servem para diagnosticar o quanto ainda estamos mergulhados nesse jeito de pensar a cultura opositivamente, fruto do equívoco epistemológico herdado da modernidade. Mas volto à questão da mestiçagem, na qual desaparecem esses jogos de opostos para dar lugar a uma outra compreensão do tecido social rizomatizado, contemplando os mais diversos matizes de variação relacional. Levo em consideração que algumas singularidades permanecem, mas que não podemos escamotear quanto ao grau de relevância que esta nova composição social nos traz de novo, juntamente com o desmoronamento dos padrões fixos dos quais somos frutos, o importante é a reflexão que se pode fazer sobre a questão cultural.

Talvez seja preciso olhar com mais atenção para esse recorte de cultura mestiça que perpassa o grupo de pesquisa no Assentamento Sino, grupo que tem uma relação também conflitiva com o meio em que está inserido, pois o meio exerce uma força na complexidade das relações que os indivíduos estabelecem consigo e com os outros, e no caso do assentamento, a nova terra e o geoespaço são estranhos, por isso foi necessária uma crise na relação com este contexto natural para eles reconhecerem o território e mudar o tipo de relação em uma nova ordem como anunciam nessa fala: *quando chegamos aqui fomos plantando o que estávamos acostumados a plantar onde nós morava, ninguém nos avisou o que produzia aqui. Depois de não dar nada começamos a ver o que dava e fomos*

mudando de jeito. Para tecer novamente uma compreensão diferenciada que possibilite uma nova postura do pesquisador no desenvolver da pesquisa, é fundamental reconhecer esses imbricamentos que vão gestando lugares possíveis de identificação. De acordo com Morin (1984), o comportamento humano na sociedade é incompreensível se esquecermos a combinação da informação genética e da informação cultural, mas não é menos incompreensível se esquecermos a informação proveniente das experiências fenomenais, quer dizer, no ecossistema, “o espírito humano é espelho do ecossistema” (p. 100).

Esta postura leva-nos a uma mudança de paradigma que abarca o processo cultural de significações e legitimações que as comunidades vivenciam, trata-se de um estudo sobre as relações que os sujeitos assentados estabelecem entre si e com o mundo social, tal como se dá num processo dialético, no qual o homem coletivamente e o seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro, onde, tal como analisa Berger e Luckmann (1985, p. 87) “a exteriorização e a objetivação, são momentos de um processo dialético contínuo, o terceiro momento é a interiorização (pela qual o mundo social objetivado é reintroduzido na consciência no curso da socialização)”. A partir do pressuposto que a sociedade é um produto humano e uma realidade objetiva, sendo o homem um produto social e suas relações (redes) se inter cruzam no tecido social, qualquer análise que se fizer não deixará de lado algum desses momentos de exteriorização, objetivação e interiorização. Estas considerações perpassam este recorte do assentamento, constituído por doze famílias que formam uma comunidade, têm sonhos, desejos de trabalhar cooperativamente e agroecologicamente. Devido aos problemas de relacionamento

grupais e culturais, já que cada um é constituído por variações diferentes, com idéias diferentes, não tem havido um entendimento que possibilite a concretização desse sonho. Mas, como infere Brandão (1995, p. 40):

O reconhecimento de que não é apenas na esfera das grandes análises e de metapropostas universalizadas, mas no reconhecimento concreto das condições reais da vida social de cada povo e das relações estruturais entre eles, que deveriam ser encontradas as razões das desigualdades, a morada dos conflitos e o lugar central de ações emancipadoras: entre sujeitos sociais.

Nessa perspectiva, talvez seja no interior do grupo do Assentamento Sino, nas condições reais da vida social deles que possivelmente se encontram as razões da impossibilidade de realizarem o sonho de um trabalho cooperativo, se é que realmente esse sonho existe. É nessa concretude da vida desse grupo que se dá uma tessitura cultural, que ora tende a rejeitar o novo (invariância), ora deve ser apta a abrir-se para o novo a fim de integrar uma descoberta. Como delineia Morin (1984), poderíamos chamar isso de organização regenerativa, pois, no caso do assentamento, reside na sua complexidade, sua heterogeneidade, sua neguentropia e na sua singularidade (individual e específica).

Abordando a questão do sistema vigente que, de certa forma, gera essas relações truncadas, onde o negativo é escondido, temos que representar papéis socialmente instituídos, como, por exemplo, de ser “bem educado”. Aqui cabe

destacar Lemos²³ quando analisa que alguém está “dentro do mundo, mas não é capaz de sentir pelo seu próprio ser, e próprio pensamento”. Aprendemos por repetição a ter sempre “o outro” como referencial e não o “eu”. Tudo que fazemos é para satisfazer o externo e, dificilmente, deixamos de nos preocupar com o externo, talvez fazemos isso baseado no essencialismo de querer chegar à perfeição, a ser o devir-homem branco adulto rico, o ideal de pessoa que temos em mente a conquistar, que possivelmente vem da ideologia capitalística que nos introjetaram ao longo da história moderna. Quero chamar a atenção que, assim, desviamos o foco do sujeito para constituir o objeto e, desse modo, nos apropriarmos desse objeto estabelecendo uma relação de dominação e dependência, a qual domino para impor o meu ser. Isso acontece no campo político, educacional, familiar, do trabalho e da natureza, tal como a máxima de Bacon (apud Cetrulo, 2001), “dominar para possuir”, que é a característica deste modelo da sociedade vigente. Toda essa cultura de dominação/dependência gera o mundo das legitimações e justificativas introjetadas nos sujeitos, conforme explicitam Berger e Luckmann (1985, p. 92):

O edifício das legitimações é construído sobre a linguagem e usa-se como seu principal instrumento. Assim, a “lógica” atribuída à ordem institucional faz parte do acervo socialmente disponível do conhecimento, tomado como natural e certo. Uma vez que o indivíduo bem socializado “conhece” que seu mundo social é uma totalidade consistente, será forçado a explicar seu funcionamento e defeitos de funcionamento em termos deste “conhecimento”.

²³Lemos, Sanclair: autor e facilitador Titular-Didata de Biodança e Mestre em Educação Física. Expressão ouvida numa palestra sobre o Movimento Humano, em novembro de 2002, na cidade de Viamão.

Essa legitimação impede a emergência de potencialidades que não podem se expressar, o que poderíamos, também, chamar de conhecimento latente no dizer de Cetrulo (2001), e Melucci (2001), autor que propõe uma nova reflexão sobre movimentos sociais e sobre sujeitos individuais e coletivos. Segundo o autor, “estas relações se tornam explícitas somente em ocasião de mobilizações coletivas em torno das quais a rede latente ascende à superfície, para então mergulhar-se novamente no tecido cotidiano” (p. 97). O que não aparece e não é visível tem importância fundamental para compreendermos os sujeitos das sociedades complexas como o que aparece ao se aproximar do Assentamento Sino, é poder ver o que está na trama cotidiana.

A partir da troca e da produção de um conhecimento diferenciado com o grupo de pessoas do Assentamento Sino, reapropriando e reorganizando os saberes latentes dessas pessoas e, ao mesmo tempo decodificando as experiências vividas, busca-se contribuir para que construam, como infere Geertz (1997), um saber local sempre agregador e aberto para o novo, um saber que vai se regenerando a cada instante e se complexificando com o entendimento das relações que se estabelecem, sejam elas de ordem subjetiva, cultural, ambiental ou política.

Neste novo jeito de aprender a aprender, Bateson (apud Cetrulo, 2001) insere o saber da vida e do tecido social como parte integrante de todas as relações possíveis na realidade vivida. Tendo, assim, compreender como as pessoas dão sentido e significam o mundo, representam a realidade, simbolizam a experiência

com o ambiente e, ainda, como eu, enquanto pesquisador, significo essa realidade, pois devo elucidar constantemente o que sinto e refletir essa experiência, colocando entre parênteses o meu modo de pensar, pois é possível que exista um outro lugar de fala, que não seja o lugar ocidentalizado no qual estou inserido. Sustento que a investigação se caracteriza pela análise de práticas e com algumas opções teóricas e metodológicas em permanente processamento, pois a cada descoberta se constrói o passo seguinte, tal como nos afirma Cetrulo (2001, p. 25-26),

no iniciamos nuestras prácticas de educación popular. És decir, no iniciamos nuestras prácticas con una teoría acabada que se trataría de aplicar, sino con ciertas opciones teóricas y metodológicas básicas, abiertas a nuevas elaboraciones. El marco teórico está en permanente construcción, por cuanto, producir teoría desde las prácticas es parte esencial de nuestra aproximación a la educación popular.

A partir desta reflexão, as opções teóricas apresentadas ao longo da proposta vão anunciando que, embora tenha feito algumas escolhas, acredito que elas não abarcam a essência fenomênica da realidade investigada, pois existe um conhecimento que não se dá *a priori*, nasce da práxis, da experiência cotidiana, do devir-imperceptível e – por que não? – do conflito.

Devido a uma prática civilizatória, construída historicamente, descontextualizada, acabamos perdendo nossas raízes culturais, nossos referenciais humanizantes e, também, atraídos por condicionamentos que nos levam à homogeneização do viver, nos tornamos dependentes e não sujeitos, e o instinto, a

criatividade e nossa potencialidade foram abafadas, impossibilitados de agir e viver autonomamente. Isso se reflete em nossas teorias e práticas que estão contaminadas por processos desumanizantes, como dominação e exclusão. Olhando para a nossa prática possamos descobrir que ela está carregada de processos desumanizadores que se expressam em nossa prática e não em nosso discurso. Mesmo pretendendo estar numa prática libertadora, enquanto não olharmos para ela, continuaremos condicionados, “pensando estar libertando”, como nos advertiu Freire (1978, p. 120), “numa perspectiva libertadora, ela há de ser sempre um ato criador, em que o conhecimento livresco cede seu lugar a uma forma de conhecimento que provém da reflexão crítica sobre uma prática concreta de trabalho”. Inspirado nas palavras do autor, penso que devemos descobrir com as práticas o que elas significam para nós e, ainda, o que elas têm a nos dizer sobre nós mesmos e sobre a herança cultural introjetada em nosso ser. Talvez possamos compreender a relevância da análise profunda de nossas práticas. Toda práxis humana está preñe de significados. Cabe perguntar: Que significados são estes? Qual o conteúdo dessa práxis? O que ela tem a nos dizer? Não pretendo conclusões, apenas debruçar-me sobre essa premissa da práxis humana em que se instaura o conflito, os antagonismos para investigar e aprender, trilhando um caminho sempre novo. Acredito que o ser humano age e luta na esfera existencial, conforme analisa Kosik (1976, p. 75):

o homem não nasce jamais em condições que lhe são “próprias”, ele é sempre “jogado” no mundo, cuja autenticidade ou inautenticidade ele tem de comprovar por si mesmo, na luta, “na

práxis”, no processo da história da própria vida, no curso do qual a realidade é possuída e modificada, reproduzida e transformada.

Essa é a condição das mulheres e dos homens do Assentamento Sino, ou melhor, percebo-os possuídos de uma complexidade que vai se desvelando, ou não, como o pulsar da vida, ora contrai, ora expande, no processo da história da própria vida, na luta vão se apropriando da realidade, e esta pode ser modificada, reproduzida, transformada e regenerada. Compreender esse movimento constitui o que investiguei. Dentro desta perspectiva, como já referi anteriormente, busquei apoiar este estudo em autores que se aproximam das questões relevantes na pesquisa, são autores que se inserem num quadro de mudança paradigmática, tanto no campo da educação quanto na questão ecológica e cultural e se ancoram na teoria da complexidade. Esse referencial estava aberto, em construção, assim como os processos humanos são espaços de possibilidades, abertos. Essas contribuições me auxiliaram na compreensão da práxis humana, interpenetrada de conflito, tanto na existência das pessoas do Assentamento Sino como a minha própria existência, já que estava e estou inserido neste estudo, não só como pesquisador, mas ocupando um lugar de sujeito.

Na perspectiva da diferença busca-se contemplar o saber individual de cada sujeito e a sua experiência como fundamento deste novo saber que é adverso e complexo. Concordo com Shiva (2001) quando nos ensina sobre a importância de valorizar a vida e reconhecer o direito à felicidade. “A diversidade é a chave da sustentabilidade. É a base do mutualismo e da reciprocidade - a ‘lei do retorno’ que

tem como princípio o reconhecimento do direito de todas as espécies à felicidade e ao não-sofrimento” (p.113). A partir da experiência e da relação que estas pessoas têm com a terra, ambiente complexo e diverso capaz de regenerar sempre e de produzir sempre, capaz de gerar a vida mesmo onde é proibido, acredito que tudo que acontece na terra, acontece no meio humano, social, cultural, cósmico e educacional, como adverte Guattari (1990), temos que ecologizar o ambiental, o mental e o social, sendo que estes aspectos estão sinergeticamente relacionados entre si e abertos.

Um das questões a responder foi: como contribuir para que os sujeitos assentados pudessem liberar seu conhecimento latente, ou melhor, como favorecer para que esse sujeito ultrapasse a condição de objeto para ser sujeito, pelo uso de uma pedagogia que não se fundamente na transmissão? Pois uma teoria pronta vai nos impedir de ver o inesperado e talvez impeça de emanarem outras possibilidades de pensar. Creio que aqui cabe lembrar Gramsci (apud Buey, 2001) como alguém que viveu seu ser político até as últimas conseqüências e nos deixou um grande aprendizado, pois mesmo no cárcere produziu vida e nos ensinou que “el problema básico de la cultura es cómo cultivar el propio yo, cómo lograr la autonomía tanto en el plano individual como en la vida coletivo” (p. 95). Ao aproximar-me desse grupo de assentados o que me chama a atenção é a cultura presente nessa comunidade. Pergunto: Como essa cultura determina a vida das pessoas tanto individual como coletiva? Compartilho com Gramsci (apud Buey, 2001) uma definição de cultura como “organización, disciplina del yo interior, apoderamiento de la personalidad propia, conquista de superior consciência por la cual se llega a comprender el valor

histórico que uno tiene, su función en la vida, sus derechos e sus deberes” (p. 96), enfim, são variações constantes que se relacionam entre si. Considerando o ser humano como espírito, estética, criação histórica, natureza e contradição, levando em conta que este ser venha a ser crítico de seu modo de vida, do tipo de civilização imperante, do que representou e representa esse sistema e, também, venha a ter consciência do que se é, do que se quer vir a ser, acredito que o pesquisador deve ter esse olhar para sua cultura e seu modo de se relacionar com o grupo, colocando-se também no lugar de objeto a ser pesquisado. É uma co-produção de um conhecimento que vai se descobrindo e se desvelando. Como constata Gramsci (apud Buey, 2001), “todos los hombres son filósofos, reflexión crítica particularizada acerca de la propias prácticas, de las propias concepciones del mundo” (p. 86). As nossas práticas são o maior referencial para se construir uma teoria, porque são reais e vivas e revelam a nossa cultura, esse caldo cultural em que nascemos e vivemos. No entanto senti que as pessoas do Assentamento Sino ainda não se apoderaram de sua cultura, possuem uma parcial consciência de seus deveres e direitos, justamente por não participarem de um processo que os permita darem se conta de sua função na vida, eles apenas reproduzem o “aprendido”, então falam de vida coletiva, mas na realidade não significam o que realmente consiste um viver coletivo, não se apropriam desse novo jeito de viver.

Uma outra questão que abordo é o controle externo, a questão da transmissão de conhecimentos. Referendando Shiva (2001, p. 55),

o controle externo diminui os graus de liberdade de um sistema, reduzindo, assim, sua capacidade de auto-organizar-se e renovar-se (...) os sistemas auto-organizadores crescem a partir de dentro, modelando-se para fora. Os sistemas mecânicos organizados externamente não crescem; eles são feitos, montados a partir de fora.

Talvez este tenha sido o aspecto de maior relevância na pesquisa, pois como sugeriu Shiva, busco encontrar uma fusão entre tudo que constitui um sistema vivo, e considero este grupo de assentados um sistema vivo, que pode nascer e crescer a partir das internalidades, isto é, a partir da existência cotidiana que constitui redes de conexões e desconexões e, da compreensão das relações que vão se rizomatizando numa organicidade própria, numa simbiose, tornando a existência harmônica. Essa harmonia não significa ausência de desordem, mas supõe um dispositivo autogenerativo, isto é, a vida, toda a vida e até a vida social, precisa daquilo que causa a sua morte para se regenerar, que mais cedo ou mais tarde, sucumbirá, assim, como há vinte cinco séculos já dizia Eráclito (apud Morin,1984) “viver de morte, morrer de vida”. Tal como num sistema “autopoietico”²⁴ no dizer de Maturana (2000), ou ainda, um sistema *conjuminado* no dizer de Seu Plínio. Segundo esse assentado, *ocê faz um feijão com arroz e galinha e conjumina os dois juntos né.*

²⁴Autopoiese (do grego: autós, próprio; poiei, poien, poiesis, faço, fazer, o feito). É um neologismo (cf. H. Maturana, F. Varela, N. Luhmann e outros). Produção de si mesmo, autofazimento (Assmann, 1998).

As relações do ambiente estão presentes na vida destas pessoas. Vale analisar: como o que existe no espaço geográfico, deste recorte do ambiente, chega e afeta estas pessoas de alguma forma? Pois para Santos (1999), “o espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro” (p. 84). No entanto, a noção de espaço deste autor, substituí por lugar, pois é no lugar, na proximidade que se materializam estas relações, que se formaram pelo resultado material acumulado das ações dos assentados através do tempo que ali estão, e, também, animado pelas ações atuais que atribuem um dinamismo e uma funcionalidade, que talvez reflita de alguma forma na dinâmica das relações no grupo da pesquisa. Ao compreender o jeito de ser destas pessoas, a sua cultura, a sua negatividade e a sua positividade, as suas potencialidades muitas vezes abafadas pela cultura e, penso que acima de tudo, esses assentados são capazes de retecer os fios que possibilitem emergir o ser humano que ali existe. Quero trazer presente uma passagem de Maturana (2000, p.10), na qual o autor analisa que

pensamos que tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir de sua consciência social. Conseguir isto é o propósito desta proposta educacional.

Conseguir isto foi o propósito deste estudo.

Estes autores foram inspiradores e âncoras para dar suporte ao estudo desenvolvido, vale lembrar que outros autores, que não privilegiei nesta parte, aparecem no processo de análise dos dados coletados, o objetivo deste texto é situar por onde se encaminha o estudo e sua compreensão.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: AO CAMINHAR SE ABREM CAMINHOS

3.1 TRAJETÓRIAS

Nesta parte busco estabelecer uma relação entre objetivos, pressupostos teóricos em que ancorei este estudo e o método construído na coleta dos dados e, posteriormente, na análise.

Todo caminho se constrói ao caminhar. Isso significa que se deve aprender a usar a experiência de vida no seu trabalho, continuamente. Nesse sentido, o artesanato é o centro de si mesmo. (...) 'ter experiência' significa que seu passado influi e afeta o presente, e que define sua capacidade de experiência futura. (Mills, 1972)

Procurei um ponto de vista investigativo inspirado na metodologia etnográfica, no qual me aproximei dos sujeitos, mais preocupado com o descobrimento e com a problematização do que pela validação e explicação, tal como sugere Cetrulo (2001, p. 75):

vale decir que se optó por una metodología investigativa en que lejos de dar por sentado un objeto ya constituido, se problematiza la tarea de constituir el campo de objetos sin un punto de llegada predeterminado, tarea siempre abierta a las formulaciones que la investigación exigiera.

Nesse processo de pesquisa a minha preocupação, enquanto pesquisador, é com a sobrevivência e a dignidade do grupo de assentados, na prática de resgatar os conhecimentos desse grupo, possibilitar o resgate de si próprio e de sua cultura. O processo de realização do estudo comportou a observação de algumas etapas, quais foram: exploratória, cercamento do estudo, já realizadas no projeto; coletas de dados; análise sistemática e elaboração do relatório de pesquisa. O material coletado foi organizado e classificado em campos temáticos, caracterizando o problema da pesquisa que se configura no conflito rizomatizado, estabelecendo uma relação entre os diferentes campos na perspectiva de identificar recorrências. Num segundo momento, há uma tentativa de reavaliação dessas recorrências comuns.

No processo de coleta e análise de dados, concordo com Stubbs e Delamont (apud Lüdke e André, 1986, p. 15) quando enfatizam que “a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado”. Sob esse enfoque, os autores sugeriram que este processo seguisse os procedimentos que descrevo a seguir.

3.1.1 Primeiro procedimento: aproximação com o cenário e sujeitos de pesquisa

Este primeiro procedimento consistiu na exploração que envolveu a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde foi realizado o estudo, visitas ao assentamento, observação da geografia, dos cheiros, contato com as pessoas. Isso foi abrindo os meus sentidos à vida da comunidade. Ao tocar essa realidade, ouvi-la, perceber estereótipos, e me surpreender com ela, fui tomando consciência de mim mesmo e, também, adquirindo maior conhecimento sobre o fenômeno, no qual fui selecionando os aspectos que mais sistematicamente investiguei.

Com esse horizonte me aproximei do grupo de assentados no qual fui tecendo uma rede de relações, fui várias vezes ao local da pesquisa para visitar, observar, conversar... Devido ao fato de eu já os conhecer, este primeiro contato se tornou mais fácil. Sempre com curiosidade, mostrando interesse pelo que faziam, participei de alguns encontros, em que conversávamos sobre assuntos de seus interesses. Todo esse processo relacional foi criando vínculos fortes e confiança. Essa fase de aproximação durou uns seis meses antes de iniciar as entrevistas. Essas visitas e encontros, e mesmo as entrevistas, foram marcadas por muito interesse por parte dos assentados. Aos primeiros encontros eles chegavam atrasados, ficavam fumando de pé em volta, encostados nas paredes; em alguns encontros não vinham, mas eu estava sempre lá na hora e no local marcados, na capela da Igreja Católica que se localizava dentro do assentamento. Aos poucos eles foram vindo no horário, foram acertando algumas combinações nos encontros, como

não fumar, e fazer os encontros nas famílias em vez de ser na Capela, porém essas regras foram sugeridas por eles. Muito desses encontros foram gravados, com a autorização dos participantes.

Nesse caminho que foi se construindo, os convites para jantar e almoçar na casa deles eram freqüentes, faziam questão que fosse até suas casas; quando eu ia, preparavam uma mesa farta com o que produziam, fazendo questão de dizer que eram produtos saudáveis e cultivados ecologicamente. Faziam questão de mostrar a horta, o que produziam, davam verduras quando ia embora, convidavam para retornar. Outra característica era o chimarrão, em qualquer casa que fosse, a qualquer hora, o chimarrão saía. Mesmo as entrevistas eram feitas, na maioria das vezes, com o chimarrão, pode ser o costume, mas revela que as pessoas têm tempo, deixam tudo o que estão fazendo para dedicar este tempo para ti. Entre essas visitas, muitos laços foram sendo cultivados, procurava valorizar tudo o que faziam, estar presente quando solicitavam, ouvindo suas queixas e demandas. Estava totalmente à disposição deles, sempre emitia a minha opinião sobre o que falavam, aceitando suas argumentações.

Houve momentos em que os visitei nos locais de trabalho, em que ajudei a tirar leite, isso deixou uma família muito surpresa, pois não esperavam que o fizesse. Percebi pelo jeito que reagiram e depois se confirmou na fala deste assentado, que disse: *Isso é muito lindo, ele é professor, mas tira leite* (diário de campo 27/09/03). Nesse momento percebi que essa atitude desencadeou uma sintonia grande com aquela família, colocando-nos numa situação de uma certa igualdade, em que eu

fazia, também, o que eles faziam. Muitas vezes fui ao assentamento somente para visitá-los, e trocar idéias, assim foram percebendo que a minha presença lá se fazia também para conviver com eles, não somente para coletar dados de pesquisa, pois não fazia anotações nesses momentos, apenas sentia a experiência acontecer. Enfim, todo esse jeito de ser pesquisador revela uma maneira de ser que pretendo para a educação, pois a convivência com essas pessoas foi produzindo trocas e efeitos, tanto neles como em mim, gerando um processo de construção muito interessante. As trocas aconteciam também entre eles, nos encontros muito conhecimento foi compartilhado, receitas de controle natural de pragas e doenças, receitas de culinária, entre outras trocas, como o consolo na hora da dificuldade, o apoio em momentos difíceis, como os que a família C enfrentou por ocasião da morte de uma menina que vivia no hospital desde que nasceu, e o próprio falar sobre as dificuldades e os problemas que enfrentavam que impossibilitava a organização de um trabalho cooperativo. Todos esses momentos foram muito ricos no sentido de garantir a possibilidade de cada um se expressar sem censura. Todas as falas que vinham nos momentos mais individuais de cada família, como por exemplo, o caso do alcoolismo na família C, procurava ajudá-los a refletir sobre o que estava acontecendo e que criassem uma forma de lidar com essa situação. Depois de algum tempo me contaram que haviam conversado com esse senhor e dito para ele “manejar” na bebida pelo menos quando tinha uma reunião do grupo, esse foi um jeito encontrado por eles para lidar com a situação sem desrespeitar a pessoa em questão. Esse jeito de ser pesquisador marcou todo processo de pesquisa. Foi o método que utilizei para me aproximar daquele grupo e conviver com eles esse período de tempo, para acompanhá-los e também coletar dados para este estudo,

como refere Spradley (apud Lüdke e André, 1986) que consiste na descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo, no caso o Assentamento Sino. Esse método que utilizei, como já referi, se inspira na etnografia, por tentar descrever e compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem a ordem do mundo em que habitam, e nessa compreensão me compreendo enquanto pesquisador.

No entender de Lüdke e André (1986), na abordagem etnográfica, o problema de pesquisa não precisa estar diretamente vinculado a uma linha teórica predeterminada. Assim, parece ser suficiente que o pesquisador tenha um esquema conceitual a partir do qual possa levantar algumas questões relevantes. Tal abordagem permite ao pesquisador modificar seus problemas e hipóteses durante o processo de investigação, pois poderão surgir outros aspectos, antes não considerados, que favoreçam uma ressignificação do referencial teórico. Considero esta reflexão útil para o desenvolver da pesquisa, pois me encontro nesse enfoque pesquisante, mas foram os achados que redimensionaram o referencial teórico a ser utilizado, pois a cada tema que surgia, buscava ampliar o referencial que se caracteriza dentro de uma complexidade, mas com um fio condutor que procura estabelecer uma certa costura entre as falas dos sujeitos, a minha compreensão com suporte dos autores escolhidos.

No processo de conhecimento e acompanhamento do Assentamento Sino, situado no município de Nova Santa Rita, acompanhei encontros de formação de um grupo que pretendia trabalhar cooperativamente composto de cinco famílias, visitei

as famílias, observei a paisagem e o cotidiano do Assentamento. No momento de fazer as escolhas dos sujeitos da pesquisa, optei por escolher alguns representantes, já que o Assentamento é composto por doze famílias, entre assentados e posseiros²⁵ (posseiros são três famílias), e para efetuar a pesquisa com as doze famílias despenderia muito tempo por ser um número considerável de pessoas. Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, o importante é aprofundar bem o investigado com uma amostra, que consiga dar uma dimensão do todo, já que o todo está nas partes e as partes no todo (Morin, 1984).

Analisando qual seria a melhor forma de escolher os sujeitos, optei por quatro famílias, e dentro de cada família entrevistaria quatro pessoas incluindo o casal e um jovem e uma criança, incluindo todas faixas etárias na pesquisa, que ao meu ver contribuiriam suficientemente para o estudo do Assentamento. A escolha das famílias seguiu o seguinte critério: escolhi duas famílias que participam do grupo de cooperação, e duas famílias de fora do grupo, sendo que, destas de fora, uma delas foi por indicação do grupo de cooperação, que seria uma família que conhecia bem o assentamento, pois estava desde o início. A outra foi escolhida por ser considerada, a partir de minhas observações e da imagem feita em relação a esta família, como uma família de conflito no assentamento. A escolha das famílias do grupo de cooperação foi por uma mostrar uma liderança dentro do assentamento e não ter passado pelo acampamento. Estavam morando junto com a filha e o genro,

²⁵Posseiro é o sujeito ou a família que já ocupava a área alheia, destinada à Reforma Agrária antes da formação do assentamento, e que permanece residindo na área com os mesmos direitos dos assentados, pois ele se enquadra como sem terra.

que eram assentados, e dois netos.²⁶ A outra foi por terem acompanhado todo o processo de formação do assentamento e por ter pessoas que passaram um grande período de suas vidas morando e trabalhando na cidade, antes de virem para o MST. Duas famílias que agregavam o grupo desistiram e foram embora para Canguçu, trocando os lotes de terra com outras famílias do assentamento de Canguçu que vieram para o Assentamento Sino. Esse fato caracteriza uma singularidade rara nos assentamentos, no entanto, aconteceu no momento da pesquisa e redimensionou os próprios sujeitos escolhidos. Com a chegada dessas duas famílias no assentamento, que geraram muitas expectativas nas outras famílias, decidi substituir uma família que havia escolhido antes, mas que não estava inserida na vida do assentamento, por uma família que chegara, pois essa movimentação que houve no assentamento trazia uma expectativa das pessoas em relação a essas famílias que chegaram. Entrevistei um assessor técnico que coordenava e conhecia estas famílias desde o acampamento.

Todo esse processo de escolha dos sujeitos da pesquisa foi conversado com os próprios sujeitos do assentamento, a escolha foi minha, mas com a interferência dos próprios sujeitos. Percebendo uma preocupação em colocar famílias que tivessem o que dizer ou que pudessem contribuir para a minha pesquisa, essa cumplicidade criou uma confiança entre mim, como entrevistador, e eles, como sujeitos. Penso que isso veio confirmar o cuidado e o respeito que tive

²⁶Nesta família os sujeitos são o casal que não são assentados, e a filha, o genro e o neto, com os quais o casal não assentado reside.

com eles nas relações que antecederam esse momento, pois já convivía neste espaço por mais de um ano antes de iniciar as entrevistas.

3.1.2 Segundo procedimento: interação com os sujeitos

Esse segundo procedimento consistiu na coleta de dados mais relevantes, tais como forma e conteúdo da interação verbal dos participantes com o pesquisador, comportamento não-verbal, padrão de ação e não-ação e coleta em documentos,²⁷ se houvesse. Foi preciso aprender a selecionar os dados necessários para obter as informações relevantes. No diário de campo registrei dados que foram importantes para a compreensão das falas nas entrevistas, bem como ter acesso à outra forma de comunicação não-verbal, pelos gestos e expressões observados. Enfim, os registros de campo, permaneceram no bloco de anotações que serviam para preencher lacunas, como um recheio na articulação das falas, contribuindo para costurar o enredo do texto escrito, além de favorecer uma compreensão do cotidiano do grupo, que é fundamental para mergulhar no conteúdo das falas e compreendê-las. Neste procedimento de coleta de dados me apoiei na observação que agregou

²⁷No caso do assentamento não havia sido guardado nenhum registro por escrito, os poucos apontamentos foram perdidos, toda a memória escrita do grupo se perdeu, apenas uma cópia do primeiro projeto do assentamento está em mãos de Ania (a matriarca), a qual apenas me mostrou, mas não consentiu que utilizasse na dissertação. Para ela esse documento agrega um valor simbólico representando a perda de algo muito próximo, no qual se partilhar esse documento com alguém pensa estar traindo o seu grupo.

os seguintes instrumentos: anotações registradas num diário de campo, já mencionadas, e em entrevista não-diretiva.

3.2 ENTREVISTA: CULTIVO DA ESCUTA

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, tentar conhecer os efeitos que se podem produzir, explicando a eles o sentido e os fins que ela busca. As entrevistas foram marcadas com as pessoas em horários estabelecidos, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos e do pesquisador. As entrevistas seriam individuais e particulares com cada sujeito, em torno de duas horas com os adultos e uma hora com os jovens e crianças, sendo toda gravada com consentimento do entrevistado.

No dia e hora marcados com a família A, fui entrevistá-los em sua casa. Chegando lá, estavam todos me aguardando, a entrevista era individual, mas estavam todos aguardando. Não sei se não entenderam o comunicado ou queriam participar da entrevista do outro. Depois de um pouco de conversa comecei a entrevista com a Ania, no decorrer da entrevista senti que ela não estava à vontade, ficava constrangida por estar perto da família, talvez. Encerrei antes do tempo a entrevista e disse que voltaria em outro momento. Ao retornar no outro dia, estavam todos à espera, então convidei o menino para a entrevista e fui um pouco retirado da família, próximo a umas árvores, iniciei a entrevista, mas os olhares e caminhadas próximas a nós eram freqüentes e visíveis. Na entrevista com o Nil foi comum a

presença da esposa, percebi que o fato da entrevista assumir um caráter formal inibia as palavras e espontaneidade do entrevistado, pois em conversas informais o diálogo fluía tranqüilamente. Em outra ocasião que havia gravado encontros, nesses não senti bloqueios dos participantes. Existe uma relação que se construiu espontaneamente, pois já convivía com eles por mais de um ano, e tenho a confiança plena deles, mas ainda a formalidade não permitia a espontaneidade.

Na família C, ao chegar para a entrevista, o mesmo quadro se apresenta: todos estavam aguardando, inclusive os filhos. Nesse dia mudei a estratégia e entrevistei o casal junto. Essa entrevista se tornou mais produtiva e espontânea por não ter o caráter da formalidade. Dou-me conta de que o planejado e o projetado são muito distantes da realidade, a realidade apresenta situações em que todo teu planejamento desmorona e você precisa criar na hora outras estratégias de agir. A “realidade é surpreendente”, nunca podemos prever antecipadamente o que acontece, todo planejamento deveria ser um relato do acontecido e não o inverso, em que se tenta muitas vezes enquadrar a realidade dentro do planejado.

A partir daí as entrevistas continuaram nesta forma, individual ou semicoletivamente, sempre com presença de pessoas próximas, assim se caracterizou no restante das famílias. Esporadicamente fui em horários não combinados, nos quais pude entrevistar individualmente, por estar só essa pessoa em casa. Em algumas casas se evidenciava mais do que em outras o caráter do controle do que estava sendo dito e ouvido, em outras, muito mais o caráter da curiosidade por ser gravado, ou por nunca terem sido entrevistados. Todos esses

fenômenos vão garantindo um caminhar na pesquisa que requer, constantemente, perceber o sensível, aquilo que se apresenta em meios às falas, os gestos, as entonações de vozes, as lágrimas, tudo marca um estado que configura uma certa posição frente à realidade na qual estão inseridos. A partir dessa percepção se compreende o porquê do conflito, pois há um conflito maior, um conflito existencial, na qual se externalizam suas ações, falas e organização de sua moradia, há uma profunda relação entre o subjetivo e a objetividade que aparece nas relações cotidianas.

As entrevistas aconteceram de forma não diretiva que, segundo Rogers (apud Morin, 1984), visa dar a palavra ao sujeito interrogado em vez de fechá-lo em questões previamente estabelecidas, além de contribuir, para uma tomada de consciência do sujeito. Iniciava com uma conversa e no decorrer gravava esta conversa, algumas perguntas visando um direcionamento amplo para o entrevistado abordar o tema com muita liberdade. Pelas entrevistas terem ganhado um aspecto coletivo, as abordagens foram sendo enriquecidas pelas interferências de um e de outro em certos momentos.

Todas as entrevistas gravadas foram transcritas por uma outra pessoa, a qual prestou-me um serviço, devido ao pouco tempo disponível para este fim. Porém, nas transcrições feitas efetuei uma revisão, conferindo na gravação e fazendo as devidas correções quando necessário. Após, separei as falas por temas de conflito, destacando o que considerava relevante para a posterior análise dos dados. Após esta fase fiz uma segunda seleção de falas, tentando aprender o máximo possível do

conteúdo eleito como relevante. As falas selecionadas foram por recorrência, ou por enfatizar uma situação pertinente do tema em questão, que traduzia a situação de conflito.

3.3 TERCEIRO PROCEDIMENTO: DESDOBRAMENTOS DOS ACHADOS

Nesse procedimento denominado de desvelamento da realidade, houve uma tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. Este procedimento pressupõe a análise dos dados coletados durante o processo de pesquisa e o desenvolvimento de uma teoria que permita a estruturação de um quadro teórico no qual o fenômeno possa ser interpretado e compreendido. Assim, a seguir passo a estruturar, a partir de algumas considerações, as categorias de conflito que vão pautar a análise posterior que desenvolvo no próximo capítulo.

A partir destas considerações preliminares, que fui tendo contato na pesquisa de campo, tornou-se muito freqüente emergirem questões vinculadas aos conflitos vivenciados no espaço da pesquisa. Dentre os temas que surgiam, delimitei-os nesta seqüência:

- Um primeiro conflito delineado seria o conflito social na qual se inscreviam os sujeitos da pesquisa, e que levou-os ao MST, e posteriormente ingressarem no

acampamento. Um conflito que se caracteriza por ser de ordem econômica e afetiva. Esse conflito já foi abordado no primeiro capítulo.

- Um outro conflito é vivenciado dentro do processo de iniciação no acampamento. Como acontece esse processo de iniciação? É uma adaptação ou um processo emancipador? Ou um processo pedagógico que permite uma compreensão do que se era antes e possibilita uma ressignificação do que se quer mudar, isto é, toda a bagagem cultural que cada acampado carrega junto, ela é olhada, ou continua despercebida? Existe uma passagem por este processo que garante a Terra. Quem resistiu é vitorioso. Caracteriza-se por ser um processo de adaptação e seletividade.

- O outro conflito seria a posse da Terra. Como é vivida esta etapa com o meio em que se inseriram, sendo o início de uma nova caminhada, distante de suas realidades? Assumir a vida na Terra, como isso afeta as pessoas e de que forma vivenciam as relações consigo e com a vizinhança, aceitação ou rejeição?

Dentro deste conflito de posse da terra foram aparecendo outros conflitos nas relações cotidianas dos assentados, como:

- O conflito do trabalho coletivo e trabalho individual. Como eles vivenciam estas experiências, que sabor elas têm?

- Outro conflito que se explicita no contexto do assentamento é a questão do processo pedagógico, na relação mediador/ mediado. Como essa relação é vivida

por ambas as partes, seria um processo coercitivo ou emancipador? O espaço do assentamento é um espaço de aprendizagens, e os conflitos vividos aqui são momentos de aprendizagens, então reconhecer estes momentos como fundamentais na vida cotidiana destes assentados é gerador de outros momentos de aprendizagens.

- Conflito entre os pequenos núcleos. Algumas famílias buscam ter mais contato com certas famílias e com outras não. Quem se reúne com quem e para quê? O que faz com que as pessoas busquem esses pequenos núcleos? Entra aqui a questão da fofoca, das brincadeiras e as relações de poder.

- Outro conflito que aparece é na relação feminino/ masculino. Como no assentamento é vivida essa relação? Quem tem o poder? Poder implícito e explícito.

- Um outro conflito seria a vida dos jovens e das crianças no assentamento, como eles se sentem sendo filhos de assentados?

- Um outro conflito seria o externo, o aleatório, o acaso que acaba gerando uma situação de movimento, que nem sempre gera conflito, mas pode gerar. O novo desperta interesse, curiosidade e especulação.

A partir desta partilha dos conflitos, estes eram motivos de confronto na vida do assentamento e a condição do viver em cooperação para tentar compreender a existência ou não dessa vontade de viver cooperativamente, de que maneira os

conflitos se relacionam com o modo de viver em cooperação, implicando neste contexto a questão do conhecimento local produzido neste drama social que se compõe o Assentamento Sino.

4. PROCESSOS DE CONFLITO E APRENDÊNCIAS DOS ASSENTADOS PESQUISADOS

4.1. ACAMPAMENTO: PROCESSO DE INICIAÇÃO, RITO E CONFLITO

Desde o nascer ao morrer o ser humano vai vivenciando experiências em sua vida, e uma delas, talvez a primeira, é a socialização no seu entorno familiar, onde a criança vai introjetando aquilo que é vivido, que é extrojetado pelo mundo que a envolve, esse mundo vai garantido sua primeira socialização fazendo-a um ser de sociedade. Assim referem Berger e Luckmann (1985), que em outros momentos da vida, se vai passando por uma outra socialização que decorre do envolvimento com submundos institucionalizados, ou baseados em instituições. Dentre esses submundos, existem alguns chamados de movimentos sociais, em que as pessoas se agregam por um interesse próprio ou por uma necessidade de sobrevivência. E é de um movimento social, especificamente, o Movimento dos Sem Terra, sendo que, dos assentados que investigo, a maioria que aderiu ao Movimento Sem Terra, provavelmente, foi por uma necessidade de sobrevivência, mais especificamente em busca de terra. Passando por um processo de acampamento que chamarei

“processo de iniciação”, justamente por se tratar de uma iniciação ao mundo diferente do vivido por eles, e também por dar sentido à mudança de posição dentro de um sistema existencial, como sinaliza Da Matta (1987). Caracteriza-se por um espaço de aprendizagens, em que podem aprender a ser homens e mulheres, descobrindo o valor de certas regras sociais, canções, gestos, emblemas e aprendem a natureza das solidariedades horizontais entre os semelhantes. Para fundamentar a minha compreensão com relação aos processos de iniciação, busco o apoio de autores que me ajudam a entender o acampamento como tal processo, e rito de passagem. O estudo de Van Gennep (1960 apud Turner, 1974) caracteriza os rito de passagem como fase liminar, e defini os ritos de passagem como ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado e posição social. O rito seria o processo de transição que o autor caracteriza por três fases: separação, margem (ou “limen”, significando “limiar” em latim) e agregação. Na fase de separação abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo, ou da família (caso do assentamento) de um ponto fixo anterior, ou de um conjunto de condições culturais. No caso dos acampados, essa fase se caracteriza no ingresso no acampamento, toda mobilização em deixar o lugar em que estão, por mais pobre que seja, é um desapego simbólico para entrar em uma novidade. O período “limiar” intermédio, caracteriza a segunda fase, as características do “transitante” são ambíguas, pois passam a viver um domínio cultural que tem poucos ou quase nada dos atributos do passado ou do estado futuro. No acampamento, esta fase seria a própria experiência de uma fase de adaptação ao novo, diferente do estado anterior e possivelmente do estado futuro. Na terceira fase, que o autor chama de reagregação ou reincorporação, consuma-se a passagem, isto é, a ocupação da

terra que o coloca numa situação estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros, agindo de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos. No acampamento, é justamente a fase liminar que evidencia o estado em que se encontram os acampados, pois na lógica de Turner (1974, p. 117) “as entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial”. Aqui podemos destacar a mística que é aprendida no acampamento e se perpetua no assentamento com uma forte dimensão arbitrária, em que se faz alusão a momentos fortes que aconteceram nos processos de ocupação e luta pela Terra, especialmente situações de massacre e violência, introjetando uma certa disciplina a partir do sentido e vivido na mística, existe uma adesão a estes momentos porque toca com os sentimentos facilitando de certa forma uma ordenação. Assim a liminaridade no acampamento caracteriza esse momento de gestação, invisibilidade, enfim um momento propício para adaptar-se ao instituído por aqueles que já conhecem as regras do jogo, momento em que ainda não se é, existe a promessa da terra, mas após o processo de conquista da terra será diferente do que era. Nesse sentido o processo de acampamento pelo qual passa a maioria dos assentados se caracteriza nesses moldes, como um verdadeiro rito de passagem (Chaves, 2000), em que eles vão aprender a conviver com as novas regras, que são especificamente para aquele momento. Conviver coletivamente, como infere Morin (2003), é conviver com a similaridade e com a diferença, similaridade pelos traços humanos e culturais comuns e diferença pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. Nesta perspectiva de espaço de aprendizado, o acampamento é visto como uma escola.

Ao visualizar neste estudo a importância dada ao processo educativo pelo Movimento dos Sem Terra, busquei compreender sua pedagogia para confrontar com a realidade do Assentamento Sino. Para isso, busquei alguns dados sobre o processo educativo junto aos assentados, sobre o qual falaram que existe um jeito de fazer a educação que comporta o aspecto da formação, ou educação que envolve questões do cotidiano, como a aquisição de idéias e valores que são difundidos neste espaço de socialização. O acampamento ganha o caráter de escola, onde se ensina e se aprende; *O acampamento, o acampamento é uma aula pra gente, é um colégio, a pessoa que vai lá aprende... Aprendi bastante coisas importantes no acampamento*, esse sentido de que no acampamento realmente se aprende algo é bem visível nas falas e nas lembranças daquele tempo, no qual tudo funcionava e as coisas aconteciam. Uma mudança que está acontecendo é a opinião referente ao Movimento, revelando uma imagem a partir da fala do assentado: *O que eu sabia do movimento? O que a mídia dizia, não é? O principal ainda é, só depois, eu, era contra. Se tu queres saber assim, contra os princípios que a mídia dizia, não é? Mas assim, tu não conhecia, que eu disse, só tu sendo pra saber como é, como funciona, como é que se reúne, lá tu aprende a ser gente. Não é lá. Nós aprende a ser gente. Lá não existe, o lá com aquele povo.* Este primeiro descortinamento do que é realmente o Movimento Sem Terra produz um apaixonamento pela causa e uma adesão, “só o viver lá vai te mostrar como que é”, só experienciando com a vida que se vai produzir um referencial próprio, ser gente é ser reconhecido como cidadão de direito: *É que a gente é criado, a gente é pobre, excluído. E lá tu vê que tu és importante que tu tens direito por lei de reclamar, tu tem direito de reivindicar, e tu tem direito que foi perdido, que te foi negado, sabe? Isso tu aprende lá, que tu tens*

direito que a maioria de nós brasileiro, de nós pobres brasileiros sem instrução, já perdemos a noção que temos direito a alguma coisa. E a gente tem direito sabe? E o mais importante que lá que tu tem o teu direito tu reclama e não reclama sozinho daí, não é? Que nem a gente diz: “A união faz a força”. Tu vai reclamar e muito, e muito pela força, como eu te digo (...) Isso é... “A união faz a força”.

O reconhecimento de que “são gente” faz com que reconheçam o outro também, demonstrando um dos principais aprendizados: “aprendi principalmente lá dentro, companheirismo”. O termo companheirismo ganha o caráter de ajuda, e nesta ajuda está presente o dividir dos meios de sobrevivência. *Então aprendi muita coisa boa lá dentro, principalmente companheirismo, dividir alguma coisa. Eu sempre eu dizia, às vezes me emocionava lá quando a gente saía, fazia uma discussão, alguma coisa, ia numa faculdade ou em um colégio que a gente aprende a dividir o pouco que tem e com esse povo não passa fome sozinho, passa em 2, 3,4,5... ou come 2,3,4,5 juntos essa foi uma experiência muito gratificante para mim, uma das coisas que vou guardar para sempre. Foi o companheirismo, dividir o pouco que se tem.*

O aprendizado engloba a existência, não se aprende pela idéia, mas se aprende na experiência existencial, no ato de repartir ou vivenciar a falta juntos, há uma solidariedade presente no cotidiano, mesmo que seja algo forçado, mas que acaba se internalizando como valor. Mas este mesmo aprendizado deixa um hiato quando se coloca que *a gente é muito individual, aí fora é muito individual demais, lá alguma coisa um pouco muda, que a gente já foi ensinado de uma maneira, vai*

morrer mudando, mas não muda o suficiente. Esse individualismo, que é fruto de uma experiência cultural que caracteriza a nossa cultura, requer um “dar-se conta”, apesar de passar pelo acampamento não se muda o suficiente para uma mudança consistente, pois quando passa essa fase, pouco sobra do aprendido, aí depende da estrutura de cada indivíduo, pois para alguns parece que as mudanças são mais significativas do que para outros. Percebo que a formação no acampamento talvez seja de utilidade para aquele momento e se projeta para um possível futuro, já que a experiência do coletivo é o fundamento do movimento, tanto no acampamento, como no assentamento, mas para realizar um processo de aprendizagem que passa pela ressignificação de idéias e valores introjetados ao longo da experiência de cada indivíduo, necessitaria de uma outra estrutura, a qual este momento, lugar de passagem, não dá conta.

Mas ao mesmo tempo este lugar tem situações associativas pertinentes que evidenciam mudanças significativas na vida, seja de ordem objetiva ou afetiva, conforme alguns relatos que trago presente: *Sempre que eu tinha hora para conversar, aceitar, alguém chamar tua atenção e tu aceita, admitir que tu estás errado, procurar melhorar sem levar para o mal e aprendi muita coisa assim . Não usar muito remédio de farmácia, procurar mais remédios caseiros.* Esse caráter de aprendizado é abordado com mais frequência pelas mulheres, toda esta rede de relações contribui significativamente na vida cotidiana, às vezes tem um caráter de submissão, na qual “tu deves te curvar diante do outro”, mas também pode ter uma transparência nas relações, criando um ambiente de abertura para o diálogo. Já este relato evidencia um resgate da condição de sujeito, portador de um enunciado: *pra*

mim foi uma escola porque eu não abria a boca pra falar com ninguém e no acampamento eu tinha vergonha de falar com as pessoas, de cumprimentar uma pessoa conhecida. Aquilo... eu perdi aquele medo. Aquela bobagem de não querer falar, não querer dizer o que eu sentia, o que eu pensava, então no acampamento a gente aprende muitas coisas boas. Ajuda bastante no dia a dia da gente... a convivência com as pessoas de todo o tipo e não tem vergonha do que a gente é. Porque conforme ela falou tinha vergonha até de falar. Eu também tinha isso. Hoje não, hoje eu não me seguro, não agüento, tenho que falar. Nem que seja algumas coisas erradas, mas eu tenho que falar. Não fico quieta e gosto de participar de tudo.

A importância do direito à fala e, como diz Freire (1996), o direito à escuta, pois quem escuta permite ao outro a fala, “quem tem o que dizer tem igualmente direito e o dever de dizê-lo” (p.131), ao dar relevância ao enunciado do outro que não ocupa um lugar de “poder” legitima o enunciado. Faz-se presente o reconhecimento de que toda fala conserva um saber único que deve ser socializado.

4.1.1 A organização articuladora se repete no assentamento

Aqui se denota o caráter institucional que essa socialização ganha, com regras fixas as quais se deve cumprir rigorosamente, se não está sujeito a penalidades. Na qual o viver ganha um sentido único, onde há uma maneira de viver, viver consiste em cumprir regras. Mas este aprender a viver pode estar relacionado com algum tipo de experiência na convivência coletiva, que antes não se conhecia, e se passa a dar um supervalor para esta dimensão da vida, que se coloca como a vida em si. Podemos conferir como seguem as falas: *Tirar guarda de noite, ia,*

chovendo chegava teu horário tu tinha que ir. Na entrada do portão te dava tuas ordens de guarda, se não vem era punido. Funcionava assim. Tinha grupo. Todo dia as oito horas tinha reunião e tinha que ir se não fosse (bá...) mais ou menos assim. Todo dia aquela correria.

O rigor do horário e do cumprimento das ordens, alguns assentados trabalhavam fora para ajudar na alimentação e tinham que dar uma porcentagem para o movimento: *Trabalhava pra fora algum, daí tinha que dar porcentagem para o movimento. Se ganhasse dez pilas tinha que dar cinco para o movimento. Quem quisesse seguir aí, né. Como começaram a entrar pessoas de todos os tipos no acampamento, começaram a exigir um atestado de bons antecedentes: Os Sem Terra são a mesma coisa que uma vila. Na vila tu tens gente boa, gente que tudo quanto é tipo, isso aí é a mesma coisa que Movimento Sem Terra, não adianta e agora estão o quê? Estão classificando (...). Se tu não tiver bem documentado, não tiver um atestado de boa antecedência não entra no acampamento.* Num movimento social que visa possibilitar melhores condições de vida para as pessoas, ainda permanecem os que são rejeitados. Esta fala que segue tenta explicar um pouco o motivo que levou a adotarem tais medidas:

Dava complicação, muitos problemas né. A pessoa não podia entrar bêbado, não entrava bebida, o Primo acho que lembra disso, né? Deus o livre entrar bebida, com bebida lá dentro, ou entrar um bêbado, eles não deixavam. Podia sair e fazer o que quisesse, podia trabalhar fora, podia fazer compras, podia ter vizinhos lá, só tinha que ter o cuidado de não beber e não trazer bebida pra

dentro do acampamento e nem roubo. Só que no meio desta confusão toda tinha, como estava explicando, tem tanto gente boa como gente ruim, tinha gente que não fazia de dia, mas de noite saí e fazia coisa errada. Então por isso agora eles fazem isso agora, se não tem atestado de boa antecedência não entra, não fica no acampamento. Assim é todos os que vão para o acampamento agora tem que ter o atestado de bons antecedentes, aí melhorou um pouco a fama do acampamento, do movimento, porque daí ele já não vai com má intenção.

Na fala se infere uma questão importante nesta fase iniciática, na qual o sujeito precisa ter um bom antecedente, quer dizer que no acampamento pouco se olha para aquilo que ele traz para o acampamento, toda sua história cultural, ou se olha apenas para condenar ou aprovar, isso é o que se faz em todos os lugares, isso é o comum de acontecer. Até agora o diferente permanece fora do processo. Existe uma ênfase no lado “bom”: *Dentro do acampamento, cada um tinha que ter a sua posição, tinha que trabalhar, já digo meio na linha, por que muita gente que costumava aparecer no acampamento, ia só par fazer bandaieira e aprontar, e a gente via que aquelas pessoas tavam tirando fora, e a gente atento sempre em trabalhar pelo lado bom, pelo certo para conseguir o que a gente queria.* Reconhece-se que no acampamento o que vale é a opinião coletiva que representa o certo, e essa opinião é dada pelo movimento, isto é, pela regras estipuladas por aqueles que lideram o movimento, independe quem cria as regras.

Em meio a essas articulações, estão presentes, nesse processo iniciático, sofrimentos físicos, psicológicos e sociais, onde alguns, usando a lei, se dizem

superiores às regras do acampamento agem com atitudes coercitivas, como fala esta assentada: *Muitas coisas, no acampamento a gente muitas vezes sofreu muito dentro do acampamento, tinha vez que a polícia foi retirar nós de um acampamento, passaram a lança deles lá no barraco, retalharam tudo, choveu, se molhemo tudo, molhou os forro tudo e, depois, na hora de ir no ônibus, os polícia queria fazer embarcar noutra ônibus e queria que embarcasse junto com a mulher para ajuda levar as crianças, queriam que a mulher levasse as 4 criança sozinha, e aí foi a onde eu disse para eles que eu não ia, eu ia no outro que ela tava, aí ele me passou uma rasteiro e, eu finquei um balde de água que eu tinha na mão na cabeça dele, finquei um balde na cabeça dele, daí o comandante grito, disse o que é isso, e veio até ali, e até deu uma lição nele, ele tava errado mesmo.*

Além da força coercitiva que existe no acampamento, existe uma força externa, sem nenhum controle por parte do movimento, uma força que defende e garante o bem estar do patrão, a polícia, sendo que os que executam essas manobras são semelhantes aos acampados, pois estão sob o mesmo território onde acontece o processo de desigualdade, estão a serviço dos que exploram e ocupam o lugar da verdade. Apesar do aprendizado da obediência, verifica-se uma atitude desordeira dentro da perspectiva dos donos da verdade, mas a favor da vida, uma atitude solidária para com os seus.

Assim como alguns se colocam numa posição de satisfeitos com esse processo, outros se colocam em um processo de sofrimento, por terem passado situações difíceis: *Dentro do acampamento? Ah! Lá não era fácil. A vida lá não era*

fácil. A gente passava pio, era sozinho, não tinha levado mulher. Mas os outros, tá louco! Quem tinha criança era sofrimento. Porque lá não tinha farinha de milho, não tinha leite, farinha de trigo não tinha, nem leite, açúcar muito pouco. Aí aquele sofrimento pras crianças. A gente passava... Existe uma carência que se traduz nas falas e nos comentários, mas também é organizado: Ah! Lá era organizado. Mais ou menos, às vezes dava algum furo. Mas tinha organização. Às vezes dava alguma briga, lá e expulsava algum, mas os piores iam saindo, iam largando. Só o passadio (passadio é a vivência) que não era muito fácil. Esses sofrimento, tanto com relação à subsistência, quanto às agressões físicas e psíquicas, caracterizam um certo processo seletivo, pois aqueles que não agüentam vão saindo, os maus são retirados, há uma seleção natural conduzida neste processo de iniciação.

Nesse exercício intenso que cada acampado vai experienciando, de certa forma, os molda às exigências feita pela coletividade, nas quais o indivíduo atua em nome da coletividade, a identidade individual se dissolve, e cada um representa essa coletividade, por isso ao passo que ele vai contra a coletividade está indo contra ele mesmo: *A gente fala “o movimento” mas é a gente mesmo. Se eu vou estar trabalhando contra o movimento, vou estar trabalhando contra eu.* Essa adesão plena ao que o movimento reza, traduz um pouco do equívoco que existe neste espaço de luta por ideais comuns, sendo um de ordem objetiva, a Terra, e outro de ordem subjetiva, o trabalho coletivo, que necessita de uma mudança subjetiva, mudança de estado de experiência de vida. Sabendo que esta subjetividade agrega a complexidade de cada identidade individual mesclada com a identidade da coletividade, nesse contexto Guattari (1990) mostra que a “produção de

subjetividade” vai sendo tecida pela ambiência cultural, e há uma certa confusão entre o indivíduo e a coletividade. Necessita-se, portanto, de uma formação que dê conta do processo que respeite a bagagem cultural de cada um e “se trabalhe” essa bagagem, para essa nova fase de vida que buscam.

A organização que determina como funciona, e como se vivencia o cotidiano no acampamento se revela assim: *Era por grupo. Tinha o grupo e daí a gente tinha um núcleo também não é? Tinha um núcleo, mas no núcleo a gente tinha dois ou três grupos que trabalhava. A gente tinha os grupos pra trabalhar desde buscar lenha, tinha as equipes pra buscar água, tinha as equipes pra comida. Pra saúde também já tinha equipe que era tirado do grupo, as pessoas.* Nessa organização havia as lideranças de cada equipe e estas gerenciavam os seus respectivos grupos, onde discutiam assuntos pertinentes à pauta de cada dia; um dia era a ocupação de terra, que não era vista como invasão. Isso foi colocado: não se usava o termo invasão, justamente porque se ocupa algo que me pertence por direito. Nessa formação, como era chamado esse processo, não tinha um professor, existiam os mais experientes que iam passando para os outros as informações e as regras de como deveriam funcionar dentro do acampamento. Nesse processo de formação, os acampados, que são os iniciados, na indicação de Da Matta (1987) experenciam uma situação de morte, liminaridade e ressurreição social num novo papel, caracterizando esse rito de transição e passagem. Nesta plena liminaridade, segundo o autor, ficam como que transformados numa matéria-prima: um estado pré-social, extremamente propício aos novos aprendizados que precedem a mudança de *status*. Nessa condição de adaptação, os iniciandos ficam predispostos

a serem moldados, antes de possuírem a terra que seria o renascimento social desses indivíduos. Neste processo adquirem conhecimento sociológico mais aberto e horizontalizado, quando descobrem que a dignidade do mundo pode também ser encontrada na amizade e no companheirismo, como revela este enunciado: *aprendi coisas importantes lá dentro, nada é fácil, mas aprendi principalmente lá dentro, companheirismo* . O companheirismo é muito usado como a maior aprendizagem, isso revela que o mundo em que vivemos é extremamente carente dessa condição humana que podemos chamar de amizade, de afetividade, ou amorosidade entre seres que co-habitam lugares comuns. A relevância deste tema nos coloca frente a muitas demandas, do que realmente seja o companheirismo, o que se aprende neste processo, mas quando se volta para a terra na convivência com outros, este fato parece ficar apenas na memória, já que as ações revelam a ausência deste fator, pelo menos na forma institucionalizada.

Um outro fator que me coloca nesta condição, segundo Berger e Luckman (1985, p. 193), é o de que:

as técnicas aplicadas nestes casos destinam-se a intensificar a carga afetiva do processo de socialização. Tipicamente, implicam a institucionalização de um complicado processo de iniciação, um noviciado, no curso do qual o indivíduo entrega-se inteiramente à realidade que está interiorizando. (...) o relacionamento do indivíduo com o pessoal socializador torna-se proporcionalmente carregado de significação, isto é, o pessoal socializador reveste-se do caráter de outros significantes em face do indivíduo que está sendo socializado. O indivíduo entrega-se então completamente à nova realidade.

Entregam-se ao Movimento dos Sem Terra, à música, aos ritos e à luta, não parcialmente, mas com o que é subjetivamente a totalidade de sua vida: *a gente tem quer trabalhar junto porque se não fosse o movimento a gente não tinha terra. Porque o movimento é a gente mesmo. A gente fala “o movimento” mas é a gente mesmo. Se eu vou estar trabalhando contra o movimento, vou estar trabalhando contra eu.* Todo o investimento de suas vidas se confunde com o movimento, o indivíduo se dissolve e aparece o movimento, mas o movimento são as pessoas que o fazem, há uma simbiose necessária. A facilidade com que se sacrificam é evidentemente a consequência final deste tipo de socialização, ao mesmo tempo que o sacrifício é colocado como uma vitória, que valeu a pena, pois conquistaram a terra, isso gera uma competição com aqueles que usufruem da terra e não passaram por este processo, como acontece no caso do Assentamento Sino. Existe uma família que vive no assentamento, que é o caso da Família A, em que só o genro passou pelo acampamento, só ele foi “iniciado”, e os outros trabalham junto, mas não experienciaram a vida no acampamento, isso reserva um “poder” de direito maior daqueles que passaram pelo acampamento sobre os que não passaram, conferindo esta fala: *é que a gente é muito queimado pelos próprios colegas da gente. Que a gente não tem cadastro.* De fato existe um situação na qual só os assentados conseguem encaminhar projetos, mas a questão maior se dá no setor simbólico, o fato de ter passado por todo o processo que reserva exclusivamente um direito a ter a Terra e usufruir dela. Mas o que delimita essa fronteira entre o assentado e o não assentado, na visão de Bourdieu (1989), ao marcar solenemente a passagem de uma linha que instaura uma divisão fundamental da ordem social – *antes era ninguém, agora sou alguém* – o que na realidade importa é a linha, mas, a rigor, o

quê esta linha separa? Um antes e um depois: *consegue a terra e daí muda a vida*. Essa passagem consagra a diferença e institui um conflito na relação que passa despercebido, o que realmente mostra essa fronteira, um mundo fragmentado, na qual estamos constantemente mudando de um lugar a outro, o que realmente muda é o lugar de sujeito que ocupo no momento, desconstruir essas fronteiras requer uma olhada para a história da qual somos frutos. Essa linha divisória passa a assumir o caráter de mito, e o mito não se questiona, não se problematiza, o mito e o mundo simbólico precisam ser questionados, para possibilitar uma desconstrução. Assim, se consegue estabelecer um horizonte visível do que realmente significa essa fronteira que se cria para legitimar ou deslegitimar ações sociais.

Este ponto da pesquisa revela a importância dada a esse momento da vida destes assentados que investiguei, justamente por falarem tanto na vida de acampados, e por fazer a distinção entre quem foi e quem não foi acampado, e como esse processo influenciou a vida deles no assentamento, na maneira como conduzem o cotidiano, no qual construíram parte de sua subjetividade e que agora estão experienciando, no amanhecer na Terra.

4.2. O AMANHECER NA TERRA: O SONHO, A POSSIBILIDADE E O CONFLITO

A Terra, o sonho que se torna realidade, eis que agora depois de tanta luta, sacrifícios e sofrimentos de toda a ordem, tudo valeu a pena por que o momento tão

esperado acontece: *eu acho que valeu o tempo que, o cara sofreu, tá certo, passou fome, passou frio, passou de tudo um pouco, tiro e coisrada, foi companheiro nosso foi morto, foi baleado nas ocupações, valeu a pena de nós sofrer, pra conseguir ganhar um pedaço de Terra.* Essa conquista se torna tão importante para eles mesmo a morte de companheiros parece fazer parte desse período que necessariamente antecede a vitória, a conquista da terra prometida, parece ter um ar bíblico, no qual todo sacrifício é necessário para se ter o paraíso. Existe toda uma expectativa na posse da terra que, aos poucos, vai sendo incorporada na realidade cotidiana. Ao chegarem neste espaço geográfico, onde construirão suas vidas, esses sujeitos, como infere Kosik (1976), são “jogados” no assentamento, cuja autenticidade ou inautenticidade ele tem de comprovar por si mesmo, na luta, no processo da história da própria vida neste lugar, no curso do qual a realidade é possuída e modificada, reproduzida e transformada, desenvolvendo um processo de construção regenerativa de suas vidas. Esta é uma instância em que estas pessoas vão de alguma forma gestar algo.

É outra etapa. Realmente quando está acampado lá, tu conhece pessoas, tu conhece esse grupo para viver em família, não é? Porque tu vais para um assentamento, tu vais vizinhar com aquelas pessoas que se escolheu, aqueles grupos é para ser para sempre, tudo pode acontecer, tudo na vida muda, pode mudar, outras pessoas não quererem conviver juntas, uma troca ou até mesmo uma desistência acontece, às vezes tu não conhece tão bem aquele tempo lá. A pessoa lá o suficientemente para saber se ela depois vai ter persistência, que é outra etapa terrível também! Não é só tu a ganhar a terra.

Tu não consegue sobreviver só ganhando a terra, não. Se tu ganhar a terra tu vai... com as unhas você não faz nada. A pessoa que acampa e ganha uma terra ela só chega com a vontade. Ela chega lá... era excluída, ela não tinha nada..

Os primeiros momentos são muito cruéis, pois as pessoas são largadas ali em barracos de lona improvisados, ainda não sabem quais lotes lhes pertencem, pois no acampamento existia a coletividade, mas a promessa era da individualidade, cada um espera o seu pedaço de terra. Cada um espera a demarcação de seu lote. A posse da terra lhes garante o direito de se tornarem reconhecidos, desde o tempo dos romanos a terra era fonte de reconhecimento social e *status* e hoje para uma assentada esse fato volta a existir como a única forma de se sentirem alguém. A posse confere um certo poder. “O que me faz ser considerado gente é a propriedade”, é a posse de algo, no caso, a Terra, como revela esta emocionante fala:

É uma etapa muito linda e até emocionante! Pra mim foi emocionante! O dia que cheguei na terra! Pra mim era um sonho em dizer, esse pedaço aqui vai me pertencer! Pertencer de uma maneira bem dizer que a gente sempre tem um ditado... “olha gente, eu morro e ela fica” alguém vai ocupar ela. Mas... de certa maneira tu sentir que ali tu pode trabalhar e tirar seu sustento dali, não é. Então tem essa maneira da gente dizer “é meu!”, não é. Então tu se sente dono pela primeira vez de alguma coisa na vida, não é. Tu pode. Tu é alguém, que tu vai num repartimento, tu vai num sindicato, tu vai numa loja de produto

agrícola, não é? Tu vai negociar. Tu é alguém. Tu vai fazer alguma coisa ainda que antes não... tu não era ninguém. É isso! É uma etapa cheia de complicações, mas vale a pena!

O pertencimento, ter algo que me pertence, “neste espaço tenho liberdade de ser eu mesmo, o dizer *é meu*”, garante a autoridade e o indivíduo se reconhece como gente, “*tu é alguém*”, a posse da terra garante o reconhecimento a si mesmo e alheio. O que é objetivo e material, ganha uma dimensão subjetiva e afetiva, voltando ao referido anteriormente, o econômico, os bens materiais se rizomatizam em toda a dimensão humana, como a posse da Terra garante um estado de vida interiormente diferente do estado de vida vivido no acampamento. O fato de se tornar dono da terra provocou uma mudança subjetiva na vida destas pessoas. Quando elas falam desse momento de ganhar a Terra, esquecem das dificuldades e lembram sempre que *valeu a pena* todo o esforço empreendido. Toda garra que possuem, emerge nesse momento da posse, a desbravar para arrumar sua propriedade, organizar sua casa, sua moradia, sentem-se protegidos.

Concentram todo o esforço para desbravar a terra, como este espaço, que é povoado de mato, de maricá, uma árvore espinhenta, nativa da região, e uma fincada desse espinho é muito dolorosa. Precisam enfrentar muitos desvios no caminho. Há a certeza da Terra, mas existe a incerteza do caminho a seguir, como nos apresenta este assentado:

A gente chegou meio sem saber o que fazer, a gente não tinha nada e daí fomos armando as barracas e depois o Incra veio para nos dizer como iria ser o assentamento. Aí a gente foi se organizando por lotes. A maior dificuldade foi no início mesmo, foi a água e alimentação, que não tinha nada mesmo. Não tinha casa, não tinha nada.

Em meio a essa situação, ainda são desconsiderados pela comunidade ali residente, pois eram vistos como invasores, vagabundos, que é a opinião dos meios de comunicação a respeito dos sem terra, conferida pela fala:

O pecado é que a mídia distorce. Distorce, distorce que as coisas não é verídica às vezes que acontece. Infelizmente a arma mais importante que eles têm é a mídia ainda para distorcer nós... Raramente a mídia faz alguma coisa correta e certa o que aconteceu. Ela não mostra bem o que aconteceu. Raramente vai mostrar o que aconteceu. Então o maior pecado é a opinião pública, não? A mídia faz muito a opinião pública não é? Não é o que acontece com o povo em geral.

A imagem que temos do sem terra é, muitas vezes, a proporcionada pelos meios de comunicação, e geralmente não temos a possibilidade de conhecer realmente o que acontece no Movimento dos Sem Terra, e muito menos nos perguntamos por que precisam estar naquela situação; se ataca e se condena essas pessoas. É o que revela esta fala de um assentado: *O Movimento Sem Terra são tudo, né? O comentário por fora, dos outros. Tá, os sem terra estão aí. Destaco que*

a pesquisa vem me ensinando a refletir quando não conhecemos uma realidade e queremos emitir um juízo ou uma opinião, às vezes é preciso silenciar e mergulhar na realidade em questão para que possamos ter alguns fundamentos para tecer opiniões. O que não podemos fazer é falsear ou distorcer informações para beneficiar x ou y .

Os assentados destacam as dificuldades que tiveram com os vizinhos: *Nós tivemos um pouco de dificuldades com os vizinhos, não aceitavam ter montado o acampamento. Nós tinha muita fama né?...* Todo esse drama vivido pelos assentados, traz em si situações de um sistema perverso em que vivemos, no qual o ser humano é discriminado por reivindicar um direito que lhe pertence. Estas pessoas vêm manifestando um espírito guerreiro que vão adquirindo pelos desafios em que a vida os coloca, e agora mais um grande desafio, sem quase nada recomeçam uma nova fase de suas vidas, sendo vistos com indiferença pelos que passam na estrada e olham com desprezo. A ajuda é negada pelos que ali vivem, inclusive a água, pois a que tomam vem de um valo, onde os animais bebem: *Nós fizemos, quando nós chegamos aqui, pra buscar água pra tomar dentro do valo. Lá embaixo perto do velho Osvaldo. Buscava de latão, de balde assim. Carregava nas costas, nos braços isso aí.* A única ajuda que receberam foi de um peão que trabalhava numa das propriedades vizinhas, que se identifica e lhes oferece água.

Mas o difícil depois que a gente entra na terra é conseguir essas coisas, ter a água, ter os vizinhos que apóiam, ter como tu começar a trabalhar e esse é o mais difícil porque se tu pega uma terra limpa como tem muitos acampamentos pegam um certo pedaço bom ali, ainda tu chega ali, conversa

com alguém, alguém vai lá e lavra pra ti, tu paga em serviço, como tu puder, mas aqui era puro mato, só maricá, então aqui, foi difícil. O início aqui até a gente limpar um pouco e ver o lugar mais melhor, não foi fácil e depois a turma começou a desacorsoar, outros começaram a trocar, saíam, vinham outros...

Compreender o porquê dos conflitos que surgem ao longo da experiência no assentamento, compreender a complexidade nas quais as pessoas que co-habitam este geoespaço sinaliza, como anuncia Brandão (1995, p. 40), que “no reconhecimento concreto das condições reais da vida social de cada povo e das relações estruturais entre eles, que deveriam ser encontradas as razões das desigualdades, a morada dos conflitos e o lugar central de ações emancipadoras: entre sujeitos sociais”. É no meio do conflito que pode surgir o ser autônomo.

Os sinais que apresentam os nós que compõem a complexidade do assentamento, na qual a vida de cada assentado vai se desdobrando, em que o conhecimento vai ganhando o caráter de um que se suporta para poder viver, nas quais se criam artimanhas ou, como Geertz (1997, p. 42) aborda, “a vida não passa de uma tigela de estratégias”. Essas estratégias vão garantindo a sobrevivência deste grupo social, todo esse processo vivido foi sedimentando aprendizados, nas quais a capacidade de criar estratégias de sobrevivência se torna fundamental. Essas estratégias podem ser a grande geradora dos conflitos, pois cada um quer “se dar melhor”, quer tirar vantagem, cria-se o mundo competitivo.

Dentro desse contexto, o início da vida desses assentados caracteriza-se por intensas dificuldades que foram vencendo com muita cautela e humildade, suas estruturas de vida encontravam-se fortemente abaladas, mas aos poucos começaram a abrir clareiras no meio do mato, pois o INCRA já havia feito a demarcação dos lotes,²⁸ que ocorre por sorteio, eles não têm o direito de escolher. Com a demarcação pronta e cada um sabendo onde era o seu lote, começam a levantar os barracos, mudando a paisagem. Ao receberem o auxílio-moradia e alimentação, conseguem precariamente construir seus casebres mudando um pouco a imagem do assentamento.

Como a água era uma questão fundamental, resolvem fazer um poço coletivo para atender todo o assentamento, aí começa um conflito, onde seria aberto o poço, cada qual queria no seu lote, a questão da propriedade é bem visível na cultura deste assentamento, até porque todos os assentados quiseram o seu lote individual, após muita discussão e brigas resolveram fazer o poço na terra que havia ficado para construir uma comunidade católica. Esse poço distribui água para os assentados, só que ainda hoje, após 10 anos de assentamento, algumas famílias ainda continuam sem água em casa.

Em meio a esses acontecimentos, a vida no assentamento vai caminhando, uma das maiores dificuldades foi o desconhecimento da região, todos eram de

²⁸Cada lote é uma área de terra na extensão de 25 hectares. A própria divisão em lotes já contradiz a pedagogia do Movimento Sem Terra, pois uma vida no coletivo deveria eliminar as cercas. Essa demarcação é forte na subjetividade destes assentados, pois muitos impedem os vizinhos de cruzarem seu território.

regiões bem distintas, onde a terra, o clima e os cultivos eram próprios daquela região, quando chegaram nessa terra começaram a plantar aquilo que sabiam.

A maior dificuldade que tivemos foi o tempo de plantar, a planta, e lá fora a gente plantava o milho e soja e feijão e colhia e aqui a gente plantou, lá naqueles tempos, e não deu. Ele só dava pé e não dava semente nem espiga. Daí a gente mudou o tipo de plantar. O pessoal daqui que tinha aqui é que me falaram dessa moda, o tempo de plantar que tu vais colher e eu mudei e onde que eu estou colhendo agora.

Nesse caminhar, várias tentativas malsucedidas fizeram com que aprendessem com o meio no qual estavam inseridos, aprenderam com a terra, com a natureza da região e com os vizinhos, moradores que já conheciam os segredos desse geoespaço. Além desses, outros fatores contribuíram para que neste assentamento a situação se torne mais complexa, numa conversa com um assessor técnico, que também é um assentado em outro local, este comenta que a área que comporta o Assentamento Sino é considerada uma área de risco, devido às enchentes que alagam grande parte da área nos períodos de chuva intensa. A cultura do arroz, que deveria ser a principal atividade econômica do assentamento, se torna uma atividade de risco, além dessa cultura ser desconhecida dos assentados, pois a origem deles é de regiões onde não se cultivava arroz. Como a cultura do arroz requer uma certa organização e estrutura para o seu cultivo, a alternativa para o assentamento seria a formação de grupos de trabalho coletivo, mas como existe uma impossibilidade latente na formação do trabalho coletivo, isso

sinaliza a impossibilidade dessa atividade. Um outro fator abordado é que as famílias pertencentes ao Assentamento Sino são de idade avançada, superior a 40 anos, e no dizer do técnico isso torna mais difícil conseguir um trabalho coletivo, *pois, é mais fácil, por exemplo, trabalhar como, se o público fosse mais jovem. Que aceita mais, e se habitua mais e tal.* Os mais velhos são mais firmes em suas posições, não aceitando muito as mudanças. Por isso tentam viver como dá, sem muita expectativa de inovações, preferem viver com dificuldade, mas cada um no seu canto.

Nesse contexto eles foram se desafiando, começaram a trabalhar em grupos, tiveram várias tentativas que não deram certo, aos poucos o grupo foi se desestruturando pelo desentendimento. Cada um foi se acomodando e se virando como podia, hoje a maioria das famílias vive da exploração da lenha e do trabalho de peão.

Olha, nós temos assim pra venda por enquanto é lenha. É, eucalipto, o que dá... É que o maricá assim né, a gente pega licença do IBAMA pra tirar, do INCRA, os dois trabalham juntos, né. Então a gente procura mais onde tem o eucalipto, pra nós pegamos mais o eucalipto... pra poder facilitar um pouco da alimentação pelo menos a gente tira dali, vende lenha, vende moirão, né.. Um pouco da ajuda do guri que trabalha, também ele dá uma grande mão pra nós.

A lenha é uma fonte de renda para o assentamento, tanto para o consumo como para a venda, mas pode estar terminando, essa preocupação talvez já esteja presente no cotidiano deles, pois estão preocupados com sua sobrevivência.

Algumas queixas nesse sentido aparecem: *a necessidade era parte da verba que o cara se aperta bastante, que não é fácil. Tu gira pra lá e pra cá, mas nunca tem o suficiente, né. Tem que achar um meio que surge pra o cara tirar. Uma necessidade, o cara não tem. Se dando pra pagar as contas e como diz o outro, e vivendo tá bom, né?* Existe demanda de outras expectativas de vida, mas de certa forma se percebe um acomodamento:

Olha, pra mim tá bom. Eu me sinto bem aí. Só que o pessoal não é como a gente pensava que era. Mas assim... pra se viver, pra gente plantar as coisa, para vender, para saúde, lá não era ruim a saúde também né, mas aqui é mais perto e sempre a gente precisava vir a Porto Alegre, e aqui é vinte minutos, meia hora tu estás em Porto Alegre. Eu me sinto bem aqui. A gente tem bastante amizade. Graças a Deus porque isso é a primeira coisa que a gente tem que ter na vida da gente é a amizade.

Para alguns está bom assim, há algumas vantagens em relação ao passado, para outros não está bom, mas dá para ir levando. O espírito da luta está adormecido, o principal objetivo talvez já tenham conquistado, que era a Terra, agora é viver como se pode. Porém, reconhecem que ninguém fará nada por eles se não buscarem por sua própria conta: *Olha, isso aqui só se o cara lutar para conseguir alguma coisa. Porque alguém vir aqui e dizer que vai mudar ou vai melhorar o assentamento, isso aí tá difícil. Isso aqui o povo tem que se unir e ir atrás das coisas. Hoje em dia se tu não vais atrás das coisas para o teu bem...ninguém vem trazer, né?* Já estão se dando conta que a maioria das verbas que vieram não vêm mais,

ajuda de projetos é complicado, então o que resta é começarem por si próprios, só que ainda não conseguiram trabalhar em grupo, e a única forma que eles concebem como viável é o trabalho coletivo.

4.2.1. Individual ou coletivo: proximidade e distância

No campo do trabalho, especificamente no caso do Assentamento Sino, os assentados que usufruem deste lugar, são os que devem prover o seu próprio sustento, sem ajuda do governo. Isso implica responsabilidade por si mesmo e por seu mundo, o que significa dizer que eles não têm, de antemão, sua efetivação assegurada. Necessitam produzir, assim como refere Oliveira (2001), o seu cotidiano, que se caracteriza como “uma luta pela gestação de si mesmo”. No campo do trabalho, nesse processo de gestar a si mesmo é que aparece o conflito nas relações ou formas de trabalho. Explicita-se neste campo uma característica presente em nossa cultura, a forma individual de trabalho, que está agregada à questão da propriedade, nossa subjetividade é constituída numa socialização individualista, como aparece nesta fala:

Tudo é individual, nós somos individualistas. A nossa cultura, tudo a questão maior é cultura, eu nasci e me criei, o meu pai trabalhava para ele, não é? Não tinha sociedade. Eles se criaram em vários irmãos, cada um depois, quem não tinha terra foi de agregado, ou quem conseguiu seu pedacinho de terra, mas

tudo individual. Mas nunca aprendeu nada coletivo. Nada então. O Brasil é feito de individualismo, então isso é questão de cultura.

Temos nessa fala um elemento importantíssimo que é a questão da cultura. Entendo cultura como um tecido de significações, aquilo que é próprio de cada tempo e espaço, mas que sedimenta e estrutura uma sociedade, determinando o seu funcionamento. Assim como, para Edward Tylor (apud Laraia, 2000, p. 25) o termo *Culture*,²⁹

tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Com essa definição Tylor agrega em uma só palavra a pluralidade das possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendência na e da cultura. Apesar de outras definições mais particularizadas ou deterministas, prefiro dar crédito a essa formulação que se aproxima de como entendo a cultura e a vejo no Assentamento Sino, assim como Cetrulo (2001) já inferiu, anteriormente, sua conceituação.

Pertencemos a uma cultura individualista, mas qual o problema de sermos

²⁹*Culture*: vocábulo inglês utilizado por Edward Tylor para sintetizar o termo germânico *kultur* utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade e a palavra francesa *civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo, assim chegou a essa formulação do conceito de cultura, sendo definido pela primeira vez por Tylor, pelo menos como é utilizado atualmente.

individuais? A princípio não há nenhum problema, o que acontece é que a história vem nos mostrando que o individualismo provoca uma certa cegueira para com o outro, o outro se torna um inimigo em potencial, pois eu necessito competir, preciso tirar vantagem, criar estratégias para “me dar bem”. O sentimento de espécie desaparece, de coletividade, no caso a diferença se torna fundamental, é uma exigência ser diferente e a similaridade ameaça. Muitas vezes, especialmente na modernidade, valorizamos demais a diferença e menosprezamos a similaridade, mas é esta que nos coloca como iguais enquanto entes da mesma espécie, por isso é fundamental nos darmos conta disso.

Baseando-se nesta presença da similaridade, que perpassa os movimentos sociais, em especial o Movimento dos Sem Terra, em que o seu fundamento é a vida coletiva, isso implica considerar as semelhanças entre os humanos, primando pelo bem estar coletivo. Coloca-se a questão de aprender a conviver de forma coletiva. Ao tentar entender esta problemática do processo de individualização a que somos submetidos, busco amparo em Melucci (2001) que coloca que esse processo de individualização é extremamente ambivalente: de um lado sustentam a autonomia, a autodefinição, a auto-regulação, possibilita um processo cognitivo de aprender que fortalece a autonomia individual; porém, de outro lado, esses processos são extremamente frágeis, por serem expostos à manipulação por códigos externos, os quais são impostos e freqüentemente invisíveis. Essa situação torna delicada a fronteira entre os níveis individual e coletivo, o individual e o societal. A fronteira envolve toda a vida das pessoas, especialmente a subsistência, como criar meios de subsistência coletivamente, aí bate com a questão do trabalho. Para Melucci (1999,

p. 210) essa fronteira é um campo de pesquisa que merece uma reflexão crítica interessante, porque “é aí que muitas das coisas que são importantes para o nível ‘coletivo’ acontecem, não no nível ‘psicológico’, no sentido individualista e estrito do termo, mas como uma subjetivação rica dos fatos sociais”. Toda a nossa tradição, como já referi, é muito individualista, constituindo um sério limite por deixar de prestar atenção ao fundo social e cultural em que as experiências humanas de toda ordem, tanto as desordens como os sofrimentos são produzidos. Somos criados numa cultura fundamentada no individual e de repente temos que viver coletivamente, e passamos por um período de adaptação em formas coletivas de vida e de trabalho, mas adaptação não garante um aprendizado, e especialmente quando não se olha para o que as pessoas trazem junto em sua bagagem cultural. Ao sair do acampamento, pensam que já sabem conviver em grupos, mas na realidade o que realmente querem é viver individualmente. Porém, esse sentido de conviver em grupo, não nos vem mais de garantia externas, da sociedade, como adverte autor, por muito tempo se acreditou colocando a uma ordem metafísica, divina, mítica. Sobretudo, essa capacidade de dar significado ao fato de estarmos juntos e ligados uns aos outros, esse sentimento de pertença a uma espécie e o fato da contingência da ação humana, não por uma necessidade, possibilita o fundamento de novos valores compartilhados, isto é, possibilita a transcendência, permanecendo na imanência das relações horizontais.

A necessidade de dar conta dos significados que estão presentes nas ações humanas precedentes ao assentamento é fundamental para entender esse conflito. No entanto, um dos outros fatores que leva aos conflitos na dimensão do trabalho é

que muitas vezes o coletivo funciona como uma farsa, uma estratégia de sobrevivência, como aborda esse assentado da família B: *eu sempre fui individual. Mas eu não digo que não vou trabalhar em grupo.* Dentro da reflexão deste assentado, o trabalho coletivo é que exista uma confiança entre as pessoas, que todas trabalhem juntas e que as decisões sejam tomadas coletivamente no grupo que compõe o mesmo, não podendo tomar decisão sem consultar o outro: *se montar o grupo e qualquer probleminha tem que reunir o grupo e conversar pra poder se entender pra tocar para frente senão, não toca mesmo! E nenhum tentar lograr o outro. Aonde tiver um que quiser lograr o outro já o grupo não vai estar certo. Tem que ser tudo honesto e tudo trabalhar junto.* Considero este argumento bem próximo do que realmente seja uma democracia, onde exista o consenso entre os integrantes, no qual o poder seja exercido por todos. Como salientou esse assentado em conversas informais que tivemos, os investimentos que vieram são todos destinados a grupos, se não existe o grupo não recebem ajuda, então o coletivo se torna uma estratégia a mais para ganhar financiamentos, e que na hora da execução cada um puxa para um lado, se desentendem e acaba cada um no seu mundo.

As políticas públicas priorizam o coletivo, o individual desaparece, uma ajuda para um projeto individual não existe, só existe para o coletivo, fundamento essa inferência no aporte de D'Incao e Roy (1995, p.137), “é dispensável dizer que só aos que optassem pela associação e pela agrovila seriam oferecidas as ajudas, governamentais e não-governamentais, programadas ou passíveis de programação: luz elétrica, água encanada, escola, posto de saúde, créditos subsidiados”:

O importante é a nível de projetos, no governo não existe projeto individual. É o socialismo que eles dizem que querem implantar, e coisa e tal, mas se tu pensar bem eu quero o socialismo deles, como assim, não existe nada de projeto individual. Só coletivismo, daí tu te obriga então por isso não dá certo.

Hoje esse quadro se diferencie um pouco, pode até existir financiamentos para pequenos agricultores individuais, mas a falta de informação não permite que essas demandas cheguem a estes trabalhadores. Volto à questão da experiência coletiva ser uma obrigação e não uma opção. Enquanto essa opção não aparecer como significante para o grupo, permanece o conflito. Se é praticamente obrigado a viver a experiência coletiva, porque inclusive as contas bancárias são coletivizadas, caso exista um financiamento em que posteriormente tenha que ser devolvido o dinheiro, enquanto todos os que pertencem ao grupo do financiamento não tiverem saldado a dívida, todos então em débito: *se tu pagava a tua parte, mas os outros companheiros não pagavam tu estava devendo*. De certa forma há uma negação do sujeito enquanto um indivíduo, ele não tem direitos, ele é visto na coletividade, por isso a necessidade de introjetar o coletivo na vida cotidiana, mesmo que seja apenas como estratégia de sobrevivência.

Vou expor algumas falas que revelam esse caráter contraditório entre o coletivo e o individual:

- *Aqui cada um quer individual. É Deus pra si e o resto que se dane. Mas o certo não seria assim, o certo era ter seu grupo, como nós temos esse de trabalho aí que nós temos entre três famílias, estamos tentando, parece que vai dar certo. Estão se entendendo bem, não houve nada até agora, tudo está bem, todos concordam um com o outro.*

- *Acho que o maior problema foi esse, né? Pessoal muito individualista. Então quando surge uma ajuda assim, como é que eu vou dizer, um projeto, que tem que ser coletivo, eles não apóiam, não aceitam, sabe, têm vezes que eles fazem várias coisas em grupo, que tem que ser em grupo, mas cada um faz aquilo que eles querem, sua parte. Então isso a gente não conseguiu nunca aqui fechar um grupo fechado.*

- *Mas fica difícil tu controlar, tu dá uma idéia, né. Mas aí o outro já não pensa a mesma coisa. Daí já muda... de uma família pra outra já muda muito. Muitas famílias... por exemplo, se o marido quer a mulher não quer, se a mulher quer o marido não quer... Se quiser que vai tudo é só dizer que vai sair um dinheiro, aí “tamo” tudo lá. Senão, é difícil! Sempre falta a metade. Falta um pouco de organização. Mas os de mais dá pra ir levando.*

Esta contradição entre o querer e o fazer se torna visível no convívio deste assentamento, as pessoas mostram um desejo de trabalharem cooperativamente, mas na realidade demonstram o oposto. Tentado entender os assentados, do ponto de vista deles é complicado, pois usam muitas estratégias que mascaram sua

verdadeira realidade. Ao ter observado e acompanhado este grupo, tento inferir uma opinião que também se revela nas falas. Eles não gostariam de trabalhar coletivamente, cada um gostaria de conduzir sua vida, sem interferência alheia, mesmo no trabalho, mas o que faz eles pensarem que querem trabalhar cooperativamente é fruto da passagem pelo acampamento, onde se enfatiza muito essa idéia do coletivo, e por uma necessidade de melhorar sua qualidade de vida. De uma certa forma, neste assentamento se percebe um acomodamento, “vamos evitar o máximo possível os compromissos”, pois fazer parte de um grupo já exige uma maior responsabilidade, existe uma exigência maior:

Eu acho que sou uma daquelas que tem vontade (mas sempre arranja uma desculpa...). Mas eu às vezes fico imaginando que seria muito bom, mas eu também sou muito acomodada, espero que sei lá, é aquela vontade, a vontade realmente eu tenho mas... ao mesmo tempo eu penso, “será que vai dar certo?”, “será que vai valer a pena?” “Vamos deixar pra depois? Quem sabe amanhã? Quem sabe o ano que vem?”

Além disso, existe toda uma gama de dificuldades e incertezas que já viveram e que vivem no assentamento, e que, muitas vezes, os impede de assumirem compromissos maiores.

Nesta complexidade de situações aparecem os precedentes do fazer e do estar destes assentados neste lugar, como por exemplo, no acampamento eles já vivem sob determinadas formas. Nos assentamentos existem três formas de

trabalho: o coletivo, onde todos moram juntos e trabalham juntos; o semicoletivo, onde cada um tem um pequeno espaço que mora e cultiva o que quer e o restante da propriedade é em conjunto e por fim o individual, onde cada um vive separadamente no seu lote. Estas formas de trabalho diferenciadas podem ser um dos fatores que geram os conflitos na questão do trabalho. Neste assentamento existem famílias que vieram de diferentes formas de trabalho, além de ter outras famílias que não passaram pelo processo de acampamento:

o individualismo vem por causa, às vezes, que a própria família não foram acampadas, tu compreendeu? Não foram acampadas. E aí eles passam a ter outras idéias, entendeu? Aí de uma família geralmente é em um ou dois que se acampam e depois os filhos, do convívio, não é que faz parte da família, não tem aquela linha, tu entendeu?

As razões pelas quais as situações de conflitos aparecem são diversas, nesta questão das famílias que não passaram pelo processo de iniciação, elas mesmas se sentem deslocadas ou excluídas, pois não se sentem à vontade para participar das reuniões do assentamento, às vezes são boicotadas pelos próprios assentados, ao não reconhecerem os seus direitos. Todo esse caráter ritualístico que assume a vida no acampamento reserva um certo “poder” em relação àqueles que não tiveram tal experiência.

Parece que tudo é motivo de conflito, mas fora dos grupos de trabalho, no cotidiano, se verifica uma atitude de cooperação, um está sempre pronto para ajudar

o outro. Várias vezes presenciei, na minha estada no assentamento, vizinhos solicitando ajuda do outro, e prontamente eles serviam, mas eles não se dão conta do que acontece nas relações cotidianas, aquilo que existe latente não ganha visibilidade nem entre eles. Outra situação foi quando incendiou a casa de um assentado, todos foram solidários na construção da nova casa, fatos assim eles reconhecem, mas as pequenas ações cotidianas ignoram. Essa estrutura aparece como condição de pertença em relação ao outro, essa solidariedade aparece na informalidade, no cotidiano, nas relações de vizinhança, nas visitas e nas brincadeiras, mas quando aponta para a formalidade e institucionalização, emana um certo grau de hostilidade em relação ao outro, o outro se torna estranho e difícil de conviver. Fazendo uma leitura com Melucci (1999), o outro é o espelho, no outro eu me vejo, tudo que vejo no outro na realidade está em mim, então o problema não é o outro, o problema sou eu.

Diante desse panorama, evoca-se uma reflexão de Morin (1984) referente aos sistemas vivos, como o Assentamento Sino é um sistema vivo, utilizo essa vertente no reconhecimento de que, no assentamento existe uma solidariedade que os impulsiona para a formação de um grupo de trabalho coletivo³⁰ que seria uma complementaridade organizacional presente em todo o sistema vivo, e ao mesmo tempo a presença de uma solidariedade que desintegra a formação do grupo de trabalho coletivo. Essa tensão entre organização e a desorganização gera o

³⁰O coletivo se entende como um organismo social vivo, que possui instâncias, atribuições, responsabilidades, correlações e interdependência entre as partes. Se tudo isto não existe, não existe coletivo, apenas uma aglomeração ou concentração de indivíduos. (*Cadernos de Educação*, n. 9, do MST.)

processo dinâmico presente no assentamento, pois quando um sistema toma um rumo sem essa tensão, leva à morte do sistema, então o antagonismo que gera o conflito, é o que mantém um sistema vivo, uma atividade que constitui a condição para a reorganização transformadora.

Esta reorganização se torna possível se o sistema, no caso o assentamento, se alimentasse de energia fresca e tivesse pelo menos um princípio auto-organizador que permitisse regenerar-se. Mas, essa possibilidade requer um sistema aberto que capte do ambiente externo, ou extraia energia que permitirá essa reorganização, sendo que essa auto-organização,³¹ no caso do assentamento, pode vir a partir do seio do conflito, quando este for assumido e visto pelo sistema que o enfrenta e não ignora.

4.2.2. Conflito nos processos de intermediação

O ser humano é um ser em movimento, carregado de estruturas que afetam e constituem um modo de agir e de pensar. Ao “olhar” para o grupo do assentamento percebo que esses afetamentos se materializam em palavras e desejos, como no caso de uma moradora do Assentamento Sino, pois parece que “quem está falando”, ou melhor, a posição reservada a esse sujeito na ordem do discurso, muitas vezes, é

³¹Auto-organização se entende como um espaço de aprendizado, *aprendência* (grifo meu) próprio para analisar e discutir questões, elaborar propostas e tomar decisões em vista de participar como sujeitos da gestão democrática do processo educativo como um todo. (*Cadernos de Educação*, n. 9, MST.)

a da marginalidade se comparada àquela ocupada pelos que detêm os soberanos saberes, ou seja, os *experts* da modernidade.

Sempre quando tem uma negociação assim, por exemplo, pra uma ajuda para os assentamentos sempre eles vêm aqui, avisam mandam alguém ir junto com eles, não é, vão junto, sempre o MST tem que estar presente. Nas negociações, se existem problemas, por exemplo, agora mesmo com o problema do XIRU ali, eles vêm. O rapaz vai vir aí pra ver, não é? O que pode fazer. Então eles estão sempre, nunca deixam os assentamentos completamente abandonados. Sempre eles estão...volta e meia dão uma chegada.

O destaque dessa fala objetivou trazer à tona um tipo de relação recorrente entre certas parcelas da população e técnico-mediadores que com elas interagem. Falo aqui que, regularmente, o que se observa é que tais mediadores impõem “um silêncio” a seus interlocutores, na medida em que lhes solapam a palavra e se apresentam para “falar em seus nomes” tanto sobre a realidade em que vivem como sobre quais devem ser suas expectativas. Chegam, muitas vezes, impondo aos outros as “formas mais corretas” de pensar e de agir, deformando e inibindo a emoção (em - moção), paralisando o agir. Isso faz pensar e buscar “novas” maneiras ou maneiras “novas” de intervenção em processos particulares de vida, bem como questionar sobre nossos modos de compreender formas singulares de viver e de agir das comunidades com as quais interagimos e que, não poucas vezes, são denominadas como “diferentes”. Talvez seja igualmente importante perguntar sobre

“Como possibilitar uma transformação nesses diversos matizes culturais? Ou ainda: “Onde deve brotar a transformação?”. Devemos entender a cultura como um tecido de significações e uma ciência da interpretação dos significados, tal como a define Cetrulo (2001), enfim, criar meios para que esses significados possam ser decodificados por seu intermediador e traduzido na linguagem do grupo. Devemos promover uma transformação social através de uma ação cultural problematizadora de nossas próprias práticas, uma vez que as percebamos “carregadas”, ou melhor, reguladas por certos cânones culturais. Se isso for possível, poderemos, então, fundar nossas ações numa concepção mais humanista, ou seja, naquela ancorada no paradigma da complexidade e aí, quem sabe, teremos um outro modo de atuar em situações que surgem dentro dos processos de intermediação, concebendo que em processos dessa ordem todos os envolvidos são intermediadores cada um de um lugar.

Outras falas sinalizam um jeito de atuar no assentamento: *acho que é bom, né? Porque quando a gente precisa deles eles vem aí, se tu ligas lá pra eles vem. Te dizem o que tu estás precisando. Só ligando pra virem porque assim eles não vêm.* Toda a assessoria dispensada para esse assentamento parece ser deficiente, pois no período que estive com eles, raramente comentaram que o técnico teria visitado o assentamento, como revela a fala anterior, somente quando são chamados comparecem para dar orientação, basicamente com relação a esclarecimentos técnicos. Seguindo, esta fala ratifica esta postura dos assessores: *a gente recebe aí, meio demorado, mas eles vêm ensinar alguma coisa, na lavoura, algum remédio pra passar na verdura.* Ao perguntar a eles se recebem orientação no sentido de

organização de grupos, ou um assessoramento pedagógico de trabalhar as relações sociais no assentamento, revelam que: *não aí não! Não recebemos até hoje... Ah! Tem que se virar como pode.* Aí reside um fator interessante, no que diz respeito à formação dos técnicos que trabalham em assentamentos, geralmente não estão preparados para atuarem neste espaço, com um outro olhar, seguem o curso da cultura dominante, preparando os assentados para competirem no mercado de trabalho, basicamente a preocupação deles é com a produção, se estão produzindo ou não.

Os assentados também relataram que todos os projetos que vieram para eles eram impostos, sem consultar se eles queriam ou não, vinha um pacote pronto e deveriam executar, caso contrário não receberiam a ajuda: *O rapaz da Emater chegava e dizia assim, esse Projeto é para isso e isso, não adiantava dizer não. Tem que ser assim para nós conseguir alguma coisa. Não, tem que ser assim, senão não sai.* Existe uma produção dos sujeitos enquanto reprodução do sistema. No meu entender, e a partir das investigações que fiz neste espaço do assentamento, olhando a trajetória e os seus desejos, pude observar que existe uma vontade de melhorar a qualidade de vida, de competir no mercado, de ter ajuda financeira, porém para executarem o que eles querem. Quando percebem que essa ajuda não vem, resistem a participar dos encontros, exercem uma certa negatividade em relação ao trabalho cooperativo, colocando sempre a culpa pelo fracasso em alguém que está fora, ou em um membro do grupo que exerce a liderança da fofoca, transitando pelo assentamento fazendo esse papel, gerador de conflito, ou porque faltam materiais para executarem o que desejam. A responsabilidade pelo fracasso

de um projeto comum sempre é colocada na exterioridade, não assumem a responsabilidade pelos seus atos, como referi anteriormente no caso da fofoca, é sempre outro que impede de acontecer. Ao conferir a exterioridade suas demandas, apresentam situações como estes relatos:

- se a gente não conseguir um bom investimento, uma entidade que ajude de verdade a gente não vai conseguir, é muito difícil.

- um pouco de dificuldade por que a gente não tem um salão, um local para a gente montar um negócio do trabalho, tinha que ter um local que a gente vá entrar ali e vai trabalhar e vai fazer as coisas

- maior dificuldade aqui seja o dinheiro

- Ah, e o transporte, né? Dinheiro e transporte, porque se tu tens transporte, tu consegues dinheiro. Se tu não tiver transporte tu estás ferrado

- o problema que nós temos aqui, “que não anda” vamos dizer, é que a gente tá curto de financeiro todo mundo tá curto de financeiro. ...Porque se a gente conseguisse um recurso a gente conseguia produzir mais. Mas vamos lidando sem recurso

- Vamos ver se agora o Presidente faça alguma coisa, né? De repente não vai mudar muita coisa...Tem projetos, o Governo Federal liberou o projeto dos pequenos agricultores.

Reconheço que essa é uma realidade que enfrentam, mas a questão que coloco, não é que não há dificuldade, elas existem e são muitas, mas o que me refiro é o argumento que utiliza para projetar para fora de si o possível fracasso, ainda não conseguem integrar que o potencializador das ações são eles, pessoas que gerenciam suas ações, se de fato os projetos não acontecem, não é somente pelas dificuldades objetivas, mas pelas dificuldades subjetivas do grupo. Talvez não reconheçam a subjetividade inerente em cada um, não se reconhecem enquanto sujeitos capazes de outra ação, isso se justifica quando se está inserido numa cultura que olhar para si é perigoso, não aprendemos a fazer esse exercício, por isso, como nos adverte Freire (1996, p. 77), “aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar”. Olhar para si é um aprendizado que nos permite, sobretudo, intervir na realidade, recriando-a. Todo o drama vivido no assentamento ilustra bem esta realidade, e aponta a necessidade de um espaço que permita a ressignificação subjetiva.

Assim, toda a trajetória dessas famílias, os saberes acumulados pelas diversas experiências que tiveram, é praticamente desvalidada pelos saberes dos mediadores, mas este é legitimado pelo mediador que ocupa um lugar que prevalece na hierarquia do mundo intelectual. Pressupõe-se que toda mudança de posição social se viabiliza por um trabalho educativo, como refere Neves (1998, p.153), “os mediadores sociais advogam esta posição por se considerarem portadores da função (ou missão) pedagógica destinada a mudar comportamentos e visões de mundo”. Esta missão que os mediadores carregam se compreende a partir da trajetória que

os constituiu desta forma, que pode passar por situações singulares que levam a um processo de reflexividade ou, continuar acreditando nessa missão. Esta situação propõe que aconteça um espaço de ressignificação, e isso pressupõe que o mediador já tenha passado por este processo, pois não se consegue levar o outro num caminho em que ainda não se trilhou.

Conseqüentemente, pelas palavras dos assentados, existe um lugar no assentamento para ser ocupado pelo mediador. De forma geral, os moradores do Assentamento Sino colocaram que sentem a necessidade de um mediador, alguém de fora do grupo que conduza o trabalho, ou seja, alguém que ajude a construir o caminho. Este é o desafio dos processos de mediação, permitir a construção do caminho sem direcioná-lo. Como emitir essa construção, já que o mediador possui uma intencionalidade, mas esta não pode prevalecer sobre o grupo? Percebe-se que existem outros problemas que os impedem de realizar o que desejam. Creio que algumas de suas experiências e tentativas anteriores possam estar interferindo na confiança que têm em si mesmos, para superar suas dificuldades e buscar, juntos, outras alternativas. Trago uma referência de D’Incao e Roy (1995) para esclarecer essa condição na qual os assentados vivem, por desconhecerem relações democráticas, justamente por terem sido socializados em relações de dominação em que a lei não se dissocia do empregador. Olhando dessa forma, como refere a autora, “não nos era difícil de imaginar que essa socialização lhes traria problemas quando se reconhecessem *sem patrão*, no seio de uma coletividade de produtores autônomo” (p. 29), que complemento com esta fala: *tem que ter um pra administrar nós. Se não tiver um administrador... eles... não vão fechar... Sempre foi, desde que*

eu me conheço por gente foi assim. Essas referências esclarecem o motivo pelo qual os assentados se perdem ao chegarem no assentamento “ficam sem pai”, pois toda forma paternalista que viveram até então tolheu esta capacidade inerente ao ser humano, de exercer sua autonomia, como refere Freire (1996), da difícil passagem, ou caminhada da heteronomia para a autonomia, esse processo requer uma atenção especial do mediador, pois sua presença pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora deste curso. Há uma necessidade de ter um patrão, mas, ao mesmo tempo, há uma resistência inconsciente em relação a esse patrão, ao rejeitarem o que vem pronto. Esta ambigüidade entre o querer e o fazer desperta uma problemática nas relações mediador/mediados, na qual ambos necessitam reconhecerem-se como portadores de uma cultura específica e assimétrica, na tentativa de resolver o impasse no qual se encontram.

Esse conflito que se explicita pode ter presente a dimensão invisível que quase sempre é descartada dos processos de mediação, em que, segundo Neves (1998), os assentados se encontram em processos de constituição, e que o estudo recai sobre as relações que os agentes sociais envolvidos constroem nessa participação e estruturação de suas visões de mundo que lhes definem socialmente. Sendo que essa necessidade que eles sentem de um mediador pode ser a necessidade de um diálogo de negociação para satisfazerem seu ideal, suprir uma carência percebida. Mas a atitude de mediação consistiria não numa domesticação e coerção, mas como adverte Neves (1998, p.152), “o exercício de mediação se faz presente num contexto onde a ordem instituída deve ser questionada”, assim o ato de mediar se torna um ato de problematização e negociação, como coloca a mesma

autora: “onde o reconhecimento do direito de reivindicar a reorientação social, conforme interesses específicos, deve ser internalizado por aqueles entes encurralados em posições marginalizadas e liminares”. Por esse viés se questionam certas formas de dominação econômica, política e simbólica, desconstituindo saberes e modos de participação consagrados. Talvez não se objetive apontar caminhos, mas possibilitar a descoberta que vai se potencializando nas discussões dos atores sociais. Complementando essa discussão, trago a referência de D’Incao e Roy (1995) sobre os pressupostos de uma intervenção, que nos ajuda a rever essa necessidade e como poderia se processar “uma intervenção eficaz junto a esses assentamentos deveria partir do que eram esses sujeitos, de modo a criar condições para o alargamento de seus limites e o pleno desenvolvimento de suas possibilidades” (p. 34), cuidando sempre que toda intervenção é um ato de domesticação, mas esta referência nos direciona a tornar essa domesticação em menor grau possível. Neste sentido a questão da mediação se faz necessária na tentativa de aflorar a capacidade inerente ao sujeito no seu existir.

Podemos considerar a fala de um dos assessores técnicos do Assentamento Sino, numa reunião com o grupo, ao colocar que o assentamento era uma preocupação dos técnicos, pois eram seguidamente questionados, devido à imagem que se expressava pela aparência “feia” das casas e não se observava nenhum movimento. Então deveriam melhorar essa imagem, pois comprometia o seu trabalho. Nesta fala se percebe nitidamente que a preocupação dos assessores se concentra no seu interesse, se puder conciliar com o interesse dos assentados, melhor, caso contrário prevalecem os seus interesses, como refere Neves (1998,

p.154):

os mediadores reivindicam para si a integração de segmentos sociais através da adaptação e da aculturação sustentadas na sua capacidade de tradução em dupla direção. Assim sendo, a função dos mediadores se sustenta na desqualificação dos pontos de vista e dos interesses daqueles mobilizados para novas formas de engajamento. (...) os mediadores valorizam a transmissão de saber para assegurar a viabilidade da instituição que representam ou na defesa da posição que ocupam num determinado campo.

Também percebe-se que a relação do mediador, neste caso específico, apesar de defender alguns interesses individuais, se reconhece uma certa abertura quando diz que os assentados fizeram bem em chamá-lo, pois ao saber desta demanda teria mais possibilidade de ajudá-los.

Neste contexto, existe uma necessidade vivida e expressa no assentamento, essa é percebida pelos mediadores, mas não é assumida, só se assume quando o grupo reivindica a demanda. Mas os assessores não informam os assentados das possibilidades e acontecimentos de interesse dos mesmos. Percebe-se então um não-diálogo entre os mediadores e mediados. Assim como os assessores chamam os assentados de acomodados, eles agem da mesma forma ao não agirem. Assim, vão se estabelecendo relações de conflitos e resistência à ação dos mediadores sociais neste espaço devido à “desassistência” e muitas vezes, a forma como é conduzido o processo. Uma formas de resistência é a dificuldade que

apresentam para se organizar em grupos de trabalho. Mas o interessante deste estudo é a percepção de olhar para esse processo e tudo que o envolve, pois implicam lutas individuais, conflitos de interesses e idéias entre os envolvidos.

Com a percepção extraída na convivência com o grupo, reconheço que se estabeleceu entre nós uma relação, num primeiro momento, de espera de algo, na realidade eles queriam com a minha presença uma verba para o seus interesses, já que isso não ocorreu, duas famílias desistiram de participar dos encontros e de formarem o grupo. Houve a continuação dos encontros e dos diálogos na tentativa de favorecer a explicitação e o reconhecimento de suas reais necessidades ou buscas, embora sabendo que não teriam mais uma ajuda imediata para seus interesses. Começam a discutirem como vão potencializar seu trabalho no grupo com os recursos que possuem. Evidencia-se uma certa mudança de atitude de relação entre nós. Começam a explicitar os conflitos e a se dar conta do que realmente estava prejudicando a formação do trabalho coletivo, o conflito não desaparece, mas se consegue dialogar sobre o conflito e suas razões, respeitando o outro, o que torna possível uma convivência e uma nova constituição das relações no grupo. Mas este aparente entendimento é vivenciado com avanços e retrocessos que caracterizam a convivência de um grupo humano. Essa nova fase possibilita a busca de contato com os mediadores, não como passivos, mas como atores ativos que exigem um acompanhamento para trocar informações que beneficiem os interesses do grupo e não dos mediadores. De acordo com Neves, essa é a nova fase em que os mediadores apropriam-se de um certo saber, formulam interpretações e modos de compreensão, ganhando uma certa força e poder para resistirem às demandas dos

mediadores.

Considerando as questões abordadas até o momento, constata-se que existe uma lógica que perpassa quase a totalidade das formas de intervenção dos mediadores nos espaços sociais, que consiste na deslegitimação dos saberes e ações locais para imporem um saber e uma ação garantindo o sentido de sua existência, além de formar atores sociais para entrarem no mercado capitalista. Assim, se reconhece a lógica de um sistema que não percebe outros espaços de fala, a não ser o espaço capitalista, portador de um discurso único. Fundamentalmente, a função do mediador neste contexto pode ter maior ou menor sucesso, conforme a trajetória e passagem por diversos mundos, resignificando a condição de mediador para intervir em processos sob suspeita, isto é, um mediador que escute o local, que também é um lugar de falas e de saber (Geertz, 1997), que negocie com os mediados e que essa negociação produza mudanças sociais, mas acima de tudo mude o sentido das relações. Nesta perspectiva o papel do mediador agrega a dimensão da provisoriedade e da incerteza como refere Neves (1998, p. 164):

a análise do papel dos mediadores no processo de mudanças sociais não pode, então, perder de vista a dimensão da provisoriedade em jogo. Provisoriamente inerente à própria perspectiva temporal desta relação, porque ela se constitui com vistas a fazer aparecer, de um modo específico, o outro, ou a construir, segundo certos objetivos políticos, os próprios representantes do grupo.

Esta provisoriedade caracteriza-se pela dinâmica da concorrência entre mediadores e mediados. Esses processos de intermediação contraditórios e incertos caracterizam a provisoriedade na relação entre a intenção do mediador, pois este está intervindo numa realidade dinâmica que possui mecanismos reativos, passivos ou ativos, desconstruindo uma intenção do mediador ou da instituição que ele representa. Esse caráter pode gerar mediadores sociais mais sensíveis ao processo de mediação e como também produzir mediadores no seio dos grupos envolvidos, que talvez gerencie com mais cuidado esse processo de mediação, por serem conhecedores da realidade.

Na relação entre mediadores e mediados em que se estabelece processos de negociação, quando a contradição aparece e não pode ser superada, deve ser constantemente gerida. Isso seria possibilitar um processo avaliativo do que está em jogo, questionando e ressignificando as relações dentro do processo de intermediação que vislumbre novas formas de autonomia, cidadania e de participação social e política.

Seria, então, função da mediação, como refere Cetrullo (2001, p. 34), “capacitarlos para una leitura de la realidad desde la práctica, en contraposición con la tendencia a proyectar sobre la realidad lo que hemos aprendido previamente y ese ‘proyeter’ no significa necesariamente acción”. No caso deste assentamento seria possibilitar a explicitação dos conflitos para reconhecerem a possibilidade de efetuar uma leitura deles, questionando e ressignificando de acordo com a trajetória em que cada integrante está inserido. Isso incluiu o próprio mediador que é atingido pela

situação em que está envolvido, tendo que fazer permanentemente, um exercício de reflexividade para se dar conta do que está vivenciando na sua função de mediador, e que tipo de mediação está externalizando.

Trazer para o campo pedagógico a função do educador ou mediador seria facilitar o processo no qual se encontram os sujeitos envolvidos, e não direcionar, apontando o caminho que se deve seguir. Porém, criar as condições para esse processo acontecer, essa função se torna fundamental para possibilitar um caminho, em que o sujeito consiga se encontrar no mundo que habita e gerenciar a dinâmica de sua vida. Mas nem sempre os educadores e mediadores se encontram preparados para reconhecer essa dinâmica do processo de mediação, como nos alerta o próprio assessor do assentamento:

Às vezes a gente conhece as pessoas o assentamento, mas não consegue entender como elas vivem, a convivência, o relacionamento, o trabalho, a confiança, a seriedade, essas coisas tu não vê no dia-a-dia. Tu tens que ter uma convivência mais permanente, tem que chegar junto a família, conversar... e, eu fiquei impressionado que eu sai de lá com a conclusão que eu não conhecia o assentamento e isso que fazia anos que eu ajudava eles. Eu saí de lá com entendimento que eu não conhecia o assentamento. Porque nessa aí que fui nas famílias, aí que eu comecei a entender, porque muitas vezes discutia as coisas, planejava as coisas e as coisas não aconteciam. Essa questão é muito séria e tem uma influência assim, enorme. Então eu

passei a ter muito esse cuidado, eu aprendi aquele negócio da aparência e o de fato.

Esta fala revela um “dar-se conta” que é na inserção com o grupo, mergulhado no cotidiano da vida das pessoas, é que começa a entender como as pessoas vivem e como o mediador deve se relacionar, reconhecendo a trajetória de cada um. Destaco que a confusão entre o que se apresenta e a realidade está justamente na maneira de se relacionar com a realidade, revela um desconhecimento da realidade, é um conhecimento parcial e às vezes equivocado, e me parece que o ato de educar se pauta muito mais nas aparências do que a realidade em si. A função da intermediação seria traduzir e interpretar a semântica da vida das pessoas que se revela nas falas, gestos e em múltiplos modos que se dá no cotidiano.

Estas considerações acerca dos processos de intermediação não esgotam o tema, pois no caso do Assentamento Sino este seria um tema para ser aprofundado com uma pesquisa mais específica neste campo para dar conta desta relação, pois no momento o que interessa é o conflito presente neste campo de intermediação, inferindo algumas considerações a partir do que foi pesquisado.

4.3. CONFLITO NAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA

Canalizar uma reflexão tangenciando as relações de vizinhança nos leva a pensar: o que realmente constitui o ser humano e o torna humano? Se pensarmos a imagem do homem iluminista como um modelo (o homem branco, adulto e europeu), um arquétipo, uma idéia platônica ou forma aristotélica, isto é, um homem abstrato, idealizado por nós, em relação ao qual os homens reais – você, eu – não são mais que reflexos, distorções e aproximações, nos alerta Geertz (1989). Tendo presente este ideal humano, reconheço no assentamento uma vontade de ser o humano ideal, existe uma busca para se chegar lá, seja com relação ao crescimento pessoal e econômico: *como a gente sonha muito né, em fazer uma boa produção para o assentamento crescer, aí a gente ajuda e de repente o pessoal vem todo, e aí vão saber a importância que tem em fazer o assentamento crescer e todos juntos não só um ou dois*. Toda a cultura em que vivemos nos projeta para lá; para conquistar essa meta o outro pode ser um empecilho, ou uma força, depende onde ele se encontra.

Ao estudar este homem modelo, a individualidade passa a ser vista como excentricidade, essencialidade, a diferença como desvio acidental do único objeto de estudo legítimo para o verdadeiro cientista – o tipo normativo subjacente, imutável – projeta-se ao estudar as relações uma normatização na qual se vislumbra encontrar um tipo ideal de humano, ou se leva a entender sempre que os desviantes não fazem parte do conceito de humano, necessitando de certos ajustes para assumirem sua verdadeira identidade, esta é uma visão ainda vigente, mas profundamente equivocada do humano.

Seguindo a trilha de Geertz (1989), o humano não pode ser definido por suas habilidades inatas, nem apenas por seu comportamento social, mas sim pelo elo entre eles. É na carreira de humano, no seu curso característico, que podemos discernir, embora difusamente, sua natureza. Assim também a cultura nos modelou como espécie única, e ainda nos modela, como indivíduos separados. O que temos em comum, nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.

Nessa mesma vertente, para Morin (1984), o comportamento social do humano é incompreensível se esquecermos a combinação da informação genética e da informação cultural, mas não é menos incompreensível se esquecermos a informação proveniente das experiências fenomenais, quer dizer no ecossistema. “O espírito humano é espelho do ecossistema” (p.100). Deixando de lado a visão iluminista de humano como idealidade, existem várias possibilidades de se tornar humano, e é nessa diversidade que podemos encontrar o que é um ser humano ou o que ele pode vir a ser. Nesta perspectiva que coloco os seres humanos que co-habitam o lugar no Assentamento Sino como seres inconclusos (Freire, 1996), constituindo uma vasta diversidade de possibilidades que já tiveram e estão tendo de vivenciar a aventura de ser humano, ligados por uma similaridade característica da nossa espécie.

A aventura humana desencadeia vários processos de acordo com as experiências que a vida nos consagrou, especialmente estas famílias do

assentamento que tiveram na sua constituição identitária as mais diversas situações, constituindo o assentamento um sistema, pois para Morin (1984, p. 61), o conceito de sistema “é a combinação de elementos diferentes que estão em interdependência, ou mesmo em interação”, a interação neste sentido dado pelo mesmo autor não exclui os antagonismos, muito pelo contrário, o antagonismo é o que torna um sistema vivo. Então para que haja sistema, é preciso que haja manutenção da diferença. Trago esta reflexão para o seio do Assentamento Sino e o compreendo como um sistema interativo, no qual a complementaridade e o antagonismo estão presentes, e ainda estão presentes na identidade de cada integrante, pois para Hall (1997), as identidades vão se construindo nas trocas com outras identidades, portadoras de antagonismos inerentes à condição do humano.

Neste sentido, o assentamento reconhecido como um sistema vivo, nos revela uma complexidade inerente a esse sistema, no qual o interesse de estudar o seu cotidiano, onde o intercultural se manifesta com toda sua efervescência, mostra as relações que estabelecem os assentados entre si e com o meio. Sabendo que cada indivíduo possui sua cultura criadora de sentidos vivenciais, recordemos com Alsina (1999, p. 12) “que la creación de sentido es una actividad propriamente cultural, y la cultura es una matriz creadora de sentido de los relaciones del ser humano”. Este aspecto da criação de sentido na vida se apresenta no assentamento com maior ênfase, o viver nessa Terra, a terra tem um sentido fundamental para eles, faz parte de sua identidade e a melhoria da qualidade de vida.

O assentamento se constitui numa mestiçagem cultural, e que esta seria uma arte de viver, que provoca a reflexão e se baseia em uma tolerância flexível, que se confirma nesta fala: *a gente se conhece aqui, cada um já sabe o jeito de cada um ... o jeito é a pessoa entender e aceitar do jeito que ela é*. Há um reconhecimento das diferenças, porque: *cada um vem de uma região, tem uma história, também, hábitos diferentes... A dificuldade maior que teve aqui é que a gente não tinha experiência porque este pessoal que estava aqui não era o mesmo grupo. Até a pessoa se entender, se apegar no meio já era difícil porque eles tinham uma discussão e a gente tinha outra*. O mais interessante de tudo isso é como em meio a essa rede surge a identidade pessoal, basicamente produto dessas culturas que se socializam.

A identidade cultural se fundamenta no sentido de pertencimento a uma comunidade com determinadas características. Alsina (1999) diz que as pessoas que convivem no assentamento, mesmo que possuam singularidades, acabam formando uma comunidade diferenciada de outras, na qual esse pertencimento se expressa no entendimento de comunidade de uma assentada:

comunidade pra nós aqui é associação...por exemplo nós aqui... comunidade aqui então as pessoas se associam, todo mundo querem a mesma coisa que é fazer a comunidade andar, crescer... acho que deve ser... por aí... pra mim comunidade é reunião de pessoas, trabalhar junto, conversar e conviver não é?

O pertencimento se dá mais pela experiência que adquirem no conviver, assim como a identidade cultural que aparece neste espaço leva em conta que a característica da identidade cultural é a hibridação e a mestiçagem. Na realidade o intercultural é o constitutivo do cultural, pois uma cultura não evolui se não for pelo contato com outras culturas. Então se trata de descobrir a origem de nossa cultura, que é uma cultura mestiça, devido ao intermesclamento entre a tradição e a pós-modernidade, nas quais muitas culturas tradicionais são produtos da mestiçagem cultural (Alsina, 1999). Nessa teia relacional se verifica a complexidade que se manifesta este espaço de habitação humana, no qual deve-se valorizar as culturas sem juízos prévios, aplicando uma possível identificação com seu valores e condutas.

De acordo com Hassnain (apud Alsina, 1999, p. 56) que “reivindica, frente al muy difundido derecho a la diferencia, el derecho a la similitud. A veces, detrás del derecho a la diferencia se esconde una concesión de los grupos dominantes a ciertas minorías dominadas”. Isso que dizer que deveríamos reivindicar a similaridade, não com os grupos de pertencimento, mas com outros grupos culturais, porque geralmente quando se fala em identidade cultural se coloca a semelhança dentro do próprio grupo e a diferença com o estranho. Evidencia-se a necessidade numa mudança nesses termos. Deve-se reivindicar a possibilidade de semelhança com os grupos estranhos e as diferenças no próprio grupo. Deve-se buscar o cuidado para que a diferença não justifique a desigualdade social, econômica e cultural, ou que a igualdade homogeneizante sirva para ocultar a realidade discriminatória. No entender de Alsina (1999), em qualquer dos casos, o pensamento

mestiço não pode aceitar a disjunção entre igualdade e diferença. Trata-se de aceitar o paradoxo de que somos iguais e diferentes.

Ao tratar da igualdade e da diferença, um tema muito presente nas relações no convívio das pessoas no assentamento, e também o seu convívio com outros assentamentos, outros grupos, nas quais muitas vezes se comparam a outros. Um tema que apresenta conflitos, justamente por não aceitarem a diferença, ou mesmo aceitando que o outro é diferente, não conseguem conviver com a diferença. De acordo com Alsina (1999) na sua interpretação das diferenças, certamente essa é uma reivindicação minha enquanto pesquisador, fazer valer a diferença no grupo de assentado, e a igualdade na relação com outros grupos sociais, igualdade que concerne no traço humano que cada indivíduo carrega e por isso todos são iguais, e por isso portadores dos mesmos direitos.

A minha preocupação aqui no assentamento é das pessoas não poder sair de casa com a cabeça tranqüila, porque a gente sai de casa, quando volta tem problema. Às vezes mesmo não saindo de casa, vem problema dentro da casa da gente. Então, é isso que dá. Vem problema dentro de casa. A gente não sai. Às vezes domingo a gente não sai, fica o dia inteiro lidando aqui, os problemas acontecem. Então eu acho que... eu queria pedir para os companheiros se entenderem, pra ver, pra mudar, pra seguir em frente, pra seguir em frente, não adianta, só se incomoda.

Essa fala de uma assentada dimensiona um certo desabafo e insatisfação com a vida no assentamento. Constata-se uma ligação muito forte entre as pessoas deste assentamento, justamente por serem apenas treze famílias, a afinidade se torna mais próxima e por isso mais complexa. Quanto mais se conhece do outro, mais se conhece das pessoas, e isso implica um certo grau de maturação para enfrentar uma relação tão próxima com esse outro, o espelho. O fato é que qualquer conflito que exista no assentamento incomoda no todo, se uma parte está em conflito o todo fica incomodado, também podemos observar neste relato:

Quando tu ajeita de um lado, outra pessoa vem e diz assim! Aquilo já se vai. Aí se desmorona o grupo. Aí nós podia ter dinheiro agora, mas sei lá, um puxou pra um lado outro puxou pra cá. Sei lá! Terminou. Aí, quem fez o projeto foi o pai, né? Só que até agora não veio, era pra ter vindo fim de setembro, e não veio até agora, então tem gente por trás que destrói tudo, sabe, quando tu quer formar aquele grupo, que está formado, que vai. Todo mundo diz “Vamos pegar, vamos trabalhar!” Quando tu vê tem um que esculhamba e deu!

Esse relato ratifica o antagonismo de idéias que se apresentam no contexto do assentamento, justo por caracterizar um campo de diferença cultural, no qual o entendimento dessa diferença se faz pertinente para se gestarem enquanto sujeitos autônomos.

4.3.1 A fofoca

Dentro do assentamento é muito comum as pessoas falarem umas das outras, especialmente colocando a culpa do fracasso dos projetos sob os ombros de alguém. Nas próprias falas sempre referem-se à fofoca como algo que atrapalha na vida do assentamento, e atribuem uma expressão peculiar para designar essa prática, a chamam de *picunhagem*. E o praticante é chamado de picunheiro. Este outro relato revela um pouco mais desta prática.

Esses conflitos, volta a volta surgem. Isso é maioria por conversas, fofocas, às vezes o cara não sabe da onde é, e se invoca com o outro companheiro sem saber o que que é. E daí ele fica brabo e quer brigar e não sabe certo o que aconteceu. Aí depois quando a verdade não é aquilo, daí tudo normaliza. Aí já é tarde, não poderia ter feito aquilo sem saber, né, como é que sem saber o que é vou ficar brabo contigo. E começa por aí, uma conversa de lá e daqui, mal entendimento sempre dá essas coisas

Nem toda fofoca é para gerar o mal, mas geralmente o que é visto como fofoca tem o caráter da negatividade, quase sempre concebida como força nefasta, destinada a fazer o mal a determinados indivíduos. No entanto, para compreender o sentido da fofoca temos uma definição emitida por Fonseca (2000, p. 41) que diz o seguinte: “relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio”.

Tentando compreender melhor a situação da fofoca, a mesma autora

ênfatiza que reforçar o sentimento de identidade comunitária ao criar uma história social do grupo, já que o sujeito ou objeto da fofoca representa uma integração o grupo, ou seja, a fofoca aparece quando se tem uma certa afinidade no grupo, ou um conhecimento do grupo.

A autora coloca que a fofoca pode ter uma função educativa, especialmente na comunicação entre os analfabetos, que é o caso do assentamento, no qual se contam as novidades, e/ou informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública, que no assentamento acontece nos comentários sobre a família A e a família B, em que se coloca uma imagem sobre cada família, uma imagem representativa do imaginário que se criou frente essas famílias, já abordado. Assim como reforça a autora, “atacar pela fofoca, os atributos de um outro é atentar contra o que há de mais íntimo no indivíduo, a imagem que ele faz de si” (p.43), é como se as palavras que atingem a imagem pública de uma pessoa tivessem a força mágica de feri-la fisicamente.

Essa dimensão da fofoca mostra um certo grau de nivelamento entre os indivíduos, ela acontece geralmente entre quase iguais, e serve de instrumentos dos que se sentem inferiores, e ao rebaixar o outro se elevam. Essa pode ser uma atitude de defesa, de medo, no caso do assentamento é uma questão mais de reforçar a inferioridade que sentem por tudo que já experimentaram na vida, e até pelo fato de serem vítimas de um sistema econômico e político que cria esses subgrupos, sob o qual os olhares oscilam entre compaixão e condenação indignada, tudo isso cria um sentimento de defesa de sua imagem que está machucada.

A fofoca pode ter uma dimensão positiva de anunciar uma preocupação com o outro, uma preocupação talvez de ajudá-lo, talvez não só de prejudicá-lo, podemos observar neste relato:

Isto me preocupa. Queria ter sabe, mais pra ajudar as pessoas que não têm. E ainda não posso ajudar aquela pessoa como agora, né? Então eu pensei assim, se ele aceita, se não aceitar também, a amizade é a mesma. Mas pelo que eu sei, ele aceitou. Isso não era pra mim falar mas eu estou falando... Só que não era pra falar, me preocupei com ele. Tem tanta gente que trabalha na terra dele e não dão nada pra ele. Dão dez pilas, pra ele, ele vai lá e compra... hoje tem amanhã não tem. Então eu pensei assim, porque a Maria não pode ajudar ele. Porque não podemos ceder o lote pra ele e a Maria vai cuidar dele. Nós vamos cuidar dele, não vai ser só a Maria. Nós vamos cuidar dele, porque as pessoas que estão arredando as terras dele, não dão nada pra ele, não tiraram ele da miséria. Sempre na miséria então é isto que me incomoda, sabe? Porque as pessoas não ajudaram ele? Só querem tirar dele o que ele tem.

O relato mostra uma real preocupação com a dignidade de um companheiro que está em situação de miserabilidade, percebemos que a fala revela uma preocupação para ajudá-lo, tirá-lo dessa situação na qual se encontra, mesmo ela se censurando por não poder estar falando, sente a necessidade de partilhar o caso com alguém, visto que a pergunta que fiz a ela foi sobre uma preocupação em

relação a sua vida, assim mostra a dimensão que o outro ocupa em sua vida. A proximidade com o outro nos coloca num lugar em que “eu já não mais eu sem o outro”, aqui a identidade individual e cultural convergem em um mesmo sentido.

Podemos reconhecer que, no Assentamento Sino, a fofoca pode ter um caráter de desabafo, de falar o que sente, o que em meio a nossa cultura muitas vezes não aprendemos a dizer o que se quer, aprendemos a silenciar, dizer o que sente é perigoso, pois enfrentar o outro pode gerar inimizade. Por isso aprendemos estratégias para driblar situações em que não se pode tornar visível o drama que está vivenciando, então se criam outras vias para dar visibilidade ao que se quer, uma delas pode ser a fofoca. Assim como a fofoca, existem outras situações no assentamento que revelam uma outra relação diferente da fofoca, com um caráter mais agregador.

4.3.2 Brincadeiras

O objetivo deste item é apresentar idéias para a análise da Brincadeira enquanto prática e categoria nativa, que caracteriza a população no Assentamento Sino e sua relação com a amizade. A partir da leitura de Comerford (1999) que trabalha especialmente a partir de textos de Radcliffe-Brown sobre as “relações jocosas”, na qual “ênfatisa a importância das relações jocosas (ao lado das relações de evitação) para estabelecer de forma relativamente estável uma combinação de

relações de associação e dissociação entre grupos distintos que, todavia, mantêm relações sociais fundamentais entre si (relações de aliança) em uma dada estrutura social” (p. 81), concebendo a existência deste tipo de relação no assentamento, procuro apenas explorar algumas possibilidades para dar conta de certas constatações observadas no convívio com este grupo.

Durante a minha estada com esse grupo de assentados, percebia com certa freqüência, no cotidiano, interações chamadas pelos trabalhadores como brincadeira, às vezes eram mencionadas com frases do tipo “*todo mundo vai brincar com qualquer um*” ou “*aqui a gente tá sempre brincando, um empunhando o outro*”. Outra situação que me chamou a atenção, pela recorrência, que após uma visita a uma casa, geralmente se despediam com uma frase na saída: “desculpe as brincadeiras”.

Podemos dizer que as brincadeiras se caracterizavam em situações de provocações mútuas, aparentemente agressivas e as respostas a essas provocações tinham a mesma conotação. No grupo, as brincadeiras eram predominantemente masculinas e raramente uma mulher era motivo de brincadeira. Às vezes essas brincadeiras aconteciam entre os casais, onde um provoca o outro com insinuações de cunho sexual. Algumas pessoas se tornavam o foco de certas brincadeiras, especialmente aquelas mais quietas ou com alguma peculiaridade que no contexto deles era exótico.

Esse tipo de brincadeira acontecia entre os próximos, aqueles que revelam uma certa liberdade e uma amizade entre si, raramente brincavam comigo, só após

um certo convívio no meio deles que essas provocações às vezes se dirigiam à minha pessoa. A brincadeira é vista como algo absolutamente informal, não há regras para se brincar, apenas um senso prático como Bourdieu (apud Comerford, 1999, p. 83) afirma, “dos limites que definem a brincadeira e um ‘saber brincar’ aprendido nos infindáveis torneios cotidianos de provocações mútuas”. Confere que existe um momento certo em que se pode brincar, e um momento em que não se pode brincar, ou em que lugar se brinca, e especialmente com quem se brinca e com quem não se deve brincar. Garantido o bom senso para que a brincadeira não se torne um motivo de um ato mais violento, ou uma ofensa que gere um rompimento entre os brincantes.

A conotação que a brincadeira ganha neste cenário traduz a realidade de vínculos de amizade e descontração, pois brincar é algo divertido e marca o prazer de estar junto (Comerford, 1999). A brincadeira sempre acontece quando está reunido um grupo de amigos, seja em casa, na roça, no armazém, ou qualquer lugar que se possa brincar, inclusive nas famílias observei algumas brincadeiras entre os irmãos e com maior frequência entre os jovens quando estão em grupo.

Assim a brincadeira os acompanha desde o período do acampamento, talvez seja o lugar onde aprenderam a brincar pela proximidade e os laços que criaram entre si, justamente por estar ligado ao sentido que a expressão companheirismo traduz na vivência de grupo. A brincadeira vista como aprendizado caracteriza, ou media uma situação de aparente conflito, onde se fala ao outro em forma de brincadeira para se dizer o que quer, num clima de amizade, resgatando a

confiança de se poder falar e brincar com o outro que entra neste jogo.

Considerando o contexto em que a brincadeira é expressa, resgata-se uma força social que está latente neste grupo do Assentamento Sino, que possivelmente pode ser canalizada para outros fins que assim desejam contribuir para fortalecer os laços de amizade e de cooperação tão escasso na visibilidade deles. Ao trazer presente essa reflexão sobre a brincadeira, quero justamente chamar a atenção para o fato de que a maioria dos assuntos que fazem parte da brincadeira tratam de temas proibidos ou pouco falados, relacionado à sexualidade e à identidade, quando se procura atingir o outro reforçando uma reflexão para que ele possa dar uma resposta satisfatória que o tire da situação a que foi exposto. São situações cotidianas espontâneas, muitas vezes consideradas irrelevantes, que carregam uma dimensão importante para compreender o grupo e suas relações.

Nessas aproximações com a vida do assentamento, revelam-se várias situações que as pessoas vão criando e que se apresentam como tema relevante, que são as relações de poder identificadas, tanto na relação com a fofoca como na relação com a brincadeira em que, em muitos momentos, alguém exerce a liderança ou assume um certo poder em relação aos outros.

4.3.3 Formas de resistência

Devido ao fato desses trabalhadores já terem participado de lutas e manifestações de resistência por autonomia, por respeito e por direitos, especialmente por operarem numa desvantagem estrutural, e sujeitos à coerção, tais formas de lutas cotidianas podem ser a única opção disponível para resistirem a um tipo de estrutura social que não dá conta de suas demandas. Para os assentados, pulverizados ao longo da vida rural e de acampamento e enfrentando ainda mais os obstáculos para ação coletiva e organizada, as formas cotidianas de resistência parecem particularmente importantes. Aqui trago presente, segundo Scott (1982, p.12) que: “as armas comuns dos grupos relativamente sem poder: fazer ‘corpo mole’, a dissimulação, a submissão falsa, os saques, os incêndios premeditados, a ignorância fingida, a fofoca, a sabotagem e outras armas dessa natureza”. Dentre essas formas de resistência de acordo com o autor referido, destaco, no Assentamento Sino, principalmente a fofoca, que abordei anteriormente, o fazer “corpo mole” geralmente pelo não envolvimento com os projetos, o aparente esquecimento de comparecer a uma reunião no grupo, chegar atrasado, as desculpas que usam para justificar a ausência no trabalho em grupo. E a dissimulação, muitas vezes se omite a cumprir seus próprios compromissos, suas tarefas de trabalho, o que é muito dito pelos assentados, “*não querem trabalhar*”. Nesta questão da dissimulação eles criaram até um jeito de dissimular a criação de um grupo que funcionava dessa forma: os que fazem parte do grupo que estava se criando, não podiam falar sobre o grupo para os demais no assentamento, se alguém perguntasse, ficariam no silêncio, como revela esta fala: *não conta pra ninguém, eu*

não conto pra ninguém e vamos discutir no grupo... E não dar bola para nada? É a mesma coisa que dizer que nem tem nada. A hora que puxarem alguma coisa... 'Não sei, eu não vi!' Pronto, fica por aquilo e pronto. Não dá bola. Esta é uma estratégia que criaram para dissimular uma tentativa para formação de um grupo, para evitar as possíveis conversas, fofocas que viriam a destruir o grupo. Como utilizaram essa dissimulação para algo para resistir ao controle dos vizinhos é por que já utilizavam para resistir aos projetos que eram impostos a eles. Uma outra forma de resistência que encontraram é a brincadeira, que de certa forma, gera situações para agregar o grupo e amenizar momentos difíceis no cotidiano. Mas vejo que dentre essas formas, a mais recorrente é a fofoca, que atua em todo contexto no assentamento, isso é comum em qualquer grupo humano, é um fato normal do cotidiano em espaços de convívio de pessoas, mas devemos nos perguntar se isso que chamamos de comum e normal não reserva um grau de resistência, pois muitas vezes banalizamos micro-situações em que há um grande tema a ser codificado. Para recheiar este pensamento, trago uma referência de Scott (1982, p. 13):

As formas cotidianas de resistência camponesas não produzem manchetes de jornais. Assim como milhões de pólipos de antozoários criam um arrecife de corais, milhões e milhões de atos individuais de insubordinação e de evasão criam barreiras econômicas e políticas por si próprios. Há raramente alguma confrontação dramática, eventualmente digna de ser noticiada. E, sempre que o barco do Estado esbarra numa dessas barreiras, a atenção é centrada no acidente e não na vasta agregação de micro-atos que resultam na barreira. É muito raro que os produtores desses micro-atos busquem chamar a atenção sobre eles mesmos. Sua segurança está no seu anonimato. Também é

muito raro que os oficiais do Estado desejam dar publicidade a essa insubordinação.

Essas considerações do autor revelam como não só os Oficiais do Estado se comportam frente a tal situação, mas, sobretudo, como nós, intelectuais, nos comportamos quando dizemos que tais atos são comuns e normais, assim como quando dizemos que uma situação de conflito é comum e normal. Isso todos sabemos, agora o que precisamos é estar sintonizados ao que isso quer dizer, o conteúdo e o significado que existe em qualquer ato humano por mais “normal” que seja considerado. No assentamento, cada ato está prenhe de significados, e muitos fogem a nossa compreensão, justamente por ainda estarmos envolvidos numa apreensão superficial da realidade, nosso olhar ainda vê sob poucos pontos de vista. Enfim o que é valorado são os megacontecimentos, nas quais a natureza dos fatos e a mudez auto-interessada dos antagonistas contribuem para criar um tipo de silêncio cúmplice, que exclui totalmente as formas cotidianas de resistência dos registros históricos. Por isso cada vez mais necessitamos trazer para a visibilidade o cotidiano com tudo o que ele contém, desvelar as formas silenciosas e anônimas das lutas e, acima de tudo, precisamos aprender a fazer, nos aproximando desse cotidiano. Insisto mais uma vez que esse desvelamento não tem nenhum caráter de julgamento, de apontar erros ou acertos, e é justamente a superação dessa idéia de julgamento de ações humanas que se quer superar, é necessária uma crítica da realidade apontando as injustiças no que tange às diferenças.

4.3.4 Relações de poder

O existir humano se revela por diversos matizes, principalmente quando se reconhece uma tradição cultural ancorada nos mecanismos de competição. No dizer de Maturana (1998), a competição se constitui culturalmente quando o outro não obtiver o que um obtém, isso é fundamental como modo de relação. A trajetória pela qual discorrem as famílias e pessoas no Assentamento Sino anuncia, em seu movimento, questões em que muitas vezes um quer anular o outro, isto é, um que dominar o outro. No caso específico do assentamento, na percepção que tive ao acompanhá-los neste período de tempo, constato que a relação de dominação visível e um poder exercido, às vezes é explícito e às vezes é implícito. As relações de dominação deflagram experiências marcantes no caminho percorrido por eles até chegarem neste espaço, possivelmente todas experiências que tiveram, no trabalho de peão, ao sentirem-se despossuídos de bens materiais necessários à sua subsistência, que certamente abala sua dignidade, e por passar pelo processo de luta pela terra que traz cicatrizes fortes de humilhação, sofrimento e submissão. Todos esses processos vividos podem ocasionar o anunciado por Freire (1996), que na medida em que o oprimido sofre a dor da opressão vai introjetando o opressor, e assim passa a expressá-lo em suas relações com as pessoas com quem convive.

No desenrolar da vida no assentamento, essas questões vão ganhando visibilidade, quando surge a adesão a determinadas pessoas e a não adesão a outros. Há, no assentamento, uma disputa, especialmente por duas famílias, por espaços de poder, na qual determinada família se agrega a algumas pessoas, e

despreza outras. Isso possivelmente acontece, na formação de grupos de trabalho, como nos mostra esta fala: *Se a pessoa não quer participar junto, não está de acordo com a gente vai procurar as que estão mais de acordo até a pessoa entender, que está errada.* Ou como revela esta outra colocação: *teve gente daqui do assentamento que fez uma panela.* Essas expressões revelam um caráter de disputa entre um grupo e outro.

Ao se aproximar do grupo dos assentados se recebem informações sobre cada um dos que ali habitam, que constroem uma certa imagem de cada sujeito ou de cada família, na qual se passa a ver com determinadas lentes. Todo meu convívio neste espaço veio confirmar informações do tipo que a família A está preocupada em formar um grupo coletivo, que é uma família considerada modelo, pois tem um bom relacionamento com todos, quer ver o assentamento crescer, é a família centro do assentamento, pois todas as informações chegam à casa deles, é a única família que freqüenta a feira de produtores do município. Existe um senso comum de que esta família congrega uma liderança forte no assentamento e a consideram como a família modelo. Já a família B é olhada como a família que perturba o bom andamento do assentamento, pois não quer trabalhar em grupo, possui uma capacidade de desarticular os grupos que estão funcionando. Para o senso comum esta família é o antimodelo para o assentamento. Esta confirmação eu tive ao realizar as entrevistas com eles, as outras famílias me perguntaram se eles haviam me recebido bem. Enquanto eu não tinha entrado de fato na vida cotidiana do assentamento eu conservava a imagem do senso comum, pois era o que eu via, a partir de um olhar de fora.

No entanto, quando começo a entrevistar a família A e acompanhar um trabalho de grupo que esta realizava com a família C, pude constatar de que muitas informações obtidas careciam de validade diante do observado, pois esta família, no trabalho de grupo, não tinha confiança no outro, queria de alguma forma tirar vantagem do trabalho do grupo, não se doou pelo trabalho, fazia críticas à outra família, enfim, existem certas características que permanecem, como a questão de que as informações chegam até a casa deles. No entanto são carismáticos, então é perfeitamente justificável o porquê de toda essa confluência, pois inclusive eu, quando fui procurar o assentamento para realizar a pesquisa, procurei esta família e não outra, e hoje reconheço que foi pelo carisma. Enfim, o estereótipo de família modelo deixou de existir no momento em que se mudou o olhar, ou se aproximou o olhar. Porém, essa característica de família que conseguem constituir, se dá mais pelo horizonte possível construído por essa família, que faz dela uma referência.

Em relação à família B constato que realmente essa família não se dispõe a trabalhar em grupo, justamente porque não existe no assentamento trabalho em grupo, o que há são “faz de conta”, onde muitas vezes um quer se aproveitar do outro, ou apenas conseguir um financiamento a “perder de vista” como os assentados falam. Percebi nesta família uma grande capacidade de trabalho coletivo, pois eles possuem uma concepção do que seja um trabalho em grupo, além disso, reconheci nesta família uma integração forte entre eles, uma amorosidade e um cuidado para com os filhos. Identifiquei neles um grande potencial em relação às outras famílias. Além disso, senti um clima de harmonia e felicidade. Da mesma

forma reconhecendo nesta família a desconstrução de um estigma construído pelo senso comum, do qual fazia parte. Constatando que esta família não retrata o estereótipo construído e assimilado pela comunidade. É uma família com dificuldades, mas que vive conforme o aprendido em suas experiências de vida. Um detalhe importante que um assentado falou foi que ele gostaria que, após as entrevistas individuais e a conclusão do trabalho, eu fizesse uma entrevista coletiva com todos para expor o que eu tinha pesquisado e confrontar as idéias com eles.

Essas duas experiências quebram a lógica culturalmente construída pela qual vemos a realidade a partir de fora, sem mergulhar realmente na alma das pessoas e reconhecer como estas lidam com seus mundos, trazendo para a visibilidade o que estava latente, o que não era visível, olhando a partir de dentro do convívio familiar e das suas relações com os outros. Observando, quando se procura viver de acordo com aquilo que tem validade para si, acaba criando uma imagem oposta àquilo que chamamos “normalidade”, além disso, cria-se uma resistência ao predeterminado, o que é dado pela cultura. Pois a família B era desconceitualizada porque procurava viver de acordo com seus princípios, não mascarava uma relação para representar bem no grupo, o que já não acontece com a família A que, de alguma forma, acredita num trabalho coletivo, mas revela na sua ação um trabalho individualista e interesseiro.

Nas investigações, observo que as famílias que disputam poder são as mesmas que tinham uma idealização construída pelo senso comum, da família modelo e a família antimodelo. A família B que ocupava a situação de família

antimodelo, tinha uma aversão pela família A, justamente por ela se caracterizar como uma família na qual estavam incluídos um casal que não passou pelo acampamento e residiam junto com a filha e o genro. Este casal possui um certo carisma que atrai as pessoas, e, além disso, participam da feira na cidade do município, o que os coloca numa certa vantagem de posição em relação à família B, que possui uma liderança forte no assentamento, especialmente nas articulações do movimento e possui um armazém, onde vende mercadorias para o assentamento, neste local também se reúnem os homens para jogar e beber, criando um espaço para conversas e picunhagem. A família B assume a condição de assentado como um direito, reservado a quem passou pelo processo de acampamento, e justamente à família A, que não passou por este processo, é atribuída uma liderança. A família A incorpora esse atributo e se ressentente pela discriminação feita a eles como revela esta fala: *Ah eu sinto. Sinto muito. É que a gente é muito queimado pelos próprios colegas da gente. Que a gente não tem cadastro, né.* Na medida em que essas situações acontecem, um vai se aproximando do outro conforme as conveniências, aqueles que garantem uma certa seguridade, mesmo que aparente, vão conquistando os adeptos. Nesse contexto, se vislumbra uma dominação pela disputa de posição, uma competição na qual todos perdem, pois cria dissociações, mas provoca um movimento de insatisfação frente a esse quadro, provocando um forte interesse de mudança.

4.4. CONFLITO MASCULINO/FEMININO

Na vida social deparamos com um construto social inerente às relações de gênero, no qual a nossa cultura ocidental reserva uma superioridade masculina, ancorada numa concepção antropocêntrica do mundo, no qual o Homem se coloca como o centro de tudo, capaz de dominar tudo, inclusive a mulher, que é colocada em condição inferior. Visto que onde há relação humana existe relação de dominação em relação ao feminino, no Assentamento Sino se anuncia uma certa dominação por parte dos homens em relação às mulheres. Aparentemente, parece que as mulheres têm liberdade, pois elas participam dos encontros, dão opinião, suas opiniões são consideradas e aceitas. Mas, na operacionalidade, o que prevalece é o domínio dos homens, pois uma assentada comentou que elas queriam formar um grupo de mulheres, só que o problema era que elas não tinham um lugar apropriado, um lugar neutro, que não fosse a casa de nenhuma delas, pois alguns maridos não deixavam elas irem na casa de outra para trabalhar. Denota-se um certo poder, uma apropriação da mulher como propriedade, a qual não pode frequentar outras famílias, mesmo que fosse a trabalho.

Como as entrevistas geralmente eram na presença do marido, ou senti que as mulheres não gostavam muito de falar sobre essa relação homem/mulher, então tive poucos dados nas entrevistas, só algumas falas bem objetivas que anunciam esse domínio masculino. Ao perguntar: quem manda mais no assentamento? A resposta: *É, acho que é os homens! É os homens que mandam mais, os homens. E as mulheres quando querem sair, os homens não deixam, porque isso, porque*

aquilo... Eles vencem, até por enquanto eles venceram aqui, eles mandam demais. Constato que apesar das mulheres serem ativas, existe uma submissão, que elas tendem a esconder, mas que se revela nas relações, e no próprio tratamento dispensado a elas pelos homens. Muitas vezes essa condição de servidora impede-as de realizarem seus sonhos pessoais como revela a situação desta assentada: *Só que as vezes ele diz assim tu que sabe. Se quiser vai. Aí de repente eu... até eu já tentei sabe? Ir, ah hoje eu tenho que fazer isso, tenho que ajudar a ele. Então eu já prefiro não ir. Ah! tá muito quente, ah!* Mesmo tendo um suposto aval, esta assentada não se sente em total liberdade para fazer o que quer, então arruma obstáculo para não ir, mas na realidade, a partir do que senti, essas desculpas de não ir são porque ela sabia que o marido não gostaria que ela participasse, ele complicaria se ela realmente fosse. Ele usa o poder para dar liberdade, só que a submissão já se introjetou na vida dela, que não precisa mais dizer que não pode ir, ela já aprendeu que se for vai arrumar confusão, o que vale não são as palavras, mas a vontade do marido.

Na vida cotidiana do Assentamento Sino essa relação masculino/feminino aparece como dominação dos homens, enquanto as mulheres ficam submissas, mas acabam ocupando um lugar de resignação por não terem a liberdade de poderem trilhar seus próprios caminhos. Trouxe essa reflexão sobre esta forma de conflito porque aparece nas relações do assentamento, mas não aprofundam, pois no momento basta esta explicitação, que pode vir a ser posteriormente um estudo mais aprofundado desta questão que se configura relevante no entendimento de relações de poder e conflito entre gênero.

4.5. OUTRAS CONSIDERAÇÕES PERTINENTES AO ASSENTAMENTO SINO

4.5.1 Os jovens no assentamento

Outra característica deste assentamento é que os filhos não se inserem na vida dos pais, eles parecem alheios à vida de assentado que os pais levam, cada um procura sua forma de sobreviver neste lugar, trabalhando de empregado, alguns estudando, ou buscando outras alternativas como segue a fala deste jovem: *Eu preferia seguir o quartel. Agora pelo ano que vem, por aí. Ajudar mais ou menos em casa e fazer as coisas, ajudar a mãe e o pai.* Assim as perspectivas deste jovem vão na direção de uma nova saída do campo, devido às dificuldades que enfrentam para sobreviverem do trabalho na terra. Assim se reconhece que a história que aconteceu com os pais em sair do campo em busca de melhorias na cidade, se reverte nos filhos, no qual a condição do assentamento que tem por objetivo dar condições de vida para as famílias acaba não garantindo essas condições para os filhos, no entanto, a alternativa que buscam é a cidade ou ingressarem num acampamento para ganhar terra.

O importante, talvez, para esses jovens tenha sido a experiência de viver no assentamento, garantido algum aprendizado para suas vidas como se percebe no relato deste outro jovem: *Aqui foi bom, melhorou muito não é, a gente conseguiu fazer aqui não digo bem uma casa, um galpãozinho, mas a gente está vivendo bem, eu já fiz a Comunhão, a minha Crisma, estou estudando no colégio, estou bem, estou no primeiro ano do segundo grau. Pretendo continuar, não é? Pra mim foi bom, aprendi várias coisas, foi bom, mais amigos aqui. Foi bom a vida aqui.* Na vida deste

jovem, filho da família B, se reconhece o brilho nos olhos e sua expressão no rosto de alegria e satisfação, apesar das dificuldades que tiveram, hoje conseguem administrar com sabedoria a vida aqui no Assentamento Sino. Mas as dificuldades que enfrentam são muitas, especialmente a questão da estrada: *agora acho que mais dificuldades é essas estradas, a gente trabalhava lá em baixo, lá cortar lenha, só que as estradas são muito ruins, cada vez que chove, não dá pra passar. Aí é ruim pra tirar lenha daí não pode. Os caminhões das olarias não podem entrar lá pra baixo para pegar a lenha. Maior dificuldade que a gente enfrentou, assim vários anos foi esse. As estradas.* Isso acaba contribuindo para que almeje trabalhar em algo melhor segundo a visão dele, como comenta: *pretendo terminar meus estudos e ver um serviço melhor porque pra mim aqui é bom, mas eu prefiro um emprego melhor, assim pra mim. Não digo morar na cidade, quero morar aqui, mas um emprego melhor. Pra mim eu quero isso. Não é?*

Dentre as contribuições que estes jovens trouxeram para o estudo penso que se resume nesta frase que constitui um tipo de relação fundamental em qualquer tipo de relação humana - *Pra mim eu acho que eu aprendi aqui, acho que é estar sempre pedindo ajuda para os outros nunca querer fazer tudo sozinho. Sozinho a gente não vai a lugar nenhum. Confiar, confiar muito. Mas... confiar um pouco nos outros também, acreditar, acreditar que a gente pode ser alguém na vida, conseguir ter algo. E trabalhar não é? Sem trabalhar não se consegue nada.* Estas palavras mostram um dado fundamental naquilo que Paulo Freire dizia sobre o confiar no ser humano, o humano se educa e se constrói em comunhão e ação, além da felicidade

estampada no rosto deste jovem, penso que ele traduz nesta frase um aprendizado fundamental na vida do Assentamento Sino.

Este jovem que entrevistei da família B tinha uma alegria no seu rosto, no seu olhar, era um jovem satisfeito com as possibilidades que a vida lhe concedeu e com sonhos e projetos para o futuro, estava consciente de sua situação, aceitando essa condição. A menina da mesma família tinha um tom de tranquilidade, saudável e feliz, parecia estar de bem com a vida no assentamento e sua relação com o seu mundo. Parece ser uma família bastante ciente de seus processos e do processo do assentamento, bem integrados entre si, os filhos parecem ter bastante liberdade no convívio familiar, se ajudando mutuamente.

4.5.2 As crianças no assentamento

As crianças vivem tranquilas em seu mundo, parecem serem livres de pressões maiores, pois como os pais lidam com a vida, agem com os filhos. Apenas percebia que as crianças eram vistas como não sujeitos, pois não tinham vez, queriam participar das reuniões, mas diziam que as crianças atrapalham e em conversa de adulto criança não se intromete, tem que obedecer aos mais velhos. Esse costume revela que, mesmo no acampamento ou no assentamento, o tratamento dispensado às crianças é da mesma ordem de qualquer instituição de nossa sociedade, a criança é entendida como um projeto de ser que ainda precisa subir alguns degraus da escada para poder ser reconhecida enquanto sujeito. Mas para as crianças, eles se consideram importantes, como revela esta fala de um

menino: *no sentido que quando o cara vai nas reuniões o cara escutando, pode ajudar bastante mais adiante,... acho bom o cara ir participando quando pequeno.* Para ele, o fato de poder participar é uma contribuição, já está aprendendo e pode contribuir, diz ele.

Mas as crianças revelam sua pureza de tentar entender o que se passa no mundo dos adultos como revela esta fala: *essas brigas, que o pessoal fica brigado, me deixa meio encabulada, eles brigam quase por nada, quase né, um chama esse daquilo o outro chama aquele disso, ficam assim se debicando, quase não tem motivo,... eu não sei bem, acho que a gente aprende bastante a conviver em comunidade, viver juntos como família, junto a comunidade em uma só família.* Mesmo sem entender o motivo das brigas, essa criança mostra que a convivência em comunidade é importante para a vida no assentamento. Isso percebi em um dia que estava na casa de uma família fazendo entrevistas, quando, de repente, vieram as duas crianças, uma da família A e a outra da família B, justo as duas famílias que não se toleram, convidando para uma reza que ia ter na comunidade nos próximos dias. Esse fato reflete que as crianças deste lugar conseguem transcender as diferenças, para elas não existem diferenças, elas vivem a espontaneidade de sua condição de criança, sem palavra de ordem, sem fingimentos, vivem sua liberdade de criança. Apesar de que neste lugar do assentamento existir uma formação direcionada para os cânones do MST, as crianças agem livremente. O fato de elas estarem juntas num ambiente de profundos laços de amizade, executando uma ação em conjunto, sem a interferência do mundo adulto, parece revelar algo fundamental que acontece neste lugar chamado Assentamento Sino.

4.5.3 O externo e o aleatório entram em cena

Um outro fator que está ocorrendo dentro do assentamento é a iniciativa das mulheres formarem um grupo, essa idéia surgiu delas, não teve nenhuma intervenção externa. Surgiu por causa dessas duas famílias que vieram morar no assentamento e começaram a movimentar o lugar, de certa forma, promoveram um outro movimento que possibilitou essa iniciativa de fazerem esse grupo para produzir alimentos como massa, doces e pães. Às vezes é preciso um fator externo para movimentar, para dar uma nova forma, entra aqui o aleatório, quer dizer duas famílias quiseram trocar de lote depois de estarem dez anos nesse local, algo que não é comum nos assentamentos, foram para Canguçu, um lugar bem distante, e vieram estas duas famílias morar ali. Isso ocorreu durante a pesquisa de campo. Percebo que as famílias já se integraram no assentamento redimensionando uma alma nova para o local.

Percebo que forças externas conspiram quando se alimenta algo, e essas forças brotam como um rebento bem longe, às vezes, do tronco. Vejo que parece estar nascendo algo de dentro do assentamento, algo que está sendo gestado e pode nascer com as forças dos assentados, com ajudas do meio e do externo que se incorporou ao meio e possibilitou uma nova fase, sem a interferência de qualquer mediador. Estou por lá a pesquisar, conversando com as pessoas e trocando idéias, fazendo parte um pouco do cotidiano delas, mas sem nenhuma intervenção neste caso do novo grupo que se ensaia para nascer ou sucumbir. A vida é muito

dinâmica, se encarrega de possibilitar os acontecimentos, talvez quando estes estiverem prontos para aparecerem. Existe o aleatório, o processual que torna uma comunidade super complexa, como neste caso destas mudanças que mexeram na vida do assentamento. Além de todas as expectativas que se geraram em torno destas famílias novas, mobilizou o lugar para que se reestruturasse de alguma forma a vida. Após a chegada destas famílias já aconteceram duas festas de confraternização e integração, uma por ocasião dos dez anos de assentamento. Penso que a minha presença como pesquisador tenha contribuído de alguma forma para mobilizar também este lugar, além das reminiscências trazidas através das entrevistas que evidenciaram práticas que tinham sido esquecidas, como é o caso das integrações entre os assentados.

Existe uma outra família que é composta por um casal sendo que o marido não consegue trabalhar quase, e a esposa é doente mental, de vez em quando ela tem algumas crises que atingem a todos que convivem no assentamento. Há aqueles que se importam e dão auxílio e há aqueles que ignoram. Esta família foi questionada no assentamento por não estar produzindo, e por ainda ter uma parte da casa com lona preta, então algumas famílias do assentamento se reuniram e conversaram de passar o lote para um vizinho, morador da comunidade, e esse vizinho assumiria de construir uma casa para essa família e dar alimentação para eles, já que eles não têm como trabalhar e para não deixar eles na pior. Quando uma família não produz no assentamento eles são mandados embora. Dentro do Movimento dos Sem Terra existem leis, e estas leis parecem estar acima da vida das pessoas. Mas na dinâmica do grupo existe uma preocupação maior com a vida das

peças que convivem neste geoespaço, e para garantir o bem-estar, as peças utilizam códigos para driblar os eventuais fofoqueiros, que prejudicam algumas ações, neste caso foi o código do silêncio, não se comentava esta tentativa, só ficava entre as famílias que estavam interessadas em ajudar esta família com dificuldade.

No acompanhamento que fiz ao Assentamento Sino foram-se mostrando algumas situações muito peculiares e interessantes para se analisar. No desenrolar da vida dos assentados várias situações vão contribuindo ou não para o processo de vida. As dificuldades são muitas, desde as já referidas, bem como o caminho que leva para os fundos da propriedade é precário, a tração animal é o veículo básico de transporte, além do transporte coletivo municipal. Tudo que eles produzem necessita de transporte para ser comercializado, e muitas vezes perdem a produção por não ter como transportar.

Muitas vezes se tem a impressão de que as peças estão passando por dificuldades, aí quando você conversa e se aproxima percebe que eles estão bem, vivem satisfeitos com a vida que levam, têm sonhos, têm noção das dificuldades, mas encaram com naturalidade. Estão vivendo de acordo com as possibilidades, este é um jeito de viver tão natural como outro qualquer, cada família constrói o seu jeito dentro das possibilidades com que a vida os presenteia. Conseguem ter alegria e serem felizes. Possuem uma dignidade que a posse da Terra lhes garantiu, e a partir daí foram se organizando como puderam, uns estão mais satisfeitos do que outros, pois cada um tem uma estrutura diferente, o que faz que as necessidades e os desejos sejam variados, satisfazendo alguns e outros não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

RESSIGNIFICANDO A PROXIMIDADE EDUCATIVA

Chegando ao final deste estudo, um tanto que perplexo pela visibilidade de dimensões que sinalizam a desconstrução de estigmas culturalmente construídos, como no caso da imagem construída sobre as famílias A e B, e considerando que a dimensão analisada se constitui no conflito gerencial da condição humana, porém relegado culturalmente para o subterrâneo, isto é, este tema do conflito muitas vezes não é trabalhado como parte constituinte da vida de qualquer ser humano, isso impossibilita este tema ser assumido no cotidiano das relações interculturais. O que está implícito nesses conflitos reside na impossibilidade que qualquer organização que vier a emergir tenha êxito, porque no caso do Assentamento Sino, a cooperação está imbricada no conflito. Isso explicita nuances diversas da vida destes assentados. Embora acredito que se eles tivessem recursos materiais disponíveis para gerenciarem o assentamento, as relações de cooperação seriam favorecidas.

Ao abordar o tema do conflito foram aparecendo várias dimensões, a começar pelo conflito social e econômico que potencializou a imersão destes assentados no MST, gerando um hiato na vida destas pessoas, porque esta adesão no movimento foi, nas circunstâncias deste grupo, por uma obrigação, necessidade de sobrevivência e não por uma vontade própria. A construção de uma aparente solidariedade se coloca como obrigatoriedade, a contradição entre a vontade e a realidade garantida nas falas revelam esta contradição, pois aquilo que antes

criticavam, torna-se a única alternativa de conseguirem a Terra e com isso garantiriam o direito de ser respeitados como cidadãos e a sobrevivência para a família. Toda essa obrigatoriedade veio potencializar uma situação de desconfiança e competição no convívio coletivo. Toda essa situação e falta em que se encontram desorganiza a estrutura de vida, tanto afetiva como econômica, pois atinge uma necessidade básica fundamental que é a subsistência, gerando privação de outras necessidades humanas, pois como refere Max-Neef (1986) uma necessidade básica não satisfeita interfere na satisfação de outras e isso se revela no cotidiano desses assentados.

A condição de conflito evidenciada no processo de acampamento vai integrando a gama de situações em que esses assentados foram submetidos, todos os processos porque passaram foram conferindo situações de aderência a um conjunto de idéias seguidas pelo Movimento dos Sem Terra que consiste numa educação para a cooperação. Todos os ensinamentos recebidos foram agregando a possibilidade de vida na coletividade, sem levar em consideração o processo vivido anteriormente, potencializando uma condição de adaptação ao meio no qual está sendo inserido e assumindo a identidade coletiva em que o indivíduo abre mão, de sua identidade para se dissolver na coletividade. Ao chegar na Terra esses assentados sentem-se perdidos, pois nunca foram autores de suas vidas, o passado lhes garantiu apenas a possibilidade de trabalharem sob a tutela de um mando, e agora quando este mando não existe mais, o que fazer, pois mesmo a educação do movimento não garantiu essa possibilidade.

A vida no assentamento vai se construindo na medida em que os conflitos vão emergindo, e estes sujeitos que ora agem autonomamente, ora perdem-se acabam gerenciando uma competitividade nas relações que estabelecem entre si, aglutinando várias situações que impossibilitam o trabalho cooperado, quando este é vivido na forma de uma organização. O que na realidade acontece é que cada um vai gerenciando sua vida na individualidade, mas essa forma não garante uma possibilidade satisfatória de qualidade de vida, o que demanda a expectativa de formação de grupo coletivo. O que na realidade se reconhece é que o trabalho cooperado não acontece de fato, porque não é desejado pelo grupo, o que é desejado é o trabalho individual, justamente por vivermos numa cultura que prima pelo individual. As relações de cooperação acontecem nas relações cotidianas, na espontaneidade, pois existe uma rede de cooperação que se estende entre os assentados, na troca de dias de serviço, nas visitas que fazem entre si, na ajuda mútua e na cumplicidade que estabelecem no assentamento, vejo que esta cooperação é inerente ao ser humano, pois todo nosso corpo funciona de modo cooperado, e a convivência social é uma dimensão macro de como funciona um organismo, é da natureza humana cooperar, por isso, essa cooperação aparece no latente, no imperceptível. Assim, creio que o movimento que as entrevistas geraram possivelmente levou a uma reflexão do modo de vida que levam, pois anteriormente nunca haviam feito festa e após o início da pesquisa já ocorreram duas festas: uma da comunidade e outra dos dez anos do assentamento, além da confraternização de final de ano em que aproximou mais uma vez os assentados, isso tudo organizado por eles. Isso trouxe uma certa aproximação do grupo, e a chegada dessas duas famílias, um fator externo, que desencadeou uma possível mudança nas relações no

assentamento.

A situação de conflito que se evidencia pela fofoca, pelos poder de algumas famílias sobre outras e as brincadeiras que ocorrem entre eles caracterizam a outra face da solidariedade enfocada por Morin (1984) que garante a possibilidade de um sistema vivo gerar uma possibilidade de ressignificação dessa trajetória quando ela ganha visibilidade para o grupo, conseguindo dar-se conta do que está acontecendo em suas vidas.

Outra questão pertinente, a desconstrução de estigmas, é a visibilidade da real condição da família considerada modelo e a considerando geradora de conflitos, quando se mergulha na realidade de um geoespaço de confluência humana se reconhece a verdadeira realidade que emerge descortinando o que antes era uma verdade construída pelo senso comum. O que realmente permite essa deflagração é o caminho que se constrói no campo, um caminho de observação cuidadoso e respeitoso para com os envolvidos, reconhecendo a condição que os colocou em tal situação e a condição que os coloca na transparência de suas vidas, a partir da apreensão do modo de vida singular que cada sujeito experiencia. Por isso retomo uma passagem de Hillman (2001) em que aborda a questão da imagem na qual a vida se mostra como imagem antes mesmo de haver uma história de vida. Ela pede primeiramente para ser vista. Essa sensação de prazer vivida ao entrevistar e estar com essa família considerada geradora de conflito, foi o êxtase que desencadeou esta apreciação orgástica, ao contemplar essa imagem, no entanto, mesmo se cada imagem estiver de fato preche de significados, mas analisar esses signos, sem

apreciar a imagem, teremos perdido um prazer que não pode ser recuperado nem pela melhor das interpretações. Diante desse quadro o inverso também acontece, a imagem revela o desprazer de reconhecer uma outra condição que se caracteriza por uma outra beleza diferente da representação da família modelo, quando se descobre que o modelo não existe, o que existe são realidades constituídas a partir de um horizonte possível, em ambas o sentido do aprendido é trazer a realidade à visibilidade.

Nessa caracterização de constituição identitária se reconhece que as identidades vão constituindo-se na dinâmica tensional dos conflitos, pois cada conflito potencia um devir, em que se vai ocupar diferentes lugares de sujeito, com identidades singulares naquele momento, assim como refere Hall (1997) as identidades vão se construindo nas interações relacionais, o espaço do conflito no Assentamento Sino garante essa possibilidade.

Considerando o processo de identificação fundamental no processo de relação intercultural, pois no Assentamento Sino o agregamento de diferentes culturas e diferentes individualidades numa comunidade constituiu uma mestiçagem cultural, em que irrompe o significante do viver em comunidade, esta não se configura mais como modo de vida assegurado por uma doutrina ou por uma crença essencialista que garanta uma convivência em direção a uma comunidade ideal. Aqui comunidade ganha um caráter de sistema vivo, existencial e complexo, justamente, por agregar pessoas singulares e diferentes que vivenciam relações próximas em que o conflito atua como sinalizador de situações específicas, mas que

atingem a comunidade que se insere num contexto amplo. Neste caso o Assentamento Sino é uma célula da sociedade, por isso, ao compreender o que acontece neste microlugar, potencializa a possibilidade de compreender um espaço macro. A comunidade não se constitui num espaço relacional fechado e indiferente ao todo que a envolve, ela é um sistema vivo em relação a outros sistemas vivos dentro da complexidade do cosmos.

A complexidade na qual se dão as relações sociais, no assentamento, possibilita a ressignificação da cultura, a partir da entendimento da cultura em que cada indivíduo está inserido, reconhecendo-a como resultado de uma mestiçagem cultural em que se sinaliza a relevância de um processo pedagógico que dê conta dessa questão, assim como refere Freire (1996, p. 46):

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.(...) A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não eu', ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu*.

Neste contexto reflexivo e prático em que o autor retoma questões fundamentais a serem assumidas na prática pedagógica, retomo algumas considerações já feitas e outras ainda em elaboração no que concerne ao lugar que

a cultura ocupa no processo pedagógico. Dar conta desse processo intercultural criando as condições para o que ainda está no subterrâneo do sujeito possa emergir para visibilidade a fim de ser conectado por outros vir a ser. Assim o sujeito se permite compreender-se e assumir-se enquanto possibilita a autonomia do outro, seja ele um companheiro ou o próprio mediador ou o pesquisador, que no caso me incluo, pois essa relação estabelecida com o grupo não se isenta da possibilidade de instigar um processo de ressignificação nos envolvidos, que pode garantir ou não um certo grau de autonomia.

A partir dessa compreensão sinalizo que todo processo de mediação que defendo constitui a premissa da não intervenção direta, intervir sob suspeita, no qual o processo relacional que se estabelece é que vai potencializar ou não alguma transformação, mas que esta seja gestada por cada sujeito envolvido no processo, na qual o mediador não se serve de sua condição diferenciada para impor um certo modo de pensar e agir sobre os envolvidos, pois, no processo pedagógico não há receita, não se pode transportar, por exemplo, a teoria de Paulo Freire para um grupo popular. Esses são certos modismos presentes na educação que fazem da experiência existencial de pessoas que possibilitaram a transformação em algum momento dado da história, como se isso fosse possível de ser repetido, não levando em consideração as pessoas envolvidas, sua história, sua cultura, seu devir e sua dimensão humana que emerge em conflitos singulares. Esse é o equívoco que o processo educativo assume em nome da transformação social. O respeito ao outro na relação educativa é fundamental que seja garantido, até porque o nosso horizonte de demandas pode ser diferente do horizonte de demandas dos envolvidos, muitas

vezes sou eu que quero mudar o modo de vida do outro, porque me incomoda, mas para o outro é assim que ele sabe viver, e está satisfeito com vida que leva. Como no caso do Assentamento Sino, para alguns a posse da terra foi o suficiente, não manifestam desejarem outras coisas, apenas viver como podem. Com isto não estou sendo arbitrário, pois é no processo relacional construído que se pode gerar demandas ou não. Assim, como o humano encarna em si a complexidade, suas relações interculturais vão potencializar a construção significativa de uma cultura local, com saberes locais, porém aberta ao entorno, porque a relação com o entorno interfere no todo. Porém, criar uma pedagogia que dê conta dessa vivência numa relação de troca, nos leva a abrir mão de ocupar um lugar de poder e saber em relação aos assentados. Interagir numa simbiose em que a reciprocidade seja a pedagogia de um outro olhar, nessa interação diferenciada possivelmente vai se processar ressignificações que cada sujeito envolvido vai potencializar a partir do que ele é, do que lhe foi constituindo pelos lugares de sujeito ocupados em sua trajetória de vida.

No entanto o papel que vivi como observador e em outro momento de mediador, devido a demanda de um dos sujeitos que evocou a necessidade de um encontro coletivo entre os assentados para que eu devolvesse a minha compreensão das possíveis causas do conflito e da relação estabelecida com eles. Essa devolução aconteceu em um encontro em que articulei entre eles demandas que gostariam de tratar, conversar. A partir dessas trocas fui colocando o meu ponto de vista do observado no assentamento em meio ao diálogo que se construiu, caracterizando este espaço, como refere Comerford (1999, p. 49):

um momento fundamental de participação, de democracia e de organização, uma oportunidade para que todos falem abertamente o que pensam, um espaço para tomar decisões coletivamente, (...), um espaço para tornar públicos os problemas e dilemas da organização ou de seus membros, e ainda um espaço para o aprendizado e para a conscientização através da discussão participativa, reflexiva e livre.

Assim, todas as discussões poderiam ser registradas ou gravadas como sugere Freire (1978), para que possam ser reapropriadas em outro momento para reconhecer os conteúdos que se fizeram presentes naquele momento, possibilitando que cada sujeito tome contato com o produto de sua ação e reflexão, potencializando um dar-se conta de seus próprios conflitos.

Este foi um pequeno ensaio, ao qual pretendo dar continuidade ao logo do tempo com esse grupo, caracterizando talvez um outro estudo sobre a relação do mediador e mediados. Apesar de eles saberem a minha proposta, ainda reclamam um direcionamento do que poderiam fazer no assentamento, requerem a minha presença, coloquei-me à disposição para suas demandas, após algum tempo recebi um convite para visitar um curso de corte e costura que tinha sido organizado pelas mulheres no assentamento. Talvez isso demonstre que eles ainda querem uma aprovação do que fazem. Esse é um longo caminho de avanços e retrocessos que podem ir construindo, sempre avaliando essa relação de intermediação que, tanto pode ser entre mediadores, como entre líderes locais com a comunidade envolvida. Porém, a partir desse encontro, se pode potencializar ou não uma tomada de

consciência por parte desse grupo de como estão direcionando suas vidas e suas demandas enquanto atores sociais participantes de um movimento social e especialmente de suas ações no conviver no Assentamento Sino.

Enfim, ao chegar ao término deste estudo, dou-me conta que as considerações feitas não traduzem a complexidade das variações relacionais que abarcam este lugar de pessoas, justamente pela singularidade que constitui estes assentados, por isso a necessidade de uma escuta sensível para se aproximar o máximo que se pode do grupo e compreendê-los em seus modos de vida. Compreender o jeito que somos enquanto pesquisador, mediador ou educador, compreendendo o nosso existir a partir da interação com esses sujeitos, penso que este foi um grande aprendizado para mim, enquanto pesquisador deste grupo de pessoas comuns e raras.

Apêndice

Consentimento Informado

Este documento informa que os sujeitos de pesquisa do Assentamento Sino autorizam o uso de suas informações, sob a forma de entrevistas, uso de fotografias do local e moradias, como coleta de dados para a realização do estudo da Dissertação de Mestrado **de José Carlos da Silva**, que tem como título *Conflito e Cooperação: escutas e aprendizagens no Assentamento Sino*. Os sujeitos consentem que os dados possam ser usados no banco de dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este consentimento acontece mediante a assinatura por parte dos sujeitos deste documento.

Pesquisador

Sujeito de pesquisa (entrevistado)

Nova Santa Rita, setembro de 2004

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. *La Comunicacación Intercultural*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BATESON, Gregory. *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Trad. Esp. Buenos Aires, Lohlé, 1972.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *Identidade e representação*. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. Lisboa: Ediel, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular*. Campinas : Papyrus, 1983.

_____. *Em Campo Aberto: escritos sobre educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez, 1995.

BUEY, Francisco Fernández. *Leyendo a Gramsci*. Barcelona, 2001. Edición propiedad de El Viejo Topo.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.

CETRULO, Ricardo. *Alternativas para una acción transformadora: educación popular, ciencias sociales y política*. Montevideo: Ediciones Trilce, 2001.

CHAVES, Cristiane de Alencar. *A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UFRJ, Núcleo de Antropologia da Política, 2000.

COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, G.; GUATTARI, E. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

D'INCAO, Maria Conceição; ROY, Gérard. *Nós Cidadãos: autonomia e participação popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FONSECA, Claudia Lee Williams. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. *Memória Del fuego I: Los nacimientos*. Madri: Siglo XXI, 1982, p. 256.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Tradução Vera Ribeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Ed,1997.

HILLMAN, James. *O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, José de Souza. *Travessias: estudo de caso sobre a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998.

MATURANA, H.; REZEPKA, Sima Nisis. *Formação humana e capacitação*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAX-NEEF, Manfred (Org.). *Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro*. Santiago: Cepaur, Fundación Dag Hammarskjöld, 1986.

MELUCCI, Alberto. *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, 1999.

_____. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2001.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido: a natureza humana*. 4. ed. Tradução Hermano Neves. Lisboa: Editora Europa, 1973.

_____. *Sociologia: a sociologia do micro social ao macro planetário*. Tradução Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1984.

_____. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. 2. ed. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Reforma Agrária: semeando educação e cidadania. Princípios da educação do MST. *Cadernos de Educação n. 8*. São Paulo, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Terra, escola e dignidade. Como fazemos a escola de educação fundamental. *Cadernos de Educação n. 9*. Setor de educação, 1999.

NEVES, Delma Pessanha. O desenvolvimento de uma outra agricultura: o papel dos mediadores sociais. In: FERREIRA, Ângela D. D.; BRANDENBURG, A. *Para pensar: outra agricultura*. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. p. 147-167.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCOTT, James C. Formas cotidiana de resistência camponesa. *Raízes: revista de Ciências Sociais e Econômicas*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia DA Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, v. 1, n. 1, p. 10-31, jul.-dez. 1982.

SHIVA, Vandana. *Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento*. Tradução de Laura Cardelline Barbosa de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 2001.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Impensar las ciencias sociales*. México, Madrid, Siglo XXI, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-147, 2002.